

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR Elysió de Carvalho



# HOTEL D. PEDRO

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM

Installado em

## CORRÊAS

Segunda parada adiante de Petropolis

Clima delicioso pela sua regularidade e amenidade

Não existem alterações bruscas de temperatura

Escrevei ou telephoneae para Corrêas, encomen-  
dando commodos — Telephone 9

O Hotel só acceta convalescentes ou enfraquecidos que  
não estejam contagiantes;  
não são absolutamente accetos tuberculosos ou  
convalescentes dessa molestia.

# BANCO. HYPOTHECARIO

## DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

# LIVROS ALLEMÃES

ESPECIALMENTE

## OBRAS DE SCIENCIA

DE TODOS OS RAMOS

ARTE, LITERATURA E LEITURA PARA MOCIDADE

GRANDE STOCK

EM

ROMANCES, REVISTAS, CARTÕES POSTAES, ETC., ETC.

NA

## LIVRARIA "EDANEE"

A UNICA ALLEMA PARA LIVROS, ARTE E MUSICAS  
RIO DE JANEIRO

112, RUA DA ALFANDEGA, 112

SANTOS

S. PAULO

Rua Frei Gaspar, 37-39—Telephone Central 2074

Rua Libero Badaró, 97 — Tel. Central 321—Caixa Postal, 1897

# CLICHÉS

PHOTOGRAVURA MODERNA

TEL. NORTE 462

RUA DA QUITANDA

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente  
de movimento,  
CONTAS CORRENTES  
LIMITADAS COM  
TALÃO DE CHEQUES,  
Conta Corrente a  
prazo fixo e  
Conta Corrente em moeda  
estrangeira nas  
melhores condições do  
mercado e encarre-  
ga-se da administração  
de propriedades



**FILIAES EM S. PAULO E SANTOS**

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal. 947

**24, Rua da Candelaria, 24**

**RIO DE JANEIRO**



# LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

RUAS: BETHENCOURT DA SILVA, 15 17 E 19 E TRESE DE MAIO, 74 E 76

Caixa do Correio 899 — Telephones: Central 250 e 836 — Endereço teleg.: ETIEL

RIO DE JANEIRO

Ultimas publicações:

A ISCA — Novellas de D. Julia Lopes de Almeida, brochado 5\$, enc. 6\$500.  
 A CORRESPONDENCIA DE UMA ESTAÇÃO DE CURA — de João do Rio, o saudoso Paulo Barreto, br. 3\$000.  
 AS MENTIRAS DA HISTORIA DO BRASIL — do Professor Francisco Assis Cintra, br. 4\$, enc. 5\$500.  
 AO SOM DA VIOLA — a grande obra de Gustavo Barroso (João do Norte) Folk-lore, br. 6\$, enc. 8\$000.  
 ARIADNE — de Magalhães Azeredo, da Academia, brochado 5\$, enc. 6\$500.  
 A GRANDE FELICIDADE — Romance de Theo Filho, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 BEATITUDES — Versos de Pereira da Silva, br. 4\$, enc. 5\$500.  
 COCK-TAIL — Continuação das brilhantes chronicas de Mutt Jeff, de Benjamin Costallat, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 CURIOSIDADES NORTE AMERICANAS (versão autorizada e illustrações de G. Pavis), de Otto Prazeres, br. 5\$000.  
 CAÇADORES DE SYMBOLOS — Estudos criticos de Agripino Grieco, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 DEPOIS DA MEIA NOITE... , o mais forte livro de contos de Benjamin Costallat, br. 4\$, enc. 5\$500.  
 FONTE CARIOCA — Poesias de Bastos Tigre, br. 5\$, enc. 6\$500.

HISTORIA DO BRASIL, pelo methodo confuso, humorismos de Fradique Mendes, pseudonymo, fartamente illustrada, cart. 5\$000.  
 VESPERAL, preciosos contos de Coelho Netto, br. 4\$, enc. 5\$500.  
 AS VIRGENS AMOROSAS, de Theo Filho, nova edição, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 A SABEDORIA DA INTELLIGENCIA — Pontes de Miranda, br. 5\$000.  
 UMA ESTAÇÃO EM PETROPOLIS, sensacional chronica mundana, de Chrysantheme, br. 4\$000.  
 OS ARCHIDUQUES (historia da medicina contemporanea), por Franco d'Arteval (pseudonymo de brilhante critico e estylista), br. 5\$000.  
 BACIA DE PILATOS, nova série das afamadas chronicas do Conselheiro XX (Humbreto de Campos, da Academia), colleção 1922, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 POEMAS E SONETOS, de Ronald de Carvalho (obra premiada pela Academia Brasileira), nova edição, brochado 5\$, enc. 6\$500.  
 RONDA DOS SECULOS (2ª edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5\$, enc. 6\$500.  
 O PAIZ DOS DEUSES — Aspectos, costumes e paizagens do Japão moderno, com excellentes illustrações, br. 5\$, enc. 6\$500.

## AVISO ÀS PESSOAS CHICS!

ACABAM DE CHEGAR

AS ULTIMAS NOVIDADES

DE INVERNO DO

# Barateiro Elias

RUA S. JOÃO BAPTISTA, 61

TELEPHONE: SUL 2135

## BOTAFOGO

## A MINHA DEFESA

PELO CAPITÃO GENSERICO DE VASCONCELLOS

Réplica ao Tenente-Coronel Beverina, do Exercito Argentino, a proposito da campanha contra Rosas

À venda nas Livrarias Briguiet, Garnier, Alves e Leite Ribeiro.

**PREÇO: 2\$500**

PRECISA V S. de Livros de Mecanica, Electricidade, Arte, Pedagogia, Linguistica, Historia, Medecina, Pharmacia, Sciencias Industriales e Militares, Direito, Psychologia, Sociologia, Topographia, Philosophia e Literatura?

Libreria Española

47, Rua da Alfandega, 47

Rio de Janeiro

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 17



RIO DE JANEIRO — MAIO, DE 1923



ANNO II

## A CONFERENCIA DE SANTIAGO

# A DECLARAÇÃO DE PRINCIPIOS DO BRASIL NA COMMISSÃO DE ARMAMENTOS

Damos a seguir a declaração de princípios do Brasil, lida pelo Chefe da Delegação Brasileira na Conferencia de Santiago, Dr. Afranio de Mello Franco, na commissão de Armamentos:

“VIVER EM PAZ COM TODOS OS POVOS DO MUNDO”

“Viver em paz com todos os povos do mundo é o supremo objectivo dos Estados Unidos do Brasil”.

Quando a Constituição Federal attribuiu ao Congresso Nacional a competencia privativa para autorizar o Governo a declarar a guerra, restringiu desde logo essa autorização aos casos em que não houvesse lugar ou se inalograsse o recurso do arbitramento (Art. 34, n. 11).

### A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL E O ARBITRAMENTO

“Os Estados Unidos do Brasil, em caso algum, se empenharão em guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação”, tal é textualmente a letra do art. 88 da nossa Magna Lei.

Em um seculo de vida independente, o Brasil sempre praticou a paz e se della se afastou por quatro vezes, foi sempre guiado por altos e nobres objectivos, que não desmentem e antes confirmam aquella sua constante aspiração.

Abrindo o seu vasto territorio a todos os homens, quaesquer que sejam os seus paizes de origem, equiparando-os aos nacionaes, no gozo de todos os direitos civis, o Brasil se submete tambem, expontaneamente, á jurisdicção dos seus juizes ou tribunaes federaes para o julgamento de todas as questões movidas por quaesquer alienigenas e fundadas, quer em contratos com o Governo da União, quer em convenções ou tratados da União com outras nações, bem como sujeitou á decisão dos ditos juizes ou tribunaes, quaesquer pleitos entre Estados estrangeiros e cidadãos brasileiros.

Com esses dispositivos do art. 60, letra E e F, da Constituição Federal, o Brasil assentou um dos marcos mais avançados no caminho da submissão progressiva das mais altas soberanias ao imperio definitivo e pratico da justiça organizada. Nenhum paiz do mundo levou mais longe a sua pratica do arbitramento.

### COMO O BRASIL TEM PRATICADO O ARBITRAMENTO

Em 1862, na divergencia suscitada entre os Governos do Brasil e da Inglaterra e que em nossa historia diplomatica tomou o nome de “questão Christie”, o Brasil submetteu á arbitragem do Rei Leopoldo I, da Belgica, e teve ganho de causa por sentença de 18 de Junho de 1863; no litigio secular com a Argentina, cujas negoclações se desenrolaram desde 1875 até os ultimos dias da monarchia, o Brasil se submetteu á arbitragem do Presidente dos Estados Unidos da America, Grover Cleveland, e a 7 de Fevereiro de 1895, era proferido o laudo final, nobremente acatado e cumprido pela Republica irmã e amiga; na questão, tambem secular com a França, para o dominio e posse do vasto territorio do Amapá, o Brasil, ainda uma vez, se submetteu á arbitragem do Presidente da Confederação Suissa, pelo compromisso firmado

a 10 de Abril de 1897, sendo em 1 de Dezembro de 1900 proferida a sentença arbitral a nosso favor; em 1842, surgiu o conflicto de limites entre o Brasil e a Inglaterra, nas fronteiras da Amazonia com a Guyana Inglesa, submettendo-se, ainda desta vez, o Brasil á arbitragem do Rei da Italia, pelo compromisso de 6 de Novembro de 1901, sendo proferida a sentença a 6 de Junho de 1904, e dividido o territorio contestado em duas partes, das quaes a mais extensa coube á Inglaterra.

### TRINTA TRATADOS DE ARBITRAGEM

O primeiro tratado geral de arbitragem, concluido pelo Brasil foi com o Chile, em 18 de Maio de 1899, e o segundo com a Argentina, a 7 de Setembro de 1905. Dessa data o Brasil tem assignado cerca de trinta Convenções de Arbitramento, entre as quaes se assignalam as firmadas com os Estados Unidos da America do Norte, Portugal, França, Hespanha, Mexico, Honduras, Venezuela, Panamá, Equador, Costa Rica, Cuba, Grã-Bretanha, Bolivia, Nicaragua, Noruega, China, Salvador, Perú, Suecia, Haiti, Dominicana, Colombia, Russia, Austria-Hungria, Grecia, Uruguay, e não está completa a lista dos tratados de arbitramento assignados pelo Brasil. Para a solução de reclamações de ordem puramente economica tem ainda o Brasil celebrado varias convenções, entre ellas as que firmou com Portugal, Inglaterra, Uruguay, Bolivia e Perú. E', pois, incontestavel que nenhum paiz do mundo tem levado mais longe do que o Brasil a pratica sincera, constante e leal do arbitramento.

A indole idealista do povo brasileiro, as suas tradições, o espirito da sua Constituição e de todas as suas leis, a orientação de sua politica exterior, tudo demonstra que o Brasil não ama sómente a paz, não n'a tem como um culto ou simples anhelos platonico, mas como uma pratica constante em suas relações com os outros povos.

### A FALTA DE PREPARAÇÃO MILITAR DO BRASIL

Na grande guerra de 1914-1918, em que se envolveram vinte nações, o Brasil teve de alistar-se, defendendo legitimos interesses nacionaes e direitos offendidos e violados, ao lado dos que se batem pela justiça e pela civilização. O concurso material que elle prestou aos Alliados tinha de soffrer as relatividades das deficiencias do seu poder militar, pois o conflicto nos eucontrara desapercibidos e desprecatados, vivendo como sempre vivemos, sem outras preocupações além das de mera defesa da nossa soberania e dignidade, sem cogitar de dissentimentos aggressivos, que os nossos ideaes e a pratica constante do arbitramento excluiam de um modo absoluto.

A preparação militar pessoal e organização material constitue problema que só abordamos seriamente em 1916. As nossas forças de terra e mar, que a Constituição considera instituições nacionaes permanentes, têm como unico destino, consoante o dispositivo do seu artigo 14, a defesa da patria no exterior e a manutenção das leis no interior.

O Exercito e a Armada, de accôrdo com o art. 82, paragrapho 4º, da nossa Constituição, devem compor-se, pelo voluntariado,

sem premio, e só em falta deste pelo sorteio préviamente organizado. E' pelo sorteio ou antes pela conscripção que se instruem systematicamente todos os annos, os contingentes que garantem a preparação militar e as reesrvas formadoras dos exercitos modernos e disciplinados.

Todavia, esse processo de instrução systematica, adoptado, ha mais de vinte annos por varios paizes do Continente, apenas ha sete annos foi iniciado no Brasil, e este facto, por si só e na sua singela eloquencia, basta para patentear, mesmo a um leigo, as nossas deficiencias militares.

### A LIMITAÇÃO DAS FORÇAS DE TERRA E A SITUAÇÃO DO BRASIL

Das tentativas feitas até hoje no mundo, para a limitação das forças de terra, só uma até agora chegou a resultado definitivo: a effectuada por iniciativa do Governo Norte-Americano, entre as Republicas da America Central e concretizada na Convenção assignada na cidade de Washington, a 7 de Fevereiro de 1923, pelas Republicas de Guatemala, Salvador, Honduras, Nicaragua e Costa Rica. Segundo o artigo 1º da referida Convenção, a limitação dos armamentos de terra só pôde levar-se a effecto tomando-se como base a população, a área, a extensão das fronteiras e varios outros factores de menor importancia militar; entretanto o Brasil, visinho de quasi todos os paizes da America do Sul, com uma área territorial e uma população equivalentes a quasi metade da área territorial e população desta parte austral do continente; o Brasil tem, até hoje, nos seus quadros militares, distribuida apenas uma divisão de infantaria para cada grupo de seis milhões dos seus habitantes, ao passo que para as outras nossas irmãs da America, essa proporção varia entre uma divisão de infantaria por tres milhões de habitantes. Na indicação numerica da relação existente entre os effectivos permanentes, praças e officiaes e a sua população, o Brasil conta pouco mais de um soldado por mil habitantes, e na indicação numerica da relação existente entre os ditos effectivos e a sua superficie territorial, conta pouco mais de cinco soldados por mil kilometros quadrados. Basta comparar as estatisticas para verificar-se a inferioridade desses algarismos em comparação com os coefficients de varios paizes do continente. Isto quer dizer, na eloquencia dos algarismos, que o Brasil em relação ao numero dos seus habitantes e superficie é o paiz de menor exercito na America do Sul.

Quanto aos gastos militares para as forças de terra e mar, as verbas dos nossos orçamentos são inferiores ás de varios paizes da America, convido notar que pelo systema das nossas leis orçamentarias as despesas com as classes inactivas do Exercito e da Armada, reformados de toda ordem, construcções militares e outras da mesma natureza pesam no orçamento dos Ministerios da Guerra e da Marinha, ao passo que taes despesas correm nos outros paizes por departamentos especiaes.

O numero dos reservistas instruidos, bem como o dos não instruidos, mas alistados, é inferior no Brasil ao das outras nações militarmente organizadas na America e o nosso

material de guerra está bem longe de satisfazer as necessidades do nosso pequeno exercito.

#### A LIMITAÇÃO DAS FORÇAS NAVAES E O BRASIL

Quanto ás forças de marinha, não menos precaria em sua realidade, é a situação do Brasil em face das condições a que se refere o artigo 8º, do Pacto das Nações, de que somos signatarios.

A questão do desarmamento naval, na phase posterior á conflagração européa, teve sua origem naquelle artigo do referido pacto, no qual se reconhece a necessidade de serem taes armamentos fixados no minimo compativel com a segurança nacional e com a execução das obrigações internacionaes impostas por uma acção commum, tendo-se sempre em vista a situação geographica e as condições especiaes de cada Estado.

Com uma organização naval inferior ás necessidades da sua segurança e ás condições da sua situação geographica, teve o Brasil entretanto, na sua qualidade de membro da Sociedade das Nações, de tomar parte nas discussões que se succederam á assignatura do mencionado pacto e cujo objectivo era a redução dos recursos navaes das grandes potencias, augmentados desmedidamente pelas injuncções creadas em virtude da propria guerra.

O Brasil se recusou a tratar dessa materia na Liga das Nações, sem embargo de não ter para elle o problema os mesmos aspectos que revestia em face das potencias que haviam elevado, ao maximo da sua expansão, o respectivo aparelhamento naval.

#### O PROBLEMA NAVAL NA LIGA DAS NAÇÕES

Comparecendo á primeira assembleia da Sociedade das Nações, teve o Brasil de negar o seu assentimento á proposição feita para que os paizes filiados áquella Sociedade não excedessem nos exercicios de 1922 e 1923, os seus orçamentos militares de 1921, visto como não seria admissivel que, paiz novo, animado de um profundo sentimento pacifista, que o tem impedido de desenvolver convenientemente o seu poder militar, afim de pol-o ao nivel do minimo compativel com a sua defesa e segurança, fosse adherir a uma providencia cujo unico objectivo era o de impedir que as grandes nações super-armadas, ampliassem ainda mais os seus exercitos de terra e mar, compromettendo irremediavelmente o estado, já precarissimo, das finanças do mundo, a tranquillidade das populações exgotadas e a propria paz entre os povos.

A justificação desse voto do nosso paiz foi feita pelo Dr. Rodrigo Octavio, nosso representante, e nella se lêem as seguintes palavras: "Certamente o Brasil é um paiz liberal e pacifico, nada tendo de imperialismo ou militarismo, mas seu territorio é consideravel, suas costas são muito extensas e para as suas necessidades interiores precisa ter marinha de guerra e exercito".

O representante do Brasil lembrou, muito opportunamente, a nossa indole pacifica e nossa pratica da arbitragem, recordando tambem que não temos contendas internacionaes de qualquer especie e que mantemos as melhores relações com todos os paizes visinhos e todos os povos da terra.

Na segunda assembleia, respondendo á carta do Secretario Geral, datada de 8 de Março de 1921, o representante naval brasileiro declara o seguinte: "Os orçamentos naval, militar e aereo do Brasil são actualmente muito reduzidos, em razão da crise financeira e insufficientes quanto ás necessidades da segurança e defesa do paiz".

O Brasil não está nas mesmas condições da maior parte das grandes potencias, que, no decurso da recente guerra renovaram completamente seu material e melhoraram as condições de suas defesas nacionaes, de accordo com os ensinamentos e as necessidades da guerra.

Eis a razão pela qual o delegado do Brasil declara não poder adoptar o voto da assembleia, relativo á reduccão dos orçamentos militares."

Os resultados minimos a que chegára a primeira assembleia, offerecendo, como conclusão dos seus trabalhos, um simples voto piamonico que não logrou o apoio de todos os delegados e algumas resoluções tendentes á realização de estudos preliminares, sem effeito algum sobre o poder militar effectivo dos povos, não deixam de ser uma decepção

para os que esperavam da dita assembleia decisões que trouxessem á humanidade melhores dias de fraternidade e de paz.

Afim de estudar os problemas do desarmamento a assembleia de 1920 creou a commissão temporaria mixta, presidida pelo senhor René Viviani, o qual foi de opinião que se não devia perder de vista, nos trabalhos da commissão, o elemento da segurança nacional, expressamente prevista no artigo 8º do Pacto das Nações. Essa commissão funcionou durante os trabalhos da segunda assembleia, reunida em 1921.

#### A POPULAÇÃO, A SUPERFICIE, AS FRONTEIRAS E OUTRAS CONDIÇÕES DE CADA PAIZ

No questionario elaborado por essa commissão, para abordar o problema da reduccão dos armamentos, de accordo com o artigo 8º do Pacto, foi proposto um inquerito esta-

#### A ESTATUA DE RUY BARBOSA

Os representantes de quasi todos os paizes da America, reunidos no Quinto Congresso Pan-Americano, acclamaram, de pé, a proposta da delegação uruguaya, mandando erigir no Rio de Janeiro, e em Buenos-Ayres, as estatuas de Ruy Barbosa e Saenz Peña, com o addendo da delegação da Republica de São Domingos, incluindo no projecto o levantamento em Montevideo de uma estatua a Gonzalo Ramirez e Cesteros. Essa homenagem do Continente a 3 pró-homens da America do Sul sobreleva o commum das cortezias diplomaticas e mostra o interesse em dignificar a gloria dos que trabalharam para a paz e a concordia dos povos dessa terra nova. Saenz Peña foi um professor de direito e, na sua carreira politica, sempre se empenhou pela cordialidade americana e certa vez proclamou que "os nossos povos não têm rivalidades egoisticas, a não ser as que passam da sua independencia." Cesteros foi o glorioso inspirador do Congresso Internacional de Montevideo, em 1889. Ruy Barbosa foi Ruy Barbosa. Fundindo essas estatuas com o bronze de canhões, a America dá uma lição de moral a todo o mundo e, assim como foi a voz de Ruy Barbosa que falou alto em Haya, em 1907, e em Buenos Ayres, em 1917, mostrando ao mundo a grandeza do continente latino-americano, nesta assembleia augusta, reunida para a paz e pela paz, é justa a honra á memoria dos denodados trabalhadores do ideal americano.

Essa estatua, que em breve a America inteira plantará na nossa cidade, vai ser um altar, um grande altar do direito e da liberdade, e o heróe que se glorifica na immortalidade ha-de ser o genio bemfazejo de todo o mundo novo, um exemplo, um symbolo, uma perfeição!

tistico, a ser feito em cada Estado, e no qual se deveriam levar em conta a população, a superficie e a extensão das fronteiras terrestres. Na terceira e ultima reunião da assembleia da Liga das Nações foi que se cogitou da extensão do Tratado de Washington, de 6 de Fevereiro de 1922, aos outros paizes não signatarios.

O projecto apresentado pelos representantes da Inglaterra, França e Italia á commissão temporaria mixta, foi remetido á commissão permanente consultiva para que a sua sub-commissão naval estudasse e apresentasse seu parecer tecnico sobre tão importante assumpto. Perante a mesma sub-commissão a attitude do Brasil foi definida pelo seu delegado naval, que se oppôz ao mesmo projecto, por ser contrario aos interesses da defesa e segurança do nosso paiz. Aos paizes cujas condições eram completamente diversas das em que se achavam os Estados signatarios do Tratado, a tonelagem, attribuida ao Brasil e á Hespanha foi julgada pelos representantes desses paizes como não correspondendo á sua situação geographica, importancia e segurança nacional pelo que propuzeram elles que a discussão dos projectos apresentados fosse baseada nos

principios que regem o artigo 8º, do pacto da Sociedade das Nações.

#### O PROBLEMA DOS ARMAMENTOS NA AMERICA DO SUL E NA HESPANHA

O Sr. Rivas Vicuña, representante do Chile na commissão temporaria, tambem já havia declarado que os coefficientes propostos para os paizes da America do Sul não correspondiam á sua situação e importancia. Tendo sido rejeitada pela maioria da sub-commissão naval a these apresentada pelos delegados da Hespanha e do Brasil, em que propunham estabelecer-se o limite dos armamentos dos membros da Sociedade das Nações, por meio de comparações convenientes, baseadas sobre a posição geographica e as condições previstas no artigo 8º do pacto, julgou o delegado do Brasil ser-lhe impossivel continuar a collaborar no exame dos diversos projectos apresentados á commissão, por serem os mesmos contrarios ás exigencias da situação geographica e a segurança do seu paiz.

O projecto de tratado apresentado pela sub-commissão naval para a extensão da Convenção de Washington aos paizes não signatarios foi remetido á commissão temporaria mixta, que, depois de examinal-o, adoptou uma resolução, recommendando ao Conselho a extensão dos principios da limitação dos armamentos navaes aos Estados não signatarios do tratado, mas membros da Sociedade, e chamou attenção do mesmo Conselho para a oportunidade de estender aquelles principios tambem aos Estados estranhos á Sociedade das Nações.

Submettida essa recommendação á consideração da terceira assembleia, reunidos em Genebra, no mez de Setembro de 1922, foi ella remetida á sua commissão de armamentos, na qual o Brasil foi representado pelo Embaixador Regis de Oliveira e pelo Contra-Almirante Penido. Nessa occasião o referido Embaixador expôz o ponto de vista do Brasil relativamente á extensão da Convenção de Washington aos outros paizes não signatarios, mostrando que a situação de seu paiz era muito differente da dos Estados signatarios, e que a marinha do Brasil era insufficiente para as necessidades de sua defesa. Entretanto acrescentou que a sua attitude não queria significar opposição á possibilidade de achar-se uma fórmula pratica e aceitavel para a extensão dos principios pactuados em Washington.

Ao ser votada pela assembleia a proposição emanada da commissão temporaria dos armamentos, o representante do Brasil declarou que o seu governo aceitava, em principio, a convocação de uma conferencia internacional para examinar o problema de armamentos navaes, se ficasse, bem entendido, que as resoluções que della resultassem, se não afastariam da letra e do espirito do artigo 8º do Pacto das Nações.

#### PORQUE NÃO SE PODE APPLICAR O EXEMPLO DA CONVENÇÃO DE WASHINGTON

Justificando o seu ponto de vista, declarou o Delegado do Brasil que a Convenção de Washington foi realzada entre nações que haviam alcançado mais alto grau de potencia naval e que por consequencia podiam reduzir-a sem sahir dos principios estabelecidos no artigo VIII, do Pacto, isto é, ao minimo compativel com a segurança nacional. Já os Delegados Technicos da Hespanha e do Brasil, unicos representantes das nações interessadas na sub-commissão naval, da Commissão Consultiva Permanente, mostraram de modo preciso que o projecto de tratado em questão não teria probabilidade de exito se não se apolasse sobre as disposições do artigo VIII, do Pacto. O Almirante Marquez de Magaz, declarando-se disposto a aceitar as linhas geraes do projecto, fez reservas que, em essencia, coincidiram com as razões pelas quaes o Almirante Penido se recusa a collaborar no dito projecto.

O eminente Sr. Vivas Vicuña, Delegado do Chile, emittio tambem reservas sobre os coefficientes propostos para os paizes da America, cujos effectivos não correspondem á sua respectiva situação e importancia. Se o nosso objectivo é chegar a collocar as nossas propostas em terreno pratico, por meio de um accordo geral, lembremo-nos do que disse Lord Robert Cecil "nenhum projecto de reduccão de armamento poderá chegar a resultado se não fór geral".

Devemos assignalar aqui que quando foi votado na sub-commissão naval da Commissão Permanente Consultiva o artigo IV que fixava a tonelagem total dos navios de linha de substituição calculada conforme o deslo-



camento, a Delegação Franceza, de accordo com a maioria dos representantes das potencias signatarias, apresentou a seguinte nota que foi approvada e incluída no texto do projecto de Convenção:

"Tout en ayant rédigé l'article 4, en conformité des principes du "statu quo", la majorité des membres de la sub-commission navale croit devoir appeler l'attention du Conseil sur l'inégalité qui en résulte entre les forces navales respectives des trois états sud-américains, Argentine, Brésil et Chile, alors qu'ils estiment que ces trois Etats devraient logiquement avoir des forces navales mieux équilibrées, dont le tonnage total en navires de ligne, ne devrait toutefois rester inférieur à quatre-vingt mille".

#### A ORIENTAÇÃO POLITICA DA LIGA DAS NAÇÕES

Os trabalhos desta Conferencia Internacional Americana para a redução dos armamentos não se podem isolar da orientação politica da Sociedade das Nações e disto bem se apercebeu a III Assembléa daquella sociedade, como se vê pelo adiamento que deliberou da discussão deste assumpto até á resolução da mesma actual Conferencia Pan-Americana. Tendo sido proclamados na resolução XIV, da III Assembléa da Sociedade das Nações, os principios que devem reger a questão de limitação de armamentos, todos os que somos membros da dita sociedade de vemos pautar a nossa conducta por aquelles preceitos approvados, porque não podem co-existir duas orientações differentes sobre o mesmo assumpto. Aquella resolução declarou em verdade que os Governos não podiam assumir a responsabilidade de uma séria redução de armamentos, a menos que não recebessem em troca uma garantia satisfactoria para a segurança dos seus paizes.

#### O QUE É HOJE A MARINHA DO BRASIL

Estendendo-se por um littoral de cerca de 3.600 milhas, com uma superficie quasi igual á da Europa, com uma linha de costas de extensão quasi igual á distancia que separa, em certo ponto, a Europa da America Meridional, com uma rede ferro-viaria deficiente e sem ter entre muitos dos seus Estados outra via de comunicação que não a marítima; com instituições politicas do mais amplo federalismo e em que a autoridade do Poder Central não pôde exercer-se nas mais apartadas regiões do seu territorio, senão pelas forças de terra e mar, o Brasil não teve até hoje uma Marinha adequada ás suas necessidades e nem completou o seu programma naval de 1906, pois que o seu terceiro *dreadnought*, o "Rio de Janeiro", quasi concluído foi cedido á Turquia e seus tres monitores o foram á Inglaterra, no principio da grande guerra européa e não chegando sequer a ser iniciada a construcção do "Riachuelo", que se pensava fazer por subscrição popular. Os seus dous navios capitaes "Minas Geraes" e "S. Paulo" já estão com a metade da sua eficiencia decorrida, segundo o prazo para isso fixado no Tratado de Washington. Além destes, o Brasil só possui dous velhos guarda-costas, tres cruzadores, tres submarinos e onze destroyers, os dous primeiros construídos ha mais de 24 annos e os demais já antiquados e sendo todos de fracas qualidades combativas. Não obstante esta precariedade de condições que aqui sómente se esboça, o Brasil não se recusou jámais a estudar com os seus irmãos da America uma formula justa e equitativa para a limitação dos seus armamentos navaes e disto deu sempre provas evidentes, tanto na Sociedade das Nações como nos trabalhos desta conferencia e nos seus antecedentes.

#### A DIFFICULDADE DE UMA SOLUÇÃO

Comparecendo a esta V Conferencia Internacional Americana, o Brasil se dispoz a discutir com as suas irmãs os problemas communs em beneficio do progresso e bem estar colectivo da America; não tinha e não tem reserva alguma sobre os pontos do programma; prompto a ouvir o que fosse suggerido e inspirado pelos principios que sempre o guiaram, de amizade e harmonia com as Republicas do Novo Mundo e com todos os povos da terra.

Difficil, entretanto, é encontrar-se uma base unica e igual para ser applicada a tantos paizes de condições peculiares tão differentes.

Basta reflectir como fixar-se uma tonelagem unica de navios capitaes a todas as nações do Continente Americano, quando entre ellas algumas ha, como as Republicas da America Central, que já concordam em não ter Marinha de Guerra; como applicar-se uma regra invariavel e unica a paizes em condições geographicas tão desiguaes, sem violar flagrantemente os principios proclamados no Artigo VIII do Pacto das Nações. Para que se possa fazer uma distribuição de tonelagem de accordo com as necessidades e condições de cada paiz, será preciso um estudo detalhado da situação de cada um, o que não nos parece possível fazer-se em conferencias da natureza desta, em que nos encontramos. A fixação de uma tonelagem unica, suggerida na proposta da illustre Delegação Chilena, parece antes applicar-se e ter visado apenas os tres paizes que possuem maior Marinha de Guerra na America Latina: a Argentina, o Brasil e o Chile. Mas se isto assim é, mais logico seria que o assumpto fosse resolvido em entendimentos posteriores entre os referidos paizes, como tão opportunamente propoz o illustre delegado de Honduras.

#### AS BASES FUNDAMENTAES DO PONTO DE VISTA BRASILEIRO

A Delegação do Brasil no entanto quer deixar patente aqui, que o seu paiz não está longe, antes deseja aceitar um accordo entre as Republicas do Continente quanto ao aparelhamento naval. Para isso o seu ponto de vista obedece ás seguintes bases fundamentais:

1° — Limitação da tonelagem dos navios capitaes, durante cinco annos, em oitenta mil toneladas;

2° — Considerar como navios capitaes actualmente existentes na America do Sul, os do typo *dreadnought* e conforme a definição da parte IV, do art. II do Tratado n. 1, assignado em Washington, a 6 de Fevereiro de 1922, os que da data da convenção a assignar-se em diante vierem a ser construídos ou adquiridos, desde que tenham um deslocamento maior de 10.000 toneladas ou sejam armados com um ou mais canhões de calibre superior a oito pollegadas;

3° — No calculo da tonelagem total, fixada para os navios capitaes, se incluirão sómente os navios actualmente existentes do typo *dreadnought*, "Minas Geraes", "São Paulo", "Moreno", "Rivadavia" e "Latorre"

4° — Os outros actuaes navios de combate, que não sejam do typo "dreadnought" isto é, os couraçados guarda-costas e cruzadores couraçados, não poderão ser conservados em serviço, depois de adquiridos novos navios capitaes, quando fôr por estes attingido limite de 80.000 toneladas, afim de que não seja excedido o referido limite; entretanto aquelles navios poderão ser utilizados para outros fins que não sejam os do seu emprego na guerra, desde que lhes sejam

applicadas as regras da desclassificação dos navios de guerra, contidas na parte II.

5° — A não limitação de tonelagem dos demais navios de guerra de superficie ou submarinos, bem como dos que se destinarem á defesa das costas, ao uso da aviação, ao emprego das minas submarinas; dos auxiliares e de flotilhas fluviaes, assim como tudo quanto se refere á organização defensiva das costas.

O limite proposto de 80.000 toneladas para os navios capitaes foi o mesmo que a sub-comissão naval da Comissão Permanente Consultiva da Liga das Nações julgou justo afim de melhor equilibrar as marinhas das tres Republicas irmãs, Argentina, Brasil e Chile.

#### PORQUE O BRASIL PROPOZ A CONFERENCIA PRELIMINAR DE VALPARAIZO

Quando propoz aos Governos amigos da Argentina e Chile a Conferencia Preliminar de Valparaizo, o Brasil previa quanto seria difficil qualquer entendimento geral sobre uma base fixa e unica a ser applicada a paizes tão numerosos e de condições peculiares tão differentes.

Foi pelo desejo de chegar a uma accordo justo e equitativo com as duas grandes Republicas irmãs, para a fixação das suas forças navaes, que o Brasil propoz aos dous Governos amigos um entendimento prévio a ser submettido posteriormente á decisão desta Conferencia. As difficuldades em que nos achamos para encontrar uma formula de limitação naval, applicavel a tantos paizes, alguns dos quaes, por convenções realizadas, abriram mão de quaesquer forças de mar, provam agora quanto eram fundadas as nossas previsões. Não obstante, o Brasil não se desliga dos compromissos que assumio e está prompto a negociar em qualquer tempo, de Chancellaria a Chancellaria, em ajuste, com um ou mais paizes americanos irmãos, pactos de limitação de armamentos navaes, sobre uma base justa e praticavel, resguardadas as condições reciprocas da segurança nacional.

#### OS ARMAMENTOS TERRESTRES

Quanto aos armamentos terrestres, o Brasil lembra que o tratado de Washington, de 6 de Fevereiro de 1922, não abrangiu esse assumpto e que até hoje, o unico ajusté internacional sobre tal materia, foi a Convenção entre as Republicas centro-americanas, firmada na mesma cidade de Washington, a 7 de Fevereiro de 1923, na qual foram tomadas em consideração a população de cada paiz, sua área territorial e a extensão das suas fronteiras. Na discussão do programma da Conferencia de Washington, o primeiro Ministro francez Aristides Briand, concordou na diminuição do numero dos navios offensivos ou navios de ataque capital, "ships"; quanto aos navios defensivos (cruzadores ligeiros, torpedeiros e submarinos) elle declarou que ao Governo Francez seria impossivel aceitar a limitação. A idéa que domina a Conferencia, dizia elle, é a de restringir os armamentos offensivos e custosos, mas acreditava que não estaria em seu programma restringir para uma nação como a França, com uma extensão tão grande de costas e numerosas colonias longinhas, os meios essenciaes ás suas comunicações e á sua segurança.

#### CONCLUSÕES

Não é outro o argumento de justiça em que se assenta o ponto de vista do Brasil. Pelos navios de ataque é que se mede a força offensiva das esquadras e, como o Brasil deseja a paz com toda a sinceridade e nella deposita a sua mais ardente fé, não pôe duvida em concordar com as potencias amigas a fixação da tonelagem maxima dos navios capitaes, conservando a sua liberdade de acção para os navios defensivos, construcção e complemento de bases navaes e organização defensiva das costas.

Do dogma fundamental de igualdade juridica dos Estados soberanos, pelo qual nos batemos, na segunda Conferencia de Haya, decorre a confiança que têm todos os povos no sentimento geral de equidade e na força do principio de justiça universal, que não permitem impôr a quem quer que seja, homens ou Estados, decisões julgadas incompativeis com a sua segurança, a sua honra ou a sua liberdade."

#### O THEATRO FUTURO

Considero a forma de theatro, que acaba de reinar, quasi sem contestação, durante cincoenta annos, morta, definitivamente morta, e assim o espero.

Quanto ao Theatro historico ou social, tenho-lhe horror, mas isso, é apenas opinião particular.

Emfim, posto de lado o theatro mundano, sentimental, a peça historica e social, o campo ainda é immenso e permanece inexplorado. A arte dramatica, que se tornára ao mesmo tempo extremamente mediocre em qualidade e abundante em quantidade, retomará talvez o seu honesto lugar entre os divertimentos do espirito, mas um lugar reduzido. O cinema movido e rapido convém melhor á nossa época do que o theatro propriamente dito, sempre mais pesado por causa das palavras, onde a escala dos personagens e o angulo de vista não mudam, o que no fundo, choca a nossa representação intellectual do mundo.

ALEXANDRE ARNOUX.

# A SITUAÇÃO DO BRASIL SEGUNDO A MENSAGEM DO PRESIDENTE

Afastando-nos da parte politica, que constitue a sua introdução, passamos a dar os indices da nossa situação, segundo os dados da mensagem do Presidente da Republica, na abertura da 3ª sessão da 11ª Legislatura do Congresso Nacional.

## FAZENDA

Assim se inicia este capítulo da mensagem:

"A vida financeira do país continua a merecer a maxima attenção do Governo. Embora seja ainda penosa, temos confiança em vencer breve as suas maiores difficuldades por uma politica de ordem e pela pratica da mais rigorosa economia. Exposta singelamente a situação financeira logo depois que assumimos o governo, conhecida em globo e em todos os seus pormenores, foi traçado um plano que vai sendo fielmente executado. Esse plano de restauração, sem emissão de papel-moeda e sem emprestimo externo, repousa em dois fundamentos capitais: fortalecer o credito publico e organizar o credito bancario para maior expansão da economia nacional. São estas as duas grandes forças propulsoras da prosperidade das nações. Para o fortalecimento do credito publico urgia, em primeiro lugar, consolidar a elevada divida fluctuante que nos onera. Estamos aparelhados para realizar esta obra dentro de poucos mezes, ficando grande parte de tal divida definitivamente consolidada e outra parte collocada em condições de esperar oportunidade para uma operação a longo prazo em boas condições".

Depois, a mensagem diz que trata o Governo de revigorar o credito publico pela regularização da vida orçamentaria e pretende desenvolver a industria do carvão de pedra e do ferro, para depois expor o seguinte sobre os orçamentos do ultimo triennio: "A necessidade inadiavel de estabelecer a ordem e conseguir o equilibrio da situação orçamentaria está demonstrada, á evidencia, pelo simples exame das operações de 1920 e 1921 e dos dados, alias, incompletos, de 1922. O "deficit" avultou de uma forma impressionante e o serviço da divida publica já vai absorvendo metade da receita arrecadada. Em 1920, a receita orçada importou em 119.452:949\$440, ouro, e 514.258:200\$, papel, quando, segundo a demonstração abaixo, a arrecadação attingiu os totaes de, ouro, 141.539:800\$873, e, papel, 554.538:097\$896. A despeza, em 1920, fixada nos limites de 74.040:863\$668, ouro, e réis 699.410:628\$559, papel, comparada com a que foi realizada, nos totaes de 153.590:067\$363, ouro, e 827.708:050\$030, papel, mostra que houve o excesso, nos dispendios, de, réis 79.549:203\$695, ouro, e 228.297:421\$471, papel. Apesar, pois, de ter havido a maxima arrecadação nesse exercicio, em que ella ultrapassou os totaes das previsões, a despeza effectuada apresentou grande excesso sobre a receita arrecadada, como se vê do seguinte cotejo dos algarismos respectivos: Receita arrecadada, ouro, 141.539:800\$873, papel, réis 554.538:097\$896; despeza realizada, ouro, réis 153.590:067\$363, papel, 827.708:050\$030. "Deficit", ouro, 12.050:266\$490, papel, réis 273.169:952\$134. Convertida em papel a parte ouro, á taxa média annual de 14 d. por 1\$, obtem-se a importancia de 23.239:799\$659 que, adicionada á parte papel, indica a existencia do "deficit", papel, de réis 296.409:751\$793.

Quanto ao exercicio de 1921, a situação não offerece melhor aspecto, por isso que, ao contrario do que succedeu no exercicio anterior, houve grande depressão nas rendas, ficando a arrecadação muito aquem da previsão. A receita orçada importou em, ouro, 108.439:500\$ e, papel, 671.154:000\$, ao passo que as rendas arrecadadas attingiram, apenas, as cifras de, ouro, 76.403:040\$713, e, papel 510.637:787\$509.

Por sua vez, a despeza, fixada nos totaes de, ouro, 75.660:840\$429 e, papel em réis 719.495:708\$940, foi realizada com as cifras de, ouro, 82.634:040\$082 e, papel 913.954:733\$204. Comparadas a receita arrecadada e a despeza realizada, resulta: receita arrecadada, ouro, 76.403:040\$713, pa-

pel 510.637:787\$509; despeza realizada, ouro, 82.634:040\$082, papel, 913.954:733\$204. "Deficit", ouro, 6.230:999\$369, papel réis 403.316:945\$695. Feita a conversão da parte ouro, á taxa média annual de 8 d., por 1\$, e adicionado o resultado á parte deficitaria em papel, o total do "deficit" será representado pela cifra de 424.515:318\$565. Por se tratar de exercicio ainda não encerrado e, por não estarem, pois, definitivamente, apuradas as operações de receita e despeza, não é possível em estudo comparativo entre os recursos e os dispendios á conta do exercicio de 1922. Existem, entretanto, informações que permitem ligeira analyse sobre a receita. Comparando a orçada com a arrecadada, e representando estas pelas importancias de, ouro, 74.266:941\$376 e, papel, 568.944:149\$201, ao passo que as previsões concorrem com os totaes de, ouro, 92.276:320\$000 e, papel 727.673:000\$, resultam as differenças, para menos, em relação á receita orçada, de, ouro, 18.009:378\$624, e, papel, 158.728:850\$799. Póde-se entretanto, afirmar desde já que taes recursos não foram suficientes para fazer face aos compromissos do exercicio, por isso que somente as despezas constantes das tabellas dos varios Ministerios e fixadas pela lei n. 4.555, de 10 de Agosto ultimo, se expressam pelas cifras de, ouro, 85.931:211\$579 e, papel, 831.193:762\$780, não levando em consideração, os dispendios extraordinarios que correram á conta do exercicio e foram autorizados por dispositivos da referida lei.

Allude em seguida á divida externa fundada, que não soffreu alteração sendo seu estado, em 31 de Dezembro de 1922, representado por titulos no valor de libras 102.832.344-00-00, Francos 332.249.500,00 e \$ 68.491.833,34, em circulação.

A divida interna fundada, em igual data, era 1.551.742:300\$, accusando um augmento de 207.384:000\$ sobre os algarismos em 31 de Dezembro de 1921. Sobre a divida fluctuante, declara o Presidente, que apesar de ser superior a 900 000 contos., conta o Governo vencer brevemente a difficuldade que representa, pois remodelado o Banco do Brasil serão pagos 300.000 contos, com a transferência do ouro pertencente ao Thesouro, e, quanto ao resto o Governo conta resgatar o opportunamente, parte por uma operação de credito externo e parte por outra operação interna, a largo prazo, resolvendo dest'arte a crise que esse "deficit" representa para a administração.

Sobre o commercio externo, a Mensagem estuda o seu desenvolvimento, e as difficuldades resultantes da baixa do cambio, sendo compensada a desvalorização de nossa moeda pelo augmento dos preços.

O artigo que mais contribuiu para o desenvolvimento do volume de exportação foi o assucar, com 252.111 toneladas, o que se não registava desde 1883, e, quanto ao valor, em papel-moeda, e maior augmento foi o do café, cuja exportação excedeu a de 1921, de 485.101:000\$000.

E' este o quadro da nossa exportação commercial:

Annos	Quantidade em 1.000 toneladas	
	Importação	Exportação
1919	2.779	1.908
1920	3.276	2.101
1921	2.578	1.919
1922	3.263	2.121

Annos	Valor em contos de réis	
	Importação	Exportação
1919	1.834.259	2.178.712
1920	2.090.633	1.752.411
1921	1.689.839	1.709.722
1922	1.652.630	2.332.034

Equivalente em  
£ 1000

Annos	Equivalente em £ 1000	
	Importação	Exportação
1919	78.177	130.085
1920	125.005	107.521
1921	60.468	58.587
1922	48.641	68.578

Nesta parte da Mensagem, o Governo estuda minuciosamente as diversas repartições sujeitas a este Ministerio, a reforma tributaria, Código Aduaneiro, etc. Embora na Introdução, cabe referir aqui o que diz a Mensagem sobre o cambio, nestes termos:

"A situação cambial, explicavel por causas naturaes e, em menor escala, por causas artificiaes, terá necessariamente de melhorar assegurada a ordem publica, normalizada a crescente exportação dos nossos productos, defendidos nos seus preços, a balança commercial tenderá a apresentar maiores saldos, que melhorarão sensivelmente as condições da balança internacional de valores e, consequentemente, o nosso cambio.

A ordem nas finanças, a severa economia orçamentaria e a restricção de importação para serviços federaes concorrerão effizantemente para esse resultado

Por outro lado o Governo não deixará de exercer rigorosa fiscalização para reprimir a especulação qualquer que seja a sua modalidade. As providencias adoptadas e outras em via de execução tenderão a fazer cessar, quanto possível, a instabilidade das taxas cambiaes, mais funesta para a economia nacional do que a propria desvalorização do meio circulante."

## INTERIOR

Refere-se a Mensagem neste capítulo, a reforma do processo civil e penal, á urgencia de adopção do Código Commercial e de reformo do Código Penal, fazendo a resenha de varios serviços superintendidos por esse ministerio.

Salientemos os pontos capitales desta parte da Mensagem. Reforma do ensino secundario e superior, em elaboração, com o preoccupação fundamental da escolha dos professores, processo mais efficiente de ensino e melhor seriação dos cursos. Sobre o ensino primario o Governo nos dá a noticia auspiciosa de que "procura remover as primeiras organizando um plano de entendimento com os Estados, no qual deve predominar, a par da disseminação das escolas, a efficiencia da respectiva fiscalização e a uniformidade dos programas de ensino"

Quanto á Saúde Publica, mostra o desenvolvimento dos serviços e as difficuldades que apresenta, entre as quaes a nossa deficiente organização hospitalar, confessando, dolorosamente, que "a cidade do Rio de Janeiro ainda não possui um unico leito para hospitalização de crianças!" Chama a attenção do Legislativo para varias questões atinentes á saúde publica, inclusive o do commercio do leite, evitando o monopolio e facilitando a fiscalização do governo. Tambem a hygiene industrial deve merecer o estudo do Congresso.

## EXTERIOR

Declara a Mensagem que "a paz e a concórdia têm sido e continuam, felizmente a ser os nobres fins collimados pela politica exterior do Brazil e o serão perennemente para a fortuna do povo e honra de seu Governo."

Refere depois as missões especiaes que vieram ao Brazil, por occasião do Centenario salientando as visitas do Secretario de Estado norte-americano, Charles Hughes, do Presidente de Portugal, a passagem pelo Rio do Presidente Alvear, a ida a Montevideo de um Embaixador brasileiro para representar o Brazil na posse do Presidente Serrato. Passa depois a estudar a 5ª Conferencia Pan-Americana, reproduzindo *mutatis mutandis* a exposição do Embaixador Mello Franco, que damos noutro local, sobre o ponto de vista brasileiro na questão dos armamentos. Por fim a Mensagem falla da Comissão Interna-



cional de Jurisconsultos, da Comissão de Reparções, da liquidação com a Alemanha da dívida de guerra, do afretamento de navio a França e da Liga das Nações, passando em revista os interesses brasileiros nesses casos.

**GUERRA**

Principia este capítulo com o seguinte tópico:

O Governo está, nos termos do n. XXII do art. 46 da lei n. 4.632 de 6 de Janeiro último, autorizado a reorganizar o Exército. Fal-o-ha, consoante os melhores conselhos da experiencia, num programma desambicioso, traçado honestamente dentro dos nossos recursos. Não se trata, portanto, de uma reforma radical, senão de meras alterações que a pratica do serviço está exigindo. Quer dizer que o Governo não está animado do proposito de renovar todas as cousas, sem maior exame. Não é por outro parte possível desassociar da obra economica a obra militar em seus tres aspectos, material, intellectual e moral. Dahi a iniludível necessidade do concurso de todas as energias para prover á criação das industrias militares á formação da tropa, á educação do patriotismo. Os nossos estabelecimentos fabris que estão a reclamar a mais desvelada sollicitude devem ser remodelados de modo que assegure o rendimento que se póde legitimamente esperar com a exploração das fontes de materia prima e a utilização systematica da energia hydraulica. Avuita ahi, dest'arte, a siderurgica cujas serias dificuldades nos cumpre vencer com decisão e vigor.

Depois o Presidente mostra o estado dos serviços, saliantando a aceitação do serviço militar, que não representa mais um onus, sendo o cumprimento entusiastico de um dever patriótico.

**MARINHA**

Apezar das condições financeiras continuarem a protelar a solução dos nossos problemas de defesa naval, assegura a Mensagem, que a Marinha atravessa uma fase de trabalho, de que muito se deve esperar. Diz que foram iniciados alguns trabalhos mais urgentes, quaes sejam as obras do futuro Arsenal da ilha das Cobras, a construção de centros aeronauticos, reparos do material fluctuante, etc. A par disso procede-se a revisão dos regulamentos, de accordo com as lições decorrentes da grande guerra. Depois escreve o Presidente:

"Providencias mais energicas, porém, reclamam os serviços navais para que possam attender com segurança á defesa de nosso immenso litoral, pontilhado de portos indefesos e entregues ao pacifico intercambio de nossos productos com os das outras nações. Ellas dizem respeito, principalmente, á renovação do material da esquadra, envelhecido por mais de dez annos de continuos exercicios e reparos; á ampliação dos serviços auxiliares de aviação, sub-marinos e defesa: minada que a maioria dos technicos indica como destinados a desempenhar papel preponderante e talvez decisivo nos futuros conflictos; á installação de algumas bases ao longo da costa, onde possa a esquadra encontrar os elementos indispensaveis á sua manutenção e apoio, além do proseguimento activo e ininterrupto dos trabalhos do futuro Arsenal do Rio de Janeiro; e, finalmente, á solução dos dous maiores problemas da economia e progresso nacionaes — das industrias siderurgica e carbonifera, que nos tornarão independentes dos mercados estrangeiros quanto a construção naval, e serão uma das bases em que se ha de firmar a maior grandeza da Patria."

Passa depois em revista os varios serviços de marinha, começando por se referir á missão naval norte-americana, que já principiou a trabalhar, sob a geral sympathia da classe e apoio decisivo da administração.

**VIACÃO**

A primeira parte deste capítulo é consagrada á viação ferrea, dizendo que as dificuldades financeiras impõem ao Governo a necessidade de modelar o surto que haviam tomado as construcções de estradas de ferro, mas, por outro lado, não lhe seria possível abandonar os trabalhos encetados, porque isso importaria em perder capitaes e desperdiçar energias. Havia em construção a 31 de Dezembro de 1922, sob a administração ou fiscalização federal, 2.051.164 km. de vias ferreas; e durante todo o anno foram entregues ao trafego 349.766 km. Mostra que a duas preocupações fundamentaes obedece a construção das nossas estradas: facilitar as communicações com as republicas visinhas, abrindo novas vias de commercio, e communicar mais rapidamente as capitaes entre si e com

**HOMMAGE À RUY BARBOSA**

*Le Droit porte le deuil de Ruy Barbosa et ainsi la mort de l'illustre homme d'Etat brésilien, envisagée sous son aspect souverain, affecte tous les peuples qui ont le respect de la Justice. Aucune vie, enrichie de dons plus variés et plus magnifiques, n'a offert l'exemple continu d'un plus noble désintéressement. La postérité avait déjà commencé pour Ruy Barbosa: son nom était un des noms célèbres du monde. Pour le Brésil, ce grand homme était une gloire; pour l'humanité, il était une conscience.*

*Sa voix s'est éteinte, mais son œuvre demeure et son influence ne périra pas. Les orateurs trouveront des modèles dans ses discours délicats, généraux et enflammés; les hommes d'Etat et les jurisconsultes y puiseront à pleines mains les directions, les préceptes et les usages. Mais le cœur des peuples n'a pas besoin de textes pour édifier ses hommages. Ses raisons se passent de raisonnements: il devine, il sait. Il y a des noms qui dégagent un rayonnement universel: tel celui de Ruy Barbosa, inséparable de la justice. Partout, au Brésil et au dehors, il l'a célébré, exalté et défendue. Il n'a jamais connu d'autres ennemis que les siens. Il lui avait voué un culte où la passion la plus ardente trouvait son inspiration dans la raison la plus réfléchie. Quand il parlait pour elle, en disciple respectueux il devenait, même sans le vouloir, un juge dont l'impartialité imposait l'autorité.*

*Le drame tragique de 1914 arracha à Ruy Barbosa le cri même de l'Histoire. La France n'oubliera jamais ni ce qu'il dit, ni ce qu'il fit. Ce témoin clairvoyant prononça, sans haine et sans crainte, l'arrêt de la conscience humaine. J'incline devant sa mémoire, chère à tous les hommes de bien, le salut d'un respect reconnaissant.*

Louis BARTHOU,

de l'Académie Française.

o Rio de Janeiro, que "ja hoje está ligada ás capitaes da Victoria para o Sul, excepto Goyaz e Cuyabá. Para a ligação com a primeira das duas ultimas só feita construir 345 km. trabalho que está proseguindo.

Ao Norte, a ligação com S. Salvador depende de concluir-se a linha entre a Central do Brazil (ramal de Montes Claros) e a Central da Bahia, actualmente em Jequy, ou sejam pouco mais de 900 km. Alguns élos somente restarão para fechar-se a cadeia até S. Luiz do Maranhão."

Em 31 de Dezembro de 1922, a extensão total das estradas de ferro em trafego no Brazil attingia a 29.214.408 km. e havia em construção 2.051.164. km. De rede em trafego pertencem á União 16.904.492 km., são de concessão federal 5.099.970 km. e de concessão ou propriedade estadual 7.209.906 km.

Passa depois a estudar particularmente a situação de cada estrada de ferro subordinada á Secretaria da Viação.

Sobre navegação, mostra as suas dificuldades economicas, num palz como o nosso e declara que os auxilios do Governo devem ser de preferencia em subvenções, evitando-se o mais possível a isenção de direitos aduaneiros.

Chama a attenção do Congresso para a intensificação do serviço de navegação nacional nos rios que nos separam de palzes estrangeiros onde a falta dessa navegação se traduz na desnacionalização dos nossos costumes, lingua e moeda.

Diz que o Lloyd Brasileiro, apezar de todas as reformas ainda não normalizou o seu serviço, estudando em seguida a situação das varias companhias e empresas de navegação sobre agua.

Sobre portos, a Mensagem diz que o regulamento expedido pelo dec. n. 15.693, de 22 de Setembro de 1922 definiu a função industrial dos portos permitindo na organização uniforme, em beneficio do commercio e

das rendas fiscaes. Dos portos brasileiros, já se encontram em exploração organizada os de Manáos, Pará, Recife, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul; acham-se em construção ou contratados, os do Maranhão, Ceará, Natal, Parahyba, Victoria, São Francisco, Paranaguá, e Corumbá e ainda em estudos ou serviços parciaes os de Amarração, Aracajú, Itajahy, Florianopolis e Laguna.

Depois estuda a situação de cada um dos nossos portos, as suas rendas e installações. Termina a parte referente ao Ministerio da Viação, tratando dos trabalhos do Nordeste, Correios, Telegraphos, aguas e obras publicas e illuminação do Rio de Janeiro.

**AGRICULTURA**

Neste capítulo, o Presidente estuda longamente os diversos serviços superintendidos por esta secretaria, com exemplos e dados estatisticos, dentre os quaes transcrevemos a seguinte estimativa de nossa produção agricua em 1921-22, que attingio a 9.315.000.000 de kilos e 276.492.000 litros, a saber, algodão descaroçado, 124.938.000 kilos; assucar de todos os typos, 286.405.000 kilos; aguardente, 180.217.000 litros; alcool, 21.233.000 litros; arroz em casca, 737.352.000 kilos; alfafa, 200.683.000 kilos; aveia, 8.915.000 kilos; borraça, 9.638.000 kilos; batatinha, kilos 286.350.000; cacáo, 41.679.000 kilos; café beneficiado, 844.796.000 kilos; centeio, kilos 17.711.000; cevada, 9.340.000 kilos; farinha de mandioca 708.520.000 kilos; feijão, kilos 564.386.000 herva matte, 128.398.00 kilos; milho, 4.586.914.000 kilos; fumo, 79.717.000 kilos; trigo, 139.330.000 kilos; vinho, litros 75.042.000. O valor total dessa produção calculada em 4.202.366.660\$, é pouco superior ao que foi orçado para o periodo de 1920-1921.

Sobre o povoamento do solo, diz a Mensagem que entraram em 1922, 66.968 imigrantes, na sua maioria portuguezes, italianos, hespanhoes e allemães. Sobre o carvão, o Presidente analisa a crise mundial desse combustivel e as nossas possibilidades, findando por dizer que resolvida a questão do transporte immediato por vapores de pequeno calado, por veleiros ou chatas rebocadas, ficariam as minas habilitadas a uma extracção crescente, conduzindo-nos á verdadeira independencia economica. Quanto á siderurgica, fez a Mensagem uma menção especial aos trabalhos do Professor Fleury da Rocha e depois mostra as tentativas de nossa siderurgia, findando por declarar que a nossa produção de gusa e aço se approxima de 60.000 toneladas, promettendo em certo prazo elevar-se a mais de 100.000 toneladas annuaes. Depois de certas informações e suggestões a Mensagem termina com o seguinte topico:

"O momento impõe uma congregação de esforços de todos os poderes publicos para, correspondendo á sua alta missão politica, assegurar á Nação, pelas leis e pelos actos administrativos, o maximo possível de bem estar, em um ambiente de completa segurança da ordem publica, de severa moralidade, de rigorosa honestidade e de serena justiça.

Contareis, para esse fim, com a collaboracção do Governo, assim como póde e deve o povo brasileiro estar certo de que, com energia, serenidade e firmeza, saberemos cumprir os nossos altos deveres para com a Patria."

**O CONTO DA "AMERICA BRASILEIRA"**

A "America Brasileira", que procura por todos os modos corresponder á magnifica accettazione que tem tido em todo o palz e no extrangeiro, não só melhorando a sua feição material, bem como tornando cada vez maiores e mais amplas as suas secções especiaes, em que faz a synthese da actividade nacional e a resenha internacional, publicará, do proximo numero em diante, um conto, consagrando assim uma das suas paginas á nossa litteratura de ficção. O primeiro a sahir será "O Renascimento", do Sr. José Geraldo Vieira, um dos mais brilhantes espiritos novos e que se tem revelado um artista seguro, do melhor merito.

# QUANDO NASCEU GREGORIO DE MATTOS?

Propondo á Academia de Letras da Bahia fosse celebrado o tri-centenario do nascimento de Gregorio de Mattos em 7 de Abril deste anno de 1923, eu não era estranho á divergencia que reina entre os biographos e bibliographos ácerca do dia, mez e anno em que nasceu o poeta. Como essa questão tenha sido recentemente ventilada em um jornal de Pernambuco e na revista *America Brasileira*, do Rio, entendi dever dar as razões em que se fundou a minha proposta.

A primeira biographia que teve Gregorio de Mattos foi escripta na Bahia pelo licenciado Manoel Pereira Rebello, ao que se suppõe, em meiado do seculo XVIII, destinada a preceder uma colleção das obras do famoso satyrico e por longos annos conservada inédita. Pela sua relativa proximidade da época em que viveu o poeta, logrou o licenciado fazer delle o unico retrato que nos ficou: fê-lo tirar, diz o biographo, por "por um antigo pintor, que foi seu familiar, e conferindo-o com as memorias que delle têm algumas pessoas antigas", teve-o por "mui conforme ao seu original".

A granue copia de pormenores, anedotas e factos não contestados que reúne essa interessante biographia autoriza a presumpção pelo menos, de que as datas nella inscriptas são igualmente certas.

Assim entendeu o maior numero dos que successivamente têm escripto sobre a vida e obra do poeta bahiano, tanto que reproduzimos de Rebello as datas a elle referentes. Dos principaes e mais antigos occorrem-me: Januario da Cunha Barbosa, José Maria da Costa e Silva, Pereira da Silva, Teixeira de Mello, Valle Cabral, Sacramento Blake, Sylvio Romero, Araripe Junior, Fausto Barreto e Carlos de Laet.

Até ao apparecimento do *Florilegio* de Varnhagen, em 1850, permanecia inconvertida a data de 7 de Abril de 1623, publicada primeiramente em 1831 por Januario Barbosa (*Parnaso Brasileiro*) e em seguida por Costa e Silva (*Ensaio Biographico e Critico*). Varnhagen tendo por si a autoridade de invesgador applicado, se bem que não impecavel, escreveu, sem exhibir documento: "Gregorio de Mattos nasceu na Bahia a 20 de Dezembro de 1633".

Esta variante foi aceita por Innocencio Francisco da Silva, em cujo *Diccionario Bibliographico* se lê que o poeta era natural da Bahia, onde nasceu a 20 de Dezembro de 1633", conforme a melhor opinião. Repetiram-n'o Wolf (*Le Littéraire*) e J. M. de Macedo (*Anno Biographico Brasileiro*).

Ahi está o material de que dispomos até hoje para reconstruir o começo da vida do poeta. Estabelecida a divergencia em relação ao anno do seu nascimento, preferi á de Varnhagen e de Innocencio a chronologia do licenciado Rebello e de Januario Barbosa, pelas razões seguintes, que em falta de documento devemos considerar das mais procedentes.

a) Manoel Pereira Rebello escreveu, como ficou dito, na Bahia, cidade natal do poeta, meio seculo depois da sua morte, quando ainda pôde encontrar *pessoas antigas e familiares* delle; e acertou no anno do fallecimento e em numerosas circumstancias e factos repetidos do seu trabalho pelo proprio Varnhagen.

b) De accôrdo com Rebello está o maior numero dos biographos criticos, historiadores e bibliographos, entre os quaes o versadissimo Costa e Silva, que antecedendo a seu compatriota Innocencio e seguindo-se immediatamente a Varnhagen no estudo do satyrico brasileiro, não se impressionou com a variante deste. Escrevendo em Portugal, tendo portanto ao alcance os archivos onde

possivelmente se encontrariam dados da existencia de Gregorio de Mattos desde estudante em Coimbra até advogado e juiz em Lisbôa, não deixaria de ter fundamento para ficar com o licenciado.

c) Varnhagen, emendando a data de Manoel Rebello e encurtando em dez annos a vida do poeta, não exhibio nem sequer citou qualquer documento. Os que o acompanham tampouco justificaram sua preferencia. Entretanto escreve Araripe Junior, depois de lamentar a escassez de documentos coevos relativos ao primeiro periodo da existencia de Mattos, que elle nasceu em 7 de Abril de 1633, "segundo o codice mais aceito". E Sylvio Romero, adoptando a mesma data, diz em nota: "Varnhagen dá por engano 1633". E' verdade que Innocencio declarou em um parenthesis ser a opinião de Varnhagen a melhor; mas neste ponto, como veremos em seguida, não se recommenda á nossa fé a palavra do bibliographo portuguez.

d) Todos os autores que seguiram a Manoel Pereira Rebello, consignando o fallecimento do poeta em 1696, dizem co-

herentemente ter elle fallecido com *setenta e tres annos de idade*. Innocencio e Macedo, entre poucos mais, que seguem a opinião de Varnhagen quanto á data do nascimento do poeta, escrevem tambem, o primeiro: "Sobreveio-lhe a morte, que o levou em 1696 na idade de 73 annos". (*Diccionario Bibliographico*, 1860, tomo 3º, pag. 165); o segundo: "Gregorio de Mattos morreu em Pernambuco no anno de 1696, aos setenta e tres annos de idade." (*Anno Biographico Brasileiro*, 1876, vol. 3º). Tambem Wolf (*Le Brésil Littéraire*) adopta a data de 20 de Dezembro de 1633 para o nascimento do poeta, e não obstante escreve: "*Affaibli par son long exil, il succombe á l'âge de 73 ans em 1696...*"

Mas entre 1633 e 1696 não pudera ter vivido o poeta 73 e sim 63 annos.

Inadvertencia, confusão, equívoco, seja o que fôr, não podem taes autores, com lapso tão deploravel, pesar na solução desta duvida, que aliás, baseado nas razões expostas julgo sem mais motivo de subsistir.

Xavier MARQUES

## UM ESCULPTOR CUBISTA, LIPSCHITZ

No ultimo Salão dos Independentes, de Paris, uma das maiores impressões, da parte de esculptura, foi a das obras de Jacques Lipschitz, o extranho esculptor cubista, cujo esforço para dar uma realidade intensiva á obra de arte, mesmo violando a plastica das apparencias, é toda a razão de ser de sua esthetica, tão chocante aos olhares passadistas dos burgoezes inuteis... Para dar ao leitor intelligente uma impressão exacta da figura de Lipschitz, reproduzimos uma critica muito interessante, ao mesmo tempo luminosa e sincera, publicada em "les feuilles libres"

Esculptura cubista, disseram. Talvez que sim, mas antes de tudo, esculptura. Pouco importa que Jacques Lipschitz passe como sendo um artista hermetico para certos olhos. Sem duvida, a sua contribuição esthetica reside no facto de organizar o espaço, servindo-se de elementos puros, e de sacrificar á realidade artistica a realidade visual. Ninguém pôde negar, de certo, que soube tirar partido de uma das mais importantes aquisições da arte contemporanea, dissociando o elemento figurativo e o elemento plastico. Mas não basta adoptar um modelo, para provar a mestria. Rogaria a todos, que considerem Lipschitz um innovador, que esquecessem, um instante, a sua qualidade de esculptor cubista, para abordar o estudo da sua obra, abstraindo o aspecto exterior

No inicio de sua carreira, Lipschitz praticou a esculptura espherica. Os seus volumes lisos, firmes, simples se encaixam perfeitamente, se fundem e se penetram de tal forma que mal a vista perspicaz se apercebe das ligações. Essas figuras de formas arredondadas e de contornos finos dão uma suave impressão de calma e de harmonia.

Foi, pois, de posse desses meios

tecnicos, que Lipschitz emprehendeu a sua obra de renovação. A forma espherica juntou a cubica, que quebra a unidade do rythmo, desequilibra as relações das massas e desagrega o organismo platonico. As directivas estão claramente indicadas, as estatuas de Lipschitz, que datam dessa época, se encontram numa encruzilhada de dous caminhos, como problemas complexos para serem resolvidos. A obra de deputação, assim principiada, proseguiu lentamente. A forma cubica foi pouco a pouco absorvendo a espherica e ovoidal. Austeras armaduras de formas exclusivamente architetonicas e reduzidas á sua mais simples expressão attestam o estado de espirito em que trabalha o artista, desejoso de pôr em prova os seus recursos, antes de enveredar por um caminho novo. Esculpe neste momento uma pequena estatua, por mais de um titulo edificante. As "chairs á vif", os volumes dos quadris e das pernas, francamente desconjuntados, os seios projectados impetuosamente sobre um torso plano, schema esse que dá ao espectador uma noção das intenções e das inquietudes do esculptor, que tem, nessa obra, uma verdadeira profissão de fé.

Seguem-se numerosas estatuas, cada qual, ousemos affirmar, põe Lipschitz em risco de ser tomado por um theorico pedante e representa um problema novo.

Baixo-relevos, que se inscrevem em pentagono, alto-relevos, cujos elementos se destacam do fundo, encerrados num oval concavo, estatuas espiraes, que evocam esculpturas barrocas, estatuas frontaes construidas á maneira dos egypcios, todas as formas de expressão, em summa, são successivamente exploradas nessa ardente procura, aproveitando-se das conquistas antigas e conhecendo todos os menores segredos da arte.

Para que fallar aqui do talento pessoal de Lipschitz? Quanto a mim, renuncio a resaltar as virtudes intrinsecas de uma obra, a elogiar-lhe o estylo, a decifrar o assumpto. Limitar-me-hei a dizer que o seu valor está no seu caracter especifico. Lipschitz é um estatuario no mais absoluto sentido da palavra, e sua arte é uma tentativa ardorosa para dotar a esculptura de uma linguagem especial, que lhe seja particular.

WALDEMAR GEORGE



# A JORNADA DOS VASSALLOS

Honrando-me a "Associação Christã de Moços", nucleo gerador de vontades pragmaticas, com o convite para seu arauto nesta festa, simples nos seus atavios mas significativa nos seus propositos, em homenagem aos illustres officiaes da marinha portuguesa, que esta cidade hospeda tão carinhosamente, deume ainda a alegria de desempenhar-me de uma missão sobremaneira grata ao meu espirito e ao meu animo: porque, se sómente sei falar do que amo ou admiro, exprimir as alheias admirações como expressar os meus applausos a Portugal é tarefa que me enleva, me dignifica e me commove. Permitti-me, pois, que, numa cerimonia consagrada a marinheiros lusos, continuadores da tradição da escola de Sagres, que ensinou, com a arte do heroismo, a sciencia de navegar e "*commettier o grande Mar Oceano, entrar por elle sem nenhum receio e descobrir novas terras, novos mares, novos povos, e, o que mais é, novos céus e novas estrellas*", no dizer do celebre doutor Pedro Nunes, eu vos discorra ácerca de um feito que não deixará de tocar a vossa sensibilidade, do mesmo modo como exaltou, ha quasi duzentos annos, o peito dos nossos maiores, e por onde vereis que na historia de Portugal, opulenta de tantos lances epicos e de nobres proesas, palpitante de gloria e refulgente de belleza, ás vezes triste, mas sempre unvida de sublimidade, ontem como hoje, jamais se enfraqueceram esses elos inquebrantaveis que entrelaçam as duas grandes terras que o mar liga numa distancia que já se vence em horas e o céu confunde num immenso affecto que persistirá enquanto não tivermos perdido o instincto da raça. Quero narrarvos aquella esquecida *Jornada dos Vassallos*, como chamou o chronista, que se levou a cabo para nos reintegrar na patria, que já era, naquelle tempo, mais que uma aspiração — um anseio vehemente de liberdade e de amor ac solo natal, tanto que suscitou a épica reacção contra o fero jugo hollandês. Sem duvida, verificareis como Portugal, em dias angustiosos da sua historia, acudio ao appello desesperado do mundo novo, que o seu genio descobrira, que o seu sangue povoára, que o seu esforço edificára, que enriquecera com os cabedaes da sua cultura e da sua crença e embalára com a musica suave da sua lingua. Ides conhecer, então, de que modo repercutiu na outra banda do Atlantico, nas margens do Tejo e do Mondego, o nosso clamor deante de inimigos valentes, poderosos e crueis, que destruíram os nossos lares, os nossos templos e os nossos jardins, e pretenderam submeter-nos á mais dura vassallagem, e, portanto, aprender como Portugal, decaído e humilhado sob o jugo dos Felippes, correu célere, cheio de entusiasmo e sem temor, a salvar a honra, a vida e a riqueza da próle brasileira. Nessa postura digna, que lhe impunha a gloria da criação, comprehendereis que o amor de Portugal pelo Brasil é um impulso natural, e, pois, duradouro, que devemos honrar e enaltecer, porque se gerou na dôr e no sacrificio. Na verdade, entre todas as que nos tempos coloniaes vieram para a America, é incontestavelmente uma das mais famosas aquella expedição de 1625, que veio restaurar a Bahia. Notavel foi, com effeito, sob varios aspectos, a armada commandada pelo general de mar e terra D. Fradique de Toledo y Osorio, Marquez de Valdueza, "o capitão de maior fama que naquelle tempo tinha a nação castelhana", mas sobretudo, pelo valor militar e pela qualidade da gente que a formou, e que naquelle momento podia considerar-se como representação maxima do que havia de mais viril e de mais puro no sangue das Espanhas. Dir-se-ia, que, pela primeira vez, se projectavam no novo mundo o espirito cavalleiresco e as galas daquella mocidade, flôr da velha nobreza peninsular — a mais tradicional da Europa, a de mais pompa e galhardia, a mais altiva e mais ciosa do esplendor heraldico.

## A CONQUISTA DA BAHIA

Sabeis como o assalto e occupação da Cidade do Salvador, aos 10 de maio de 1624, re-

percutira na Europa e abalára o coração dos dois povos na península. O infeliz successo encheu não só Portugal, mas Castella, de lastima, tristeza e sobresalto, porque, se chegassem a ficar senhores de tal posição, teriam aquelles inimigos aberto uma porta para se apoderarem de todo o Brasil e até do continente, perdendo assim a Espanha riquezas e prestigio. Não foi só o receio desse perigo que commoveu principalmente a alma da gloriosa Lusitania, confundindo na mesma indignação animos portugueses e espanhóes. Havia, de certo, um nobilissimo intento nesse ardor bellico que arrastava ainda uma vez aos mares bravios do Brasil a nação mais cavalleiresca, emprehendedora e destemida dos extremos da Europa, e que já havia escripto as mais refulgentes paginas da historia. Na immensa grandeza desse esforço, surgia a mesma gente que, desde a batalha de Ourique e o *bafurdio* de Val-de-Vez, conquistára, palmo a palmo, a patria aos sarracenos, em rebates constantes e em lutas porfiosas pela independencia do antigo condado portugalense, ora com os musulmanos, levados, por fim, de vencida até ás costas occidentaes, ora com os castelhanos, cujo orgulho foi abatido em Aljubarrota; que obrigou a dymnastia affonsina a conceder-lhe com as cartas de foraes, os pergaminhos e as armarias da sua esclarecida nobreza; que bateu com os cantos de suas lanças luzidas ás portas de Ceuta, Tanger e Arzilla, forçando os bastiões africanos cederem aos seus impulsos; que desfraldou as quinas sagradas em Calcutá, Cochim, Gôa, Malaea e Ormuz, avassalando reis poderosos e principes fabulosos, e, mais, fazendo a arrogante Veneza dos inquisidores e dos doges, symbolisada no Leão de S. Marcos, fugir da vastidão do esplendido Oriente para immergir-se nos lagos do Adriatico. Era a mesma raça, formada por seis seculos de historia, e nascida, por um estupendo milagre da vontade, "onde a terra se acaba e o mar começa", que, naquelles dias tristes e apagados, apparecia cheia de pundonorosos alentos e energicos brios, para afirmar ainda uma vez não haver abandonado as tradições guerreiras da escola do Condestavel e de D. João II, onde se haviam formado os soldados de D. Manoel, em que expirára o rei moço e ostentava a cruz como o unico estimulo das mais nobres façanhas e dos feitos mais esforçados contra agarcnos e berbéres. Era a mesma estirpe energica e robusta, orgulhosa e magnanima, tragica e ardente, serena e firme na fé luminosa do seu destino, implacavel nos combates mas generosa com os vencidos, em cuja alma se confundem a candura de Nun'Alvares e a energia de Albuquerque, a lealdade estoica de D. João de Castro, a ternura de Bernardim e esse "desejo de honra" de que falla João de Barros, que refloresce, esplende e arrasta na torrente das suas energias renascidas tudo quanto na terra lusitana era gloria, sonho e belleza. O eminente Sauthey (*Hist. do Br. II*, 160), escreve que a côrte de Felipe IV, advertida do golpe, nada fizera para evital-o, e só o percebeu depois de todas as consequencias, inquietando-se provavelmente ainda mais com dizer-se que os ingleses, unindo-se aos hollandeses, pretendiam proclamar rei do Brasil ao eleitor do Palatinado, genro do rei de Inglaterra. Sem duvida, ao rei catholico cabe a responsabilidade do desastre, porque, enquanto a Companhia das Indias Occidentaes se aparelhava na Hollanda para a conquista do Brasil, o monarcha, até a suspensão da tregua de doze annos, assistia despreoccupado a ruina da grandeza peninsular e presidia, qual um Mecenas coroado, o admiravel desenvolvimento das artes e das letras espanholas. Seja como fôr, enquanto o côrte catholica organisava a grande armada do Oceano, como a chamavam os castelhanos, para retomar a cidade perdida, os governadores do reino, que eram D. Diogo da Silva, conde de Portalegre, e o integro e austero D. Diogo de Castro, conde de Basto, remettem, a 8 de agosto, de Lisboa para Pernambuco, o primeiro socorro de 120 homens de guerra, conduzidos em duas caravellas e capitaneados por Fran-

cisco Gomes de Mello, natural do Brasil, e dias antes nomeado capitão do Rio Grande do Norte, e Pedro Cadena de Villazanti, "ambos de experimentado valor e bem vistos." A Pernambuco, onde foram recebidos "com extraordinario alvoroço e repiques da cidade", chegaram nos ultimos dias de setembro, e por elles se teve noticia de que Portugal e Castella "ficavam fervendo" por ajudar o Brasil. Traziam elles o alvará que confirmava Mathias de Albuquerque, em virtude do impedimento do Diogo de Mendonça Furtado, deposto e preso pelos invasores, no governo geral do Brasil, dispensando-o da obrigação de residir na Bahia segundo estabelecia a carta regia de 19 de março de 1614, e bem assim ordem recommendando a Francisco Coelho de Carvalho, nomeado governador do Estado do Maranhão, e já em caminho para elle, que se demorasse em Pernambuco enquanto fosse necessario. Alguns dias depois, mandam ainda partissem para Bahia tres caravellas ás ordens de D. Francisco de Moura. Esse segundo reforço, composto de 150 combatentes capitaneados por Jeronymo Serrão de Paiva e Francisco Pereira de Vargas, chega a Olinda depois de cincoenta e dois dias de viagem, e dali parte a flotilha, augmentada de tres ou quatro caravellões, rumo da Torre de Garcia d'Avila, vindo ainda em companhia de D. Francisco de Moura os fidalgos Manoel de Souza d'Eça, capitão-mór do Pará, e Feliciano Coelho de Carvalho, filho do governador do Maranhão. Natural de Olinda e pertencente á melhor nobreza da terra, pois, era filha de D. Felipe de Moura e sobrinho de D. Christovam de Moura, faustoso favorito de Felipe II, Marquez de Castello Rodrigo e vice-rei de Portugal, D. Francisco de Moura antes militára nas Flandres e na India onde servira com zelo e valor, e acabára de governar em Cabo Verde. Estava já nomeado e prestes a partir, quando a Lisboa chega a parte de Mathias de Albuquerque informando á côrte haver nomeado a Francisco Nunes Marinho d'Eça, soldado veterano da India, e que exercera o cargo de capitão da Parahyba, para cuidar da defêsa da Bahia; mas o rei saiu do embarço dirigindo uma carta muito honrosa a Marinho d'Eça reconhecendo-lhe os serviços e pedindo-lhe assistisse ao novo *capitão-mór do Reconcavo* com o seu auxilio e conselho. Logo que tomou posse do seu officio, a 3 de dezembro de 1624, tratou D. Francisco de Moura de preparar-se para qualquer surpresa do inimigo, fortificando os principaes pontos do Reconcavo, onde innumerous cram os engenhos e fazendas, e organizando uma esquadilha de lanchas canhoneiras e barcos armados; e tão previdente e experimentado se revelou que os hollandeses, derrotados na primeira sortida que fizeram, com 180 homens, ordenaram, sob pena de morte, que nenhum soldado devassasse as muralhas da cidade. Por ultimo, dois outros auxilios são enviados: um para o Rio de Janeiro, com oitenta mosqueteiros sob o commando do brioso joven Salvador Corrêa de Sá e Benevides, filho de Martin Corrêa, governador do Rio de Janeiro e primeiro visconde de Asseca, e outro para Angola.

## PORFIADO EMPENHO DA NOBREZA

Essas expedições, porém, não eram mais que avançadas da empreza formidavel com que se devia vingar a honra das Espanhas, punindo de escarmento a ousadia dos aggressores. Tivera-se informação de que os bahianos, amparados pelas capitánias visinhas, principalmente pela nobreza de Pernambuco, só por si faziam reacção tremenda contra os intrusos, mas, ao mesmo tempo, tambem se recebera aviso de que na Hollanda se preparava uma poderosa armada para proteger a posição occupada na America, sendo, portanto, indispensavel atallar de prompto a ufania daquella gente, impedindo que se lhe augmentasse na Bahia os elementos de resistencia. Foram, com effeito, grandiosos aquelles dias em que o sentimento nacional e o orgulho da península pareciam emular em fervor de guerra á insidia



da Hollanda. Do rei ao ultimo fiel da Patria, "houve um só clamor" contra a temeridade affrontosa do batávio. A alma portugueza, como vibração luminosa, palpitava em cada peito e esplendia em todos os gestos. "Os governadores e fidalgos, os mais ricos negociantes, e até os plebeus rivalisaram uns com outros, competindo sobre qual daria mais provas de amor da patria", sendo que, quanto aos nobres, sobretudo, "se não tinham por taes os que não se embarcava naquella occasião", diz o chronista. "Em uma e outra parte (da monarchia) se preveniam armadas; na de Portugal se alistou grande numero de fidalgos da maior esphera, uns com praça de soldados, outros com o nome de aventureiros. Muitos titulos e primogenitos de casas illustrissimas, e os filhos segundos e terceiros de outras, com tal empenho tomaram a empreza que depois de terem occupado grandes logares e relevantes postos no reino e o de vice-rei na India, se embarcaram sem occupação alguma mais que o impulso bellicoso da nação, sempre vivo em todos (Pitta: *America Portuguesa*, 113)". Era tal o incendimento da mocidade lusitana, e tão vivo e porfiado o empenho com que tomavam todos aquella obra, que até casos houve em que foi necessario atalhar intentos pela força ou pela astucia. Em Vianna, por exemplo, uma senhora nobre, pertencente á familia Ferreira, viu-se na contingencia de ficar desamparada, porque os tres filhos varões, "cada qual allegando razões aos dois", faziam timbre de "correr á America, e foi preciso a interferencia do governador da terra, que, "sabendo a razão e louvando a porfia", inculcou que a sorte designasse um delles para ficar de "conforto á afflicta mãe." Outra honrosa porfia occorreu entre um pai e um filho que queria cada qual vir por soldado. "Assentando-se por soldado Gaspar Caminha Rego, se abraçou com o livro da matricula seu filho Affonso de Barros Caminha, que foi depois escrivão da fazenda, para que tambem o assentassem; e sem attender á autoridade do pai, obedecendo resistia, com lhe advertir, que a elle só tocava o amparo da casa e da familia. Gostosamente escandalizado, allegava o pai, em contrario, ter-se embarcado muitas vezes, com larga experiencia na guerra, de que elle a não tinha nenhuma, em tão pequena idade. Até que o general, apartando a pendencia, em que não cedendo nenhum, venciam ambos, ordenou: *que preferissem agora aos poucos annos aos muitos serviços.* (Brito Freyre: *Hist. da Guerra Bras.*, 107)." Ainda a chronica do magnifico successo regista a galante resposta de Pedro Lopes que, perguntando-se-lhe onde queria o alistassem, respondeu: "Que em três livros, ou num livro em três partes, para servir como tres homens, porque era bom marinheiro, bom piloto e muito melhor soldado." Brito Freyre, tão illustre general como estimavel historiador, comentando esses lances, escreveu que, "desprezado o trabalho, e o perigo, que resultava da viagem, e da empreza, em a qual primeiro de chegarem a servir, antecipavão a merecer, precedendo o desterro da patria ao risco da guerra, se alistara da fidalguia lusitana tão copioso numero, que podendo narrar antes as familias, que as pessoas, sem haverem ainda pelejado, mostravão que tinham já vencido, obrando todos como se tomara por si cada um (*Hist. da Guerra Bras.* 96)." Tudo quanto Portugal tinha de valoroso veio para o Brasil, e mais parece que partiam todos a um torneio maritimo do que a combater o flamengo perdido nos mares americanos. Era a renascença do genio das cruzadas.

#### A ALMA LUSITANA

Para que se comprchenda melhor aquelle extraordinario e grandioso movimento da alma portugueza, resta saber como é, e porque prodigios de amor da patria em poucos dias se conseguiu armar uma expedição de taes proporções, no meio da penuria cruciante em que estava o erario publico em Lisboa, tanto ou mais do que em Madrid, onde, com a expulsão dos mouros, quasi se estancaram as depauperadas fontes de renda e as crises de miseria e fome attingiam a proporções assustadoras com as monstruosas despesas militares. "Quando o primeiro Philippe veio ás côrtes de Thomar, escreve Oliveira Martins, a

nuvem dos pedintes era tal que se dizia não bastarem todas as riquezas da Peninsula para satisfazer a venalidade portugueza. Christovam de Moura sabia-o de perto; e ninguem ignora que essa mendicidade aristocratica trazia a penuria geral do reino, saqueado até ás ultimas pela expedição de Africa. As correrias aventureiras do prior do Crato, os bandos que o aclamaram em 1580, o simulacro de guerra, a invasão castelhana, e, depois d'ella, as associações dos ingleses com que D. Antonio veio mais de uma vez assaltar as costas de Portugal, tinham reduzido o paiz áquelle extremo de miseria e de afflicção que Áquaviva, no seu *Directorio*, acha conveniente e proprio para que o homem se converta a Jesus. Tãmanha era a penuria, que as guarnições castelhanas, condemnadas a viver do paiz occupado segundo as regras militares do tempo, não achavam que pilhar, e esmolavam, esfarpadas e famintas, pelas portarias dos conventos e pelo interior dos alcouces (*Hist. de Port. II*, 111)". Bastou, porém, que a exhortação viesse da côrte espanhola, que pela primeira vez mostrava tanto zelo e tanto carinho pelo povo que subjugára, e repercutisse em todo Portugal, onde a noticia da invasão flamenga causára maior indignação e assombro, não só pelo desastre em si como pela terrivel ameaça que envolvia o poder colonial das duas monarchias, reunidas então sob uma só corôa, que se inflammasse o peito da velha Lusitania rediviva. Nesse ponto, demos a palavra a D. Marcelino Menéndez y Pelayo, cujo depoimento é insuspeito: "Era a primeira vez que mercadores e soldados de uma potencia estrangeira invadiam, com proposito e apparatus de occupação definitiva, um ponto de littoral americano, que até agora só havia soffrido investidas de piratas, e essas mesmas com largos intervalos. Comprehen-deu todo o mundo a gravidade do caso, e mostrou-se disposto aos maiores sacrificios de dinheiro e de sangue. Castelhanos e portugueses emularam em patriotismo, desentresse e bizarría. E os governantes do tempo (diga-se em honra de Filipe IV e do conde — duque de Oliveiras) não se mostraram inferiores a quanto exigia este surto do sentimento popular, que se mostrou unanime tanto em Lisboa como em Madrid. Com inesperada rapidez fizeram-se os preparativos de uma poderosa expedição. A carta Régia de 7 de Agosto, em que Filipe IV annunciou aos governadores do reino de Portugal que dentro daquelle mez devia estar aparelhada para fazer-se de vela a armada do mar Oceano destinada á reconquista do Brasil, e na qual manifestava el-rei o sentimento de não poder

commandal-a em pessoa, pareceu tão nobre e magnanima como digna do monarcha de todas as Espanhas e foi acolhida pelos portugueses com jubilo indizível." Na verdade, a carta de Felippe IV, escripta do seu proprio punho, açulou o orgulho, o amor proprio e o patriotismo dos portugueses. No celebre documento, dizia elle não duvidar "que taes vassallos em similhante occasião por me servirem se sacrificuem, e que mais necessidade haveria de contê-los que não embarquem, do que incitá-los a fazerem-n'o" e concluia affirmando: "tanto os amo e estimo, que me alegrava de arriscar na jornada minha propria pessoa, provando-lhes o meu desejo não só de conservar essa corôa, mas de augmentá-la e engrandecê-la, como taes vassallos merecem." A resposta de Portugal á epistola filipina foi briosa, cavalleiresca, magnifica. "Vendo o rei tão decidido e o Conde de Oliveira tão fogoso, que pareciam zombar do tempo, dos obstaculos e dos proprios impossiveis, uma nova alma reanimou o corpo debilitado de Portugal e o velho reino, subitamente rejuvenescido, sentiu renovar-se-lhe todo o ardor dos dias de entusiasmo e de heroismo, escreve Rebelo da Silva." Assim que falou, com jubilo indizível, afflicta mas confiante a Junta do Governo, todas as classes acudiram, como a supprir pelo socorro, uns da fazenda, outros do sacrificio, as urgencias do exaurido thesouro. "Porque conforme sua possibilidade, variando cada um nos serviços, se igualarão todos nas finezas. Até os moços ordinarios, faltando já poucas praças, por estar quasi completa a lotação, buscarão valias para as assentarem, como outros as costumão buscar para que os não assentem. E os generaes, que haviam deposto os bastões, pegarão em os piques; largando os velhos as moletas, para tornarem a cingir as espadas. O que fez esta expedição hu raro exemplar, não só applaudido, mas admirado, entre as nações. (Brito Freyre: *Hist. da Guerra Bras.*, 103)." A cidade de Lisboa fixou um donativo de 120.000 escudos, que, repartido pelos moradores, facilmente foi pago com moeda de contado. D. Theodosio, duque de Bragança, "o maior senhor vassallo portuguez", offereceu 20.000 cruzados para as despezas da guerra. D. Miguel de Menezes, duque de Caminha e marquês de Villa Real, contribuiu com 16.500 cruzados. D. Manoel de Moura Côrte Real, marquês de Castello Rodrigo e conselheiro do Estado, deu 3.350 cruzados. D. Carlos de Borja, duque de Villa Hermosa e conde de Ficalho, presidente do conselho de Portugal, pagou 2.400 cruzados. Outros muitos fidalgos e titulares do reino concorreram ainda com

#### LUTHERO E A HYPERTROPHIA DO "EU"

O que impressiona, antes de tudo, na physionomia de Lutero, é o *egocentrismo*: alguma coisa de muito mais subtil, de muito mais grave e de muito mais profundo do que o egoismo; um *egoismo metaphysico*. O *eu* de Lutero torna-se praticamente o centro de gravitação de todas as coisas, sobretudo na ordem espirital: e o *eu* de Lutero não é apenas feito das disputas e das paixões de um só dia, tem, antes, um valor representativo, é o *eu* da criatura, o fundo incommunicavel do individuo. A Reforma debrudou o *eu* humano na ordem espirital e religiosa, como a Renascença o libertára na ordem das actividades naturaes e sensiveis.

Em Lutero o sentimento hypertrophiado do *eu* é essencialmente um sentimento de vontade, de *realização da liberdade*, como diria, posteriormente, a philosophia allemã. Seria mistér insistir ainda sobre o seu egocentrismo, e mostrar como, no seu conceito, o *eu* é o centro, não á maneira de Kant, por força de uma pretensão da intelligencia humana de se tornar a medida de todas as coisas intellegiveis, mas por uma pretensão da vontade individual, scindida do corpo universal da Egreja, de se collocar inteiramente livre diante de Deus e de Christo, para assegurar, pela sua confiança, a absolvição e a salvação.

Justifica-se pois a busca, no pensamento de Lutero, da fonte dessas duas grandes idéas, que parecem collocadas juntamente na historia da philosophia: a idéa do *mal radical*, que atravessará a philosophia allemã, com Boehme, com o proprio Kant, com Schelling, com Schopenhauer; e a idéa do *primado da vontade*, que se imporá a essa mesma philosophia, principalmente com Kant, Fichte, Schopenhauer, — como si o Pessimismo e a vontade fossem, em metaphysica, as duas faces complementares de um mesmo pensamento.

Por outro lado, uma forte corrente do pensamento moderno, sobretudo francêsa e originada na Renascença e em Descartes, e não em Lutero, encaminhar-se-á em sentido opposto, para o *racionalismo* e o *optimismo*, com Malebranche, Leibiniz, a philosophia das luzes; Jean Jacques, a quem a metaphysica não perturba, achará um meio de conjugar o optimismo com o anti-intellectualismo; mas nunca, na philosophia moderna, a Intelligencia e a Vontade chegarão a se reconciliar e o conflicto dessas duas faculdades espirituas amargará, cruelmente, no fundo da consciencia dos homens deste tempo.

JACQUES MARITAIN.

quantias vultuosas, taes como D. Luiz de Souza, alcaide-mór de Beja, senhor de Brin-gel e governador que foi do Brasil; D. João de Athayde, conde de Castanheira; D. Pedro Coutinho, governador que foi de Ormuz; Francisco Soares; D. Pedro de Alcaçovas; Constantino de Magalhães, senhor da Ponte da Barra; e outros muitos, todos empenhados em resgatar a honra da nação. O alto clero também o correu pressuroso. D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisbôa, o arcebispo de Braga e primaz de Espanha D. Affonso Furtado de Mendonça, o metropolitano de Evora D. José de Mello, D. João Manuel, arcebispo de Coimbra, e bem assim D. Francisco de Castro, bispo da Guarda, D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, e D. João Coutinho, bispo do Algarve, e tanto outros prelados accudiram com o que lhes era possível, como esportula sagrada naquelle instante devido á patria em afflicção, dando cada qual entre quatro e mil cruzados. Fóra da nobreza, muita gente se moveu para o bom exito da empreza, uns com dinheiro, outros com serviços, outros com munições de guerra ou mantimentos. Armadores e proprietarios de navios entregavam embarcações livres de fretes para serem incorporadas á armada. O marquês de Castello Rodrigo, grande de Portugal e de Espanha, fidalgo da velha estirpe e larga esphera, da tempera classica dos heróes de sangue e de espada, ainda se apresentou com uma luzida companhia de mosqueteiros, unica no exercito expedicionario. D. Pedro de Menezes, conde de Castenhede fez o mesmo com gente de sua casa, e á sua custa. Tristão de Menezes Furtado também armou por sua conta o navio que commandou, "com toda gente de mar e de guerra, artilharia e munições, sem soldo ou ração da fazenda real". Quem não podia offerecer dinheiro, nem armas, nem munições dava serviços. Foi assim que em escassos dias se reuniram todos os recursos indispensaveis para a parte com que Portugal ia entrar na expedição; navios, soldados, munições de guerra e de bocca, e uma caixa de cerca de 230.000 cruzados para custeio da armada. A fazenda publica não dispendeu um real. Nada mais era necessario para mostrar á Europa que no peito lusitano, em quarenta e cinco annos daquelle eclipse da soberania nacional, estava ainda bem vivo e palpitante o sentimento da patria estremecida. "Nunca, escreve um historiador, desde o cerco de Mazagão, na menoridade de São Sebastião, se notára nos fidalgos e senhores igual fervor de empunhar as armas em jornada dilatada de 1.500 leguas, tão perigosa pelo mar, pelo clima e pela fortaleza do inimigo. A expedição portugueza não passava de 4.000 homens, mas era tanta a nobreza nella, que não havia memoria de expedição mais lustrosa, nem de gente tão bem nascida, desde que a derróta de Alcaçer sepultára a flôr das esperanças de Portugal. El Rei, inspirado pela necessidade, quiz que se louvasse em seu nome collectivo e individualmente estes testemunhos de dedicação, e pediu os nomes dos melhores vassallos para os recompensar como recompensou depois. (Rebello da Silva: *Hist. de Port., III, 347*). Na verdade, desde a expedição de D. João I a Ceuta e da cavalgada sublime a Tanger do desventurado D. Sebastião, a "maravilha fatal da nossa idade", que fez rolar a corôa lusitana pelos areiaes d'Africa, não houve exemplo de outra mais entusiasta, mais garrida e mais brilhante. Portugal inteiro quer embarcar para o Brasil. Fidalgos de mais gentil sangue de entre Tejo e Guadiana, homens de prol d'daquen e d'além Minho, marquês, condes, barões, conselheiros do rei, commendadores de Christo e da Calatrava, cavalleiros de Aviz e de Santiago, morgados, procuradores de cidades e villas, alcaide-móres de castello e praças, capitães de peleja, e outra muita gente grada da córte, formam a faustosa legião, tão garboza e tão intrepida que lembava a ala dos namorados que venceu em Aljubarrota, os soldados moços e alindados de D. João III e os denodados companheiros de D. Sebastião. Nesses senhores galhardos e ufanos, vestidos de trajos de guerra, com gibões de setim e ornados de alamares e rendilhas, capas de damasco e colletes de veludo, couras bordadas e calções enfeitados, meias de retroz, chapéus de plumulas, grossos

collares e cadeias cravcadas de pedras rutilantes, ostentando espadas de copos de ouro cinzelado mettidas em cintas ricas, corriam o sangue daquelles veneraveis batalhadores que haviam auxiliado os reis portuguezes a construir a patria e a firmar seu nome. Facil é reconhecer dentro elles os representantes dos Menezes, Noronhas e Albuquerque, fidalgos dos maiores de Portugal, ligados á casa real lusitana e parentes dos reis de Castella, cuja nobreza se espartelava em esmaltes e metaes

#### A FE' ACTIVA

Do discurso do Sr. Carlos Malheiro Dias, agradecendo uma manifestação que que lhe promoveram os "novos" de Portugal, do grupo da *Contemporanea*, transcrevemos estas palavras de crença e de aviso, de fé e de previdencia.

"A enfermidade portugueza não se cura com eloquencia. Ha mesmo palavras que, embora reputadas como talismans miraculosos, devem usar-se com parcimonia e prudencia. Mais do que tudo, uma grande fé é necessaria — preconizam os patriotas. Mas a fé (não me refiro á religiosa, applicada na adoração da Divindade) é arma de dois gumes, que conquista e mutila. Fé é uma encarnação da paixão. De todas as vezes que a paixão da fé se applicou cegamente aos assumptos terrenos gerou o delirio e a intolerancia. A fé é a força indomavel e furibunda, perante a qual abdica, impotente, a intelligencia. Sem duvida, a fé é necessaria — se bem que para alguns privilegiados não seja indispensavel — mas é a fé de olhos abertos, a fé que decorre dos convencimentos da razão e não das exaltações do instincto. Penso que se está difficul-tando a solução das afflicções nacionaes com uma falsa interpretação do papel que a fé desempenhou nos destinos do povo portuguez.

Nunca fomos um povo animado de um ardente espiritualismo. Raras vezes nos alçamos até á santidade. Sem negar que alguns mysticos, como o sublime Condestavel, tenham influido no curso da nossa historia, certo é que, mesmo nessa hora de poesia cavalheiresca, em que céo e patria se confundiram nas almas, o prosaismo utilitario de D. João I temperava, com o bom senso portuguez, o mysticismo archangelico de Nun'Alvares. O maior emprehendimento da grey, que os historiadores do romantismo qualificaram de heroica aventura, hoje sabemos que foi uma empreza meditada, organizada, inspirada por uma politica transcendental.

A fé que vos trago não é a fé cega, a fé sectaria, a fé que espera o milagre, mas a fé activa de um homem a quem a experiencia ensinou que nada de bom se produz sem esforço: a fé simplista que não distingue entre o trabalho do lavrador para transformar em pão a seiva da terra e o trabalho de um estadista para transformar em prosperidade a seiva de uma nação. Que succederia ao lavrador que semeasse sem lavar? Ao louco que lançasse para entre as urzes as sementes de trigo á espera do milagre? Nós estamos semeando um pouco entre as urzes. Por isso colhemos espinhos, e máo semeador attribue á aspreza da terra o que só devera attribuir á sua impericia".

ao pescoço do veado heraldico do timbre, ostentando nos seus escudos as barras de Aragão, as quinas sagradas de Ourique e os leões batalhantes de Castella. Os famosos Cesares de Menezes deram dois representantes, os filhos do illustre Vasco Fernandes Cesar, provedor dos armazens reaes, alcaide-mór de Alenquer e general de artilharia, descendente daquelle Sebastião Cezar de Menezes, o maior theologo de seu tempo e politico terrivel, con-

siderado pelo saber e pelo orgulho *sol cesareo, sêgundo uns, ou romano cesare major*, scgundo outros, e que apparece naquella formidavel *Lucta de Gigantes* divulgada pelo genio de Camillo. Havia gente das linhagens dos Castros, dos Menezes, dos Tavoras, dos Souzas, dos Cunhas, dos Almeidas, dos Peireiras, dos Almadas e de outros muitos senhores. Quasi todos os titulos poderosos e dilatados, que figuram no *Livro Velho das Linhagens*, no *Nobiliario do Conde D. Pedro* e no tecto dourado da *Sala dos Brasões* do Paço de Cintra, ahi se encontram. Quanto á armada de Castella, diz Rocha Pitta (*Am. Port.* 113), que "não era de menor apparato, nem de menos espectação, antes superior em naus, gente e experiencia, conduzindo muitos cabos e soldados veteranos tão exercitados nas facções de terra como nos conflictos de mar. Traziam nella postos diferentes, varios titulos e fidalgos italianos, vassallos del-rei de Espanha. Dos castelhanos vinham muitos de elevada esphera, uns já famosos na profissão da guerra, e outros que escolheram esta occasião do maior furor della para ensaio do seu novo militar emprego." Afinal, com desusado enthusiasmo e rara rapidez apparelham-se as duas esquadras que vão compôr a armada restauradora, constituída de 63 velas, entre galés, fustas, galeões, urcas, patachos e caravellas, dos quaes 26 de Portugal e 37 de Castella, inclusive os transportes, conduzindo 945 canhões, munições para dilatado cerco e cerca de 12.000 homens de peleja, sendo 4.000 lusitanos, 7.500 castelhanos e 500 napolitanos.

#### A ARMADA DE CASTELLA

A esquadra de Espanha tinha por almirante o insigne D. João Fajardo de Quevara e Tença, commendador de Montachuelos, senhor de Espinaredo, Conti e Monteagudo, e do conselho de guerra do reino, official pratico e esforçado, nome de "grande noticia das coisas do mar". Tratava-se de um velho servidor da monarchia, e commandava a armada de Gibraltar havia 18 annos, quando tomou o seu novo posto, e era filho de um outro grande general, D. Luiz Fajardo, cuja prudencia e disciplina passavam como proverbiaes. Na armada real de Castella vinham: Pedro Rodrigues de Santo Estevão, marquês de Crópani, mestre de campo do terço napolitano; o mestre de campo Carlos Caraccioli, napolitano, marquês de Torrecusa; Diogo Rodrigues, capitão e sargento mór, do conselho de guerra de S. M. em Flandres; D. Francisco de Faro; D. Luiz de Coutinho; João Girão de Cardenas, cavalleiro da Ordem de S. Tiago; o governador e sargento mór João Vincencio Sanfelice, da Ordem de S. Tiago, conde e mais tarde principe de Bagnuolo, e que tão relevantes serviços prestou ainda ao Brasil nas guerras contra a Hollanda, tendo derrotado o principe de Nassau na Bahia, em 1632, D. Francisco de Azevedo y Bracamonte; D. Francisco de Ribera; D. João de Orellana, capitão de infantaria, e da Ordem de Calatrava; D. Pedro Osorio; Martin de Valdecilla, cavalleiro do habito de S. Tiago; tenente general Pedro Cortez de Amentoros; D. Francisco Gracian; D. Francisco Ponce de Leon, do habito de Calatrava; D. Henrique de Aragão; D. Antonio de Tovar; D. Rodrigo Portocarrero; Hector de la Calche; D. Antonio Troncoso; D. Alonso Henrique; D. Alvaro de Valladares; D. Thomás de Iriarte; D. Antonio d'Eça e Peralta; D. João de Ojeda, e tantos outros. A presença de alguns grandes de Espanha fidalgos gascões, borgonheses, aragoneses, gallegos, davam maior luzimento á expedição, e eram os principaes D. Manoel de Gusmão, da Ordem de S. Tiago, tio do duque de Medina de las Torres, marquês de Toral e Heliche; D. Francisco de Sandoval, também da ordem de S. Tiago, tio do duque de Lerma; D. Pedro Velaz de Medrano; D. Gonçalo de Cordoba; D. Ambrosio Espinola; D. Pedro de Santo Estevão, sobrinho do conde de Crópani; D. João de Torreblanca; D. Pedro de Aguiar e D. João de Isunça, estes dois cavalleiros de S. João. Acompanharam ainda a armada espanhola o licenciado D. Jeronymo Quesada de Solosano e Tamaio, na qualidade de auditor geral de mar e terra, frei Alonso da Conceição e o pintor Felix de Castello.



## A ARMADA DE PORTUGAL

A armada de Portugal trazia por capitão general o "prático, estimavel e valoroso" D. Manoel de Menezes, chronista mór e cosmógrapho de S. M., tão illustre de sangue como respeitado pela sciencia e pelo character, o qual se fez acompanhar de seu filho o capitão D. João Telles de Menezes, que defendeu mais tarde Olivença, governou o Porto e foi embaixador na Hollanda em 1649, e por almirante D. Francisco de Almeida, promovido depois aos generalatos de Mazagão e da Ceuta, proximo parente do primeiro visor-rei da India, o heroe da batalha de Toro e do cerco de Granada, grande politico e maior guerreiro, o homem que el-rei sempre indicava para as grandes empresas. Na nau capitania da armada real, que era o galeão *S. João*, vinham com o general D. Manoel de Menezes, como soldados razos: D. Affonso de Portugal, conde de Vimioso; D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca, terceiro neto de Duarte de Menezes, visor-rei da India e quinto de outro de igual nome, conde de Vianna; Antonio Telles da Silva, governador que foi do Brasil; D. Alvaro de Abranches da Camara, da mais alta nobreza do reino e que mais tarde occupou grandes postos, filho unico de D. Francisco Coutinho, herdeiro da opulenta casa de Abranches e neto do Conde de Villa Franca; D. Affonso de Menezes, depois senhor da Ponte da Barca, herdeiro da grande casa de seu pai, D. Fradique de Menezes; D. Francisco Luiz de Faro, depois conde de Odemira, aio d'el-rei D. Affonso VI, dos conselhos de Estado e guerra, filho do Conde de Faro, do conselho do Rei e vedor da fazenda real; D. João de Portugal, filho de D. Nuno Alvares de Portugal, conde de Vimioso, presidente que foi do Senado da Camara e governador do reino, descendente da casa de Bragança, e a cuja familia pertencem ainda os marqueses de Valença, os condes de Teutugal e os marqueses de Gelves, em Castella; Alvaro Pires de Tavora, filho de Rui Lourenço de Tavora, do conselho d'Estado e visor-rei da India e herdeiro de D. Nuno Alvares Pires de Tavora; D. Henrique de Menezes, filho mais velho do senhor de Lourical; D. Fernando de Menezes; D. João de Lima, marquês de Tenorio por Castella e filho do visconde de Villa Nova de Cerveira; D. Diogo de Vasconcellos e Menezes e seu irmão D. Sebastião, filhos de D. Affonso de Vasconcellos, senhor de Penella; Alvaro de Souza, primogenito de Gaspar de Souza, do conselho d'Estado e governador geral do Brasil; Duarte de Albuquerque Coelho, senhor e donatorio de Pernambuco, "que deu mesa a 300 vassallos seus, alem de 37 criados, e outros soldados mais, enquanto durou o sitio da Bahia"; Gonçalo de Souza, filho herdeiro de Fernão de Souza, senhor de Gouvêa e governador de Angola; João da Silva Tello de Menezes, que foi visor-rei da India e primeiro conde de Aveiro, e herdeiro da opulenta casa de seu avô D. João Tello, governador de Portugal; Nuno Gonçalves de Faria, irmão do almotace-mór Francisco de Faria, alcaide-mór de Faria, celebre por um acto de heroismo e de lealdade patriótica, no tempo de D. Fernando, de Portugal, feito este que Alexandre Herculano aproveitou nas *Lendas e Narrativas*; D. Nuno Mascarenhas, que pelejou mais tarde como mestre de campo na batalha de Montijo, e ahi morreu em defeza da patria; Antonio Carneiro de Aragão, senhor e primeiro conde de Ilha do Principe, de cuja familia é tronco em Portugal D. Pedro de Aragão, que acompanhou ao reino a rainha Santa Izabel; Sebastião de Sá e Menezes, commendador e alcaide-mór da casa de India; Pedro da Silva Cunha, que foi governador e capitão general da Madeira; Rodrigo de Figueiredo Alarcão, que foi governador das armas na provincia de Trazos-Montes, gentil-homem da camara do principe D. Pedro, de nobreza originaria de Castella, cujos varões figuram na historia da aristocracia portugueza com os appellidos de Figueiredo, Lencastre e Menezes, sendo ainda ligado a Pedro Alvares Cabral; Antonio de Figueiredo de Vasconcellos e dois irmãos, "todos tres destinados em diferentes lugares aos proprios sacrificios, deram as vidas

pela patria, igualando-se no sangue vertido e no herdado, ao nascimento da natureza, a fortuna da Morte"; Nuno da Cunha, filho do senhor de S. Vicente da Beira; D. Lourenço de Almada, filho herdeiro de D. António de Almada, que foi embaixador de Inglaterra; Antonio de Sampaio, filho de Manuel de Sampaio, senhor de Villa-Flor; Simão de Mascarenhas, do habito de S. João, filho de Pedro de Mascarenhas, senhor de Alcacer; e grande numero de outros da primeira nobreza do reino, cada qual mais entusiasta e mais orgulhoso daquela missão. No navio almirante *Santa Anna*, com D. Francisco de Almeida, embarcaram: Pedro da Silva, governador que foi da Mina, depois do Brasil e primeiro conde de S. Lourenço; D. Alvaro Coutinho, senhor da casa de Almourol; D. Francisco de Portugal, da casa dos Vimiosos, commendador de Fronteira, e estimavel poeta dos *Divinos e humanos versos*; D. João de Souza, alcaide-mór de Thomar; Antonio Corrêa, senhor de Bellas e da ilha de Boa Vista em Cabo Verde; Antonio de Castello Branco, senhor de Pombeiro e da linhagem do primeiro conde de Sabugal; Rui de Moura Telles, senhor da Povoas Meades, estribeiro-mór da rainha, e dos conselhos de Estado e de guerra; D. Lourenço de Almeida; Antonio Pinto Coelho, senhor de Filgueiras; D. Fernando Alvares de Toledo; Diogo Gomes de Figueiredo, general de artilharia na Bahia; e outros capitães já de fama no reino. No galeão *Nossa Senhora da Conceição*, commandado pelo mestre de campo Antonio Moniz Barreto, "primoroso na gentileza e nas maneiras, infeliz nas aventuras do mar, que por ultimo lhe abriu o sepulchro, e estimado pela intrepidez do animo e pela suavidade da lingua", seguiram entre outros, o moço D. Antonio de Menezes, primogenito de D. Carlos de Noronha, presidente da Mesa da Consciencia; Jorge de Mello, filho do monteiro-mór de Portugal; D. Lopo da Cunha, senhor de Sentar; Luiz Cesar de Menezes, depois alferes mór do reino, e seu irmão Pedro Cesar de Menezes, que foi do conselho de guerra, filhos de Vasco Fernandes Cesar, provedor de S. M.; Henrique de Miranda Henriques, senhor de Ferreiros e Tendaes; D. Francisco de Mello e Castro, que morreu general da armada portugueza e era filho do capitão-mór das náos da India; Pedro Cezar d'Eça, filho do provedor das armadas de S. M.; e outros fidalgos das primeiras casas do reino. A bordo do galeão *S. José*, sob o commando de D. Rodrigo Lobo, estava no posto de simples soldado raso, D. Affonso de Noronha, do conselho do Rei, famigerado capitão de Ceuta e Tanger, almirante da armada real, governador do reino de Algarve e visor-rei da India, um dos nomes mais gloriosos entre os da sua geração, tanto pelos seus feitos militares e serviços administrativos, como pelas virtudes pessoas ou, como diz o chronista, "um dos notaveis portuguezes, a quem deve o reino mais saudosa memoria" O caso de D. Affonso de Noronha merece especial menção. O velho fidalgo preparava-se para ir tomar o governo da India, como visor-rei, em companhia do filho D. Miguel de Noronha, conde de Linhares e governador de Tanger, quando, em alto mar, teve noticia da guerra na America Brasileira, e, então, com o peito a ferver em entusiasmo e querendo dar um exemplo de acendrado patriotismo, apresenta-se, embora velho e cansado, mas ainda para muito, e alista-se como soldado na heroica empresa, "exemplo não necessario, diz D. Manoel de Menezes, para a disposição de animo com que estavam os mais senhores e fidalgos, mas efficaç para os abraçar quando frios e esquecidos estivessem" Encontravam-se mais no galeão: D. Sancho de Faro, da Ordem de S. Tiago e filho do conde de Vimieiro; Dom Luiz Alvares de Tavora, conde de S. João, senhor da casa de Mogadoura e um dos mais opulentos fidalgos do reino, e seu filho primogenito Antonio Luiz de Tavora; D. Henrique Henriques, senhor de Alcaçovas; D. Rodrigo da Costa, filho de Julião da Costa, conselheiro d'Estado; D. João de Menezes, filho herdeiro de Diogo de Menezes, chamado o Roxo; D. Diogo de Noronha, filho; Lopo de Souza; D. Manuel Lobo, filho de D. Francisco Lobo; Manuel de Souza Mascarenhas, que foi governador e capitão general da Ma-

deira; D. Diogo Lobo, filho de D. Rodrigo Lobo, cujo appellido procede de D. Pedro Paes Lobo, primo da rainha D. Mecia Lopes de Haro; Rui Dias da Cunha; e Francisco Barreto de Menezes, que ganhou depois a victoria dos Guararapes e foi o restaurador de Pernambuco, todos fidalgos de alta linhagem. No galeão *N. S. do Rosario*, armado por seu capitão Tristão de Mendonça Furtado, que foi embaixador na Hollanda, embarcaram Francisco de Mendonça Furtado e Christovão de Mendonça Furtado, filhos de João de Mendonça Furtado, e bem assim Gaspar de Paiva Magalhães, D. Manuel Coutinho, D. Antonio de Mello, Pedro da Camara e Mello, os quatro irmãos Travassos, e outros, enquanto a bordo do *N. S. do Rosario*, maior, se encontravam, além de Rui Barreto de Moura e Menezes e seu filho João Alvares de Moura, D. Luiz Coutinho, filho do conde de Redondo, D. Alvaro e seu irmão, D. Francisco de Lencastre, filhos do marechal de Portugal, Simão de Figueiredo Castello Branco, Diogo de Souza Castro e varios outros. Nos demais galeões, caravellas e naus navegavam representantes da mesma nobreza, todos briosos e galhardos, podendo citar-se ainda os nomes de Esteves de Brito Freire, "que, tendo grossas fazendas, com dois dos melhores cunghios na Bahia, logo que se perdeu aquella praça, fez serviço a el-rei de 200 escravos, para ajudarem nas fortificações" e offereceu a D. Fradique muitos mantimentos; Diogo da Silveira, filho herdeiro de D. Alvaro da Silveira e neto do Conde de Sortelha; João Mendes de Vasconcellos; João Machado de Brito, senhor de Sanseris e Frietas; D. Rodrigo e D. Fernando da Silveira, filhos do senhor das Cercedas e Toveira Formosa; Lourenço Pires de Carvalho, filho do provedor das obras do reino; Martim Affonso de Oliveira de Miranda, morgado de Oliveira; Christovão Cabral, do habito de S. João; Lançarote da França; Estevam Soares de Mello, da casa dos Mellos; Duarte de Mello Pereira e dois filhos; Domingos Pereira d'Eça e Roque de Montarros; "além de outros quasi innumeráveis sujeitos de qualidade e valor, que com termos nomeados e muitos, ficam ainda tanto para nomear, que não permite a sua larga narração, o succinto da nossa historia, escreve Brito Freire.

## A RECONQUISTA DA BAHIA

A armada portugueza, poçando as brancas velas, palpitantes e triumphadoras, zarpo do Tejo a 22 de Novembro de 1624, com destino a Cabo Verde, onde devia esperar pela de Espanha, procedente de Cadiz, composta pela reunião das esquadras chamadas do Oceano, do Estreito, de Biscaya, dos Quatro Villas e de Napoles, e que saíra de Cadiz a 14 de Janeiro seguinte. Aos 6 de fevereiro reuniram-se as duas armadas na Bahia de Santiago. Ali assumio o commando geral da esquadra lusoespanhola o generalissimo D. Fradique de Toledo. Tendo levantado ferros de Santiago, cinco dias depois, veio a esquadra fundear no dia 29 de Março no porto da Bahia, tomando a barra de noroeste e suéste, afim de impedir que se escapasse a frota hollandesa, que, em numero de 25 navios, se limita a tomar posição sob as baterias da praça. E' conhecida a situação de angustia em que se encontram os hollandeses na cidade completamente sitiada. Ainda resistem, porque esperam a todo momento a chegada de auxilios da Europa, que, retardados por temporaes, só appareceram a 22, depois de rendida a praça, e eram representados por 34 náos, commandados pelo almirante Hendrikson, que, não se aventurando a um combate, velejou para a Hollanda; e com tanta certeza contavam os inimigos com esse socorro que, ao avistarem os navios da Espanha, em alto mar, muito se regosijaram suppondo que fossem elles flamengos. No dia 30 estabelece-se o circulo de ferro em torno da praça. Ahi então é que se sentio com que consciencia do seu papel e com que sentimento do seu valor operou aquella legião de fidalgos generosos e destemidos, e em cujo peito não se sabe o que havia mais — se o instinto da bravura, se o preconceito da honra. No dia 31 começa o desembarque. A primeira columna, de 2.000 castelhanos, 1.500 portuguezes



e 500 italianos do terço de Nápoles, salta na praia do Sul da cidade, entre S. Antonio e S. Bento, e sem encontrar resistencia por parte dos invasores. A essas forças logo se juntaram as tropas de D. Francisco de Moura, entre as quaes figuravam a gente conduzida do Rio por Salvador Corrêa de Sá, o futuro restaurador de Angola e que, dias antes, se batera contra o almirante Pieter Heyn na defesa de Victoria e os duzentos legionarios pernambucanos que Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, filho do famoso conquistador deste nome, armou e conduziu á Bahia, á sua custa, assistidos de seus dois irmãos Felipe Cavalcanti de Albuquerque e João Cavalcanti de Albuquerque, Felipe de Moura, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Affonso de Albuquerque, Feliciano Coelho de Carvalho, Antonio Cardoso de Barros, Francisco Gomes de Mello e outros, todos de sua nobre parentella. Não é demais assignalar que, como sempre, esses Cavalcantis se mostravam bravos, generos, dignos da reputação que já haviam feito na patria. Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Brasil*, 567), registando o occorrido, escreveu: "Os Cavalcantis entraram na Bahia, donde foram bem recebidos de todos, particularmente do capitão-mór, D. Francisco de Moura, seu primo, e do senhor de Pernambuco, Duarte de Albuquerque, que havia vindo na armada por soldado, e Sua Magestade se deu do feito por bem servido, como o manifestou em uma carta que escreveu ao mesmo Jeronymo Cavalcanti" Ainda me permitto recordar o gentilhomen pernambucano Duarte de Albuquerque Coelho. Era senhor de Pernambuco, em cujos campos batalhou contra os flamengos, deixando dessa luta *As memorias diarias da guerra hollandesa*, e foi mas tarde marquês de Basto, titulo que pertencera ao sogro o conde D. Diogo de Castro, visorrei de Portugal nomeado pelos espanhões. Era filho, em segundas nupcias, de Jorge de Albuquerque Coelho, a mais bella e nobre figura que nos deixaram os tempos coloniaes, rico de bravura e de generosidade, heróe e enfermeiro-mór do exercito de D. Sebastião na derrota epica de Alcacer-Kibir, em que se fixou, como bem lembra Oliveira Lima, a lenda cavalleiresca do fidalgo "que, tendo por vezes recusado ao seu soberano um soberbo ginete, lh'o offerece na batalha, na occasião do maior perigo" De Duarte de Albuquerque Coelho foi cantor o nosso primeiro poeta, Bento Teixeira Pinto, que, na *Prosopéa*, escreveu:

Que eu canto um Albuquerque soberano  
Da fé, da chara patria firme muro,  
Cujo valor e ser que o Céu lhe inspira,  
Póde estancar a lacia e grega lyra...

Apoderam-se os pernambucanos de dois baluartes, artilhando-os com 37 bocças de fogo, e com os quaes repellam os flamengos que tentam obstar a fortificação dos postos tomados. Não demorou que se encetassem combates em torno da cidade amargurada. A peleja prolonga-se por muitas semanas, com grande assombro dos sitiantes, que não comprehendiam como o intuito daquelle heroismo absurdo consistia em retardar a queda da praça, porfiada e valorosamente defendida, até que cheguem as duas esquadras flamengas, armadas em Amsterdã pela Companhia para segurar a conquista. Na lida em volta dos fortes bastiões, tombam alguns daquelles nobres typos da aristocracia peninsular, que abnegadamente morriam na terra americana, a exemplo do morgado de Oliveira, "o qual se embarcou enfermo de Lisboa, e, advertindo-o parentes e amigos que não tratasse da jornada, respondeu que ungido havia de ir nella, tanto era o desejo que tinha do serviço do rei, não só em esta occasião mas em outras muitas já bem mostrado (Fei Vicente: *Hist. do Brasil*, 574)." Todos queriam andar na vanguarda, e preferindo sempre os postos de maior perigo. "Muitos fidalgos portuguezes, B. Freyre, (Ger. Br. 131), soffregos na competencia generosa de se avantajarem, sem alistar-se em nenhuma companhia, assistiam sempre diante dos que estavam na vanguarda, na cabeça das trincheiras. Até que chegando á noticia de Dom

## UM ESTERILISADOR — RENAN

Elle professava que nada é inteiramente verdadeiro nem falso. Era o philosopho do senso commum. Considerava a fé, o entusiasmo, a sinceridade, a exaltação, como ingenuidade romanticas, e, assim como reduziu Jesus a proporções accetaveis e convenientes, apresentando-o como um sonhador distincto, mostrava que a paixão e o desejo do absoluto são os peiores inimigos da boa digestão. Toda generosidade lhe parecia uma deformação, de que sorria com uma displicencia. Detestava a "horriavel mania da certeza" e diante de cada acontecimento humano, murmurava com superioridade: "Que importa isso a Sirio?"

Foi assim que esse velho sagaz ensinou o pessimismo, o scepticismo, o menor esforço a toda uma geração de moços, alguns dos quaes, como Bourget e Barrés, depois do o terem adorado, libertaram-se de seu charco moral pela volta á fé ou ao ardor patriótico. Mas quantos ficaram comprometidos! Póde-se ver em Anatole France o typo do renaniano impenitente: ainda assim, embora tarde, fez-se bolschevista, para escapar á dissecação, tentando crer em alguma coisa, não importa em que. Renan foi o mais terrivel esterilizador moral. Sua obra perfumada acabou por cheirar tão mal, como as flôres de que se esquecem de mudar a agua. Foi preciso a guerra para varrer os derradeiros miasmas do renanismo, embora tenha já percebido que viver pela intelligencia pura é viver anormalmente. O homem, que ousou escrever esta phrase afrontosa: "A França morre, não perurbai a sua agonia", foi o principal representante do espirito de derrota, de indifferença, de obediencia ao germanismo em marcha para a conquista da Europa. Mas eu aposto como os discursadores officiaes esquecerão esta phrase. Ella os incommodaria. Depois do Marne, não nos importa mais.

CAMILLE MAUCLAIR.

Fradique, os obrigou a assentar praça, com ordem só de acudirem, e não excederem ás obrigações militares. Porque além de reservarem o valor de pessoas tão illustres, ao perigo das occasiões mais importantes, era tirar a honra aos outros fidalgos, que na esperança daquelles suores de maior credito, se animaram aos de mais trabalho". Por fim, a guerra assume um aspecto singular. Os sitiantes, depois de um mês inteiro de lutas, transpõem os baluartes já de brechas abertas, e as refrégas continuam dentro da cidade. Lutava-se nas ruas, como numa sanha inconcinda de bandos que se perseguem e se encarniçam á vista do sangue. D. Manuel de Menezes, num estylo colorido e sobrio, descreve esses tragicos dias, dando-nos a suggestão nítida daquelle inferno em que as furias se laceram como num hospicio invadido de terror. Até que no ultimo dia de abril os intrusos, não podendo mais resistir, pedem e assignam a capitulação, entregando elles a cidade, após um anno de posse, com todas as armas, seis navios, munições, presos, escravos e prisioneiros, e os vencidos, reduzidos a 1.912 homens, na maior parte aventureiros inglezes, francezes e flamengos de provado valor, embarcaram para a brumosa Hollanda. Tendo colhido todos os fructos da victoria, mostrou-se D. Fradique de Toledo generoso com o inimigo. Refere, porém, um historiador que ao entrar na cidade celebraram os religiosos a espantosa cerimonia de "açoitar os pulpitos profanados pelos hereges", e mais, "que se lhes desenterraram os corpos que haviam sido sepultados no recinto das igrejas, levando-os para terreno não sagrado fóra dos muros". Tinha-se, pois, desaffrontado com gloria a soberania das Espanhas, e principalmente graças á generosidade, á nobreza e ao destemor dos paladinos da fé lusa a Bahia foi restaurada.

## A DESGRAÇA DOS VENCEDORES

Por fim, aos 4 de agosto, depois de entregar o governo da cidade libertada a Dom Francisco de Moura, guarnecida apenas de um reforço de mil soldados, insufficiente para castigar o inimigo na sua nova investida em 1627, D. Fradique de Toledo, que foi "digno de louvor pelo que obrou, como pelo que deixou de obrar", se fez de véla para a patria com a luzida frota. O regresso, porém, foi um desastre que nos commove sobremaneira, o que levou o chronista a escrever que "têm tanto razão os vencidos de sentir a desgraça, como os victoriosos de temer a fortuna" A exemplo do que occorreu com as frotas gregas depois do maravilhoso e demorado cerco de Troya, galés, galeões, galeotas, caravellas e fustas das vistosas armadas foram dispersadas em combates com temivcis corsarios, destruidas por continuas e rigorosas tormentas, desviadas do seu rumo por varios accidentes, e chegam a Portugal e a Castella re-

duzidas a 15 náos. D. Manoel de Menezes entrou em Lisboa, donde partira tão ufano, conduzindo 26 náos empavezadas, num pobre galeão, o *Santa Anna*. Ao victorioso D. Fradique de Toledo, que ajuntára aos louros da guerra do Brasil outros não menos honrados ganhos em porfiadas lutas, estava reservado maiores angustias. Victima do despeito, da inveja ou da soberbia do fero Olivares, que não estimava os homens de guerra e de mar que ainda restavam á Espanha, veio a morrer em 1634 numa prisão de Madrid, procesado e condemnado pelo feio crime de, "desafiando o temivel desagrado do omnipotente valido", pretender evitar á patria o vexame de uma derrota na terra onde vencera com lustro e com honra a sua refulgente espada. A poesia castelhana, que lhe havia exalçado em vida a gloria pela tuba sonora do grande Carpio, inscreveu em seu venerable túmulo, com a pena de Quevedo, este conceituoso epitaphio, que é uma replica á clamorosa injustiça com que fóra tratado o heróe de tantas batalhas:

Al baston, que le vistes en la mano  
Com aspecto real y floreciente,  
Obedeció pacifico el tridente  
Del verde emperador del Oceano.

Fueron oprobio al belga y luterano  
Sus órdenes, sus armas y su gente,  
Y en su consejo y brazo, felizmente  
Venció los fados el Monarca hispano.

Lo que en otros perdió la cobardia,  
Cobró armado y prudente su denuedo,  
Que sin victorias no contó algún dia.

Este fué Don Fradique de Toledo,  
Y hoy nos da desatado en sombra fria,  
Llanto á los ojos e al discurso miedo.

D. Fradique de Toledo vive ainda para a posteridade na téla do pintor madrilenho Felix Castello, discipulo de Carducci, a qual representa o desembarque do Marquês de Valdueza na Cidade do Salvador, na Bahia, figurando nella retratados, além deste general, o mestre de Campo D. Pedro Osorio, D. Juan de Orellana e outros personagens, e se encontrava, com outro quadro do mesmo artista, que tambem reproduz uma victoria das armas castelhanas contra a Hollanda, no *Salón de Reys*, do palacio de Bueno Retiro, em Madrid. Delle, pode dizer-se, realmente, o que, em severo endecasyllabo, disse o poeta classico de outro espanhol que foi imperador em Roma:

Gran varón de la patria, honor de España.

## ORIGEM DA NOSSA NOBREZA

Ahi tendes, nuna narração sem brilho e sem colorido, quanto deveriam ser cantados em lingua camoneana, os feitos dessa cavalgada quasi mystica pelo grande oceano, os quaes valem, não só com lição do heroismo lu-

sitano, mas ainda como exemplo de sublime abnegação dos portentosos progenitores do nosso passado e dos gigantescos constructores da nacionalidade brasileira, que se gerou e floresceu no sangue que intemperados portugueses e brasileiros verteram no mesmo sólo contra a cubiça estrangeira. Ha mister consignar que a expedição restauradora, por uma circunstancia que tanto desvanece a terra rediviva, e principalmente a raça historica que se constituia, se tornou um forte argumento em favor dos pergaminhos da nobreza brasileira, e isto porque das duas arminas victoriosas ficou muita gente que se fixou em varias capitania, deixando prole numerosa, que não degenerou nem em sangue nem em fausto. O armonial da nossa fidalguia, que se contem quasi inteiro nas nobiliarchias de Borges da Fonseca e de Pedro Taques, ostenta os mesmos brasões d'armas desses varões assignalados pela bravura e pela honra, que foram os Menezes, os Sás, os Coutinhos, os Albuquerque, os Mouras, os Coelhos, e outros, muitos outros. E é assim, fundado na historia e na tradição, que, perante a inconsciencia affrontosa, se reate os calumniadores da patria, apontada como obra de degredados e fructo ignomioso.

#### A MUSA DE LOPE DE VEGA

A magnifica victoria das armadas reaes foi celebrada festivamente no Brasil, na Espanha e em Portugal. Reconhecendo o zelo, a coragem e o esforço com que o dilacerado Portugal o havia servido, com contribuições de sangue e de dinheiro, e commovido pela dedicação dos seus vassallos, Felipe IV, o monarcha artista e letrado, "amigo de folgares", prodigalisou aos legionarios e fidalgos portugueses tão gradas mercês, tenças e dignidades, tamanhas regalias e privilegios de tal modo vultuosos, creando fidalguias novas, accrescentando senhorios, engrossando officios e poderes, e offerecendo ainda privilegios ás cidades e villas, que, em generosidade, excedeu a todos os reis portugueses. A proposito do procedimento de El-Rei catholico, que apenas praticava um acto politico muito habil, embora á custa do exaurido erario lusitano, adverte um historiador moderno que se elle houvesse attendido sempre aos perigos com a mesma presteza e premiado os sacrificios com igual magnimidade, teria conquistado o apoio dos nobres e, com o tempo e suavidade, até o animo do povo: e não o fez impedido pela politica unitaria, perfida e intrigante do conde duque. Seja como fôr, a reconquista da Bahia impressionára-o muito favoravelmente, tanto mais que para isto concorreu ainda o regosijo dos dois povos, que viviam envolvidos de infortunio e miseria. A triumphal *Jornada dos Vassallos* teve principalmente a ventura de inspirar a um dos genios mais floridos e ferteis da raça uma obra palpitante de flamma patriotica. Lope de Vega foi o cantor, e em versos castelhanos, limpidos e harmoniosos como todos os que compoz, teceu uma corôa de louros ao denodado restaurador da Bahia, que era tambem o herôe do Palatinado, o vencedor de Fleurus e o expugnador de Breda. A' comedia famosa chamou elle *El Brasil Restituido*, foi escripta em 23 de outubro de 1625 e teve licença superior para ser representada seis dias depois. Tendo-se conservado inédita até 1902, graças ao illustre critico espanhol D. Marcelino Menendez y Pelayo foi estampada pela primeira vez no tomo XIII das *Obras de Lope de Vega*, editadas pela Real Academia Espanhola, e conforme o original autographo que, depois de ter pertencido ao erudito D. Fernando de la Senra, autor de *Viajes de um espanhol por Levante* e de outros livros, fazia parte da opulenta colleção de documentos relativos á historia da America de Mr. O' Rich, que foi consul dos Estados Unidos em Espanha durante o reinado de Fernando VII. Falando da composição de Lope de Vega, escreve Menendez y Pelayo, nas observações preliminares do referido volume: "*El Brasil Restituido* é una especie de loa donde no se ha de buscar fábula dramática de ningún género, sino exactitud histórica, buen lenguaje, fáciles versos y mucho entusiasmo patriotico, cualidades

que nunca faltan en Lope. Como no era facil poner en acción todas las peripecias del sitio, se valió, como otras veces, del recurso de introducir personajes alegóricos, que unas veces profetizan y otras veces muestran, en una especie de panorama poético, lo que ha de pasar ó esta pasando fuera de escena. Algunas de estas personificaciones son curiosas: el Brasil aparece en figura de dama india, con una rueda de plumas y una flecha dorada. Con ella alternan el crinado Apolo, la Religión (en habito de dama española) y la Heredia, descubriéndose por final el retrato de Felipe IV". Enthusiasmado com a força da frota e enamorado do fausto da comitiva, o poeta cantou a restauração da Bahia para perpetuar a fama dos seus herôes na memoria dos posteros:

A' vosotras, dulces musas,  
Do que estoy viendo refiero.  
Desde mi eclíptica de oro,  
Medida que en verso ó historia  
Queda en la memoria impreso,  
Como en jaspes immortales  
Y en hojas de bronce eterno.

Nos versos seguintes da segunda jornada, que recita o personagem Brasil, assim descreve com emphase e pompa, a organização e partida da armada luso-castelhana:

Pues óyeme atentamente:  
Sabiedo Su Majestad  
Del rey Felipe de España  
El notable atrevimiento  
De los rebeldes de Holanda,  
Nombró para General  
De mar y tierra, las armas  
De un generoso mancebo  
Que lo es desta misma armada;  
Nuevo Pirro, nuevo Aquiles,  
De ilustrissima prosapia  
De los Toledos y Osorios,  
A' quien don Fadrique llaman,  
Hijo de aquel gran don Pedro  
Que en Berberia, en Italia  
Y en Francia, tantas coronas  
Cifien las ilustres canas.  
Prometiendose el suceso  
De las victorias pasadas,  
De la bahia de Cadiz,  
Salieron rompiendo el agua  
Treinta naves de alto bordo  
Y la fuerte capitana,  
De cuya armada famosa,  
Que ya mi ribera aguarda,  
Es almirante don Juan,  
Que el Fajardo y el Guevara  
Tiene puesto en las estrellas  
Con tan heroicas hazañas.  
Son cinco mil y quinientos  
Infantes los que el armada  
Conduce, gente escogida  
De la mejor de Alemania,  
De Flandres y de Milán,  
Española, al fin, que basta;  
Des mil y quinientos hombres  
De mar, que todos alcanzan  
A' numero de ocho mil;  
Con que la fresca mañana  
De un martes dieron al viento  
Velas, y á los cielos gracias.  
Parte, al fin, la armada illustre  
Por olas saladas montañas,  
Abre camino en las ondas  
Que cicran espumas blancas,  
Gime el mar al grave peso  
Que le oprime las espaldas,  
Y con alegre zaloma,  
Licenzo tiende, escotas larga;  
Ella selva, ellos jardin,  
Pisando campos de plata,  
Ciudad portátil del viento,  
Fábrica de lienzo y tablas,  
Dieron vista á Tenerife  
Y á Cabo Verde, y la armada  
De Portugal descubrieron  
Que la de Castilla aguarda.  
La fidalguia y nobleza  
Que en esta ocasión se embarca,  
Pide portuguesas musas,  
Pide envidias castellanas.  
Por General della viene  
Un cabalheiro que llaman

Don Manuel de los Meneses  
Que dieron gloria á su patria.  
E's don Francisco de Almeida  
Su Almirante, á quien encargan  
El uno de los tercios,  
Porque en el otro señalan  
A' Antonio Muñiz Barreto.  
Aqui las alegres salvas  
Destas dos fuertes naciones,  
Que por nueva unión hermanas,  
La emulación de sus glorias  
Hace parecer contrarias,  
Fué, con notable alegría,  
Porque fuera Lusitania  
Unica, á no haber Castilla,  
Por las letras y las armas,  
Y si Portugal no hubiera,  
Castilla por Féniz rara  
Se celebrara en el mundo;  
Pero juntándose entrambas,  
Ni digo yo mi conquista,  
Pero aquella piedra santa  
Que fué sepulcro de Cristo,  
Fuera victoria de España.  
Dos mil y quinientos hombres  
Lucidissimos llevaba  
Esta armada, que á Castilla  
Juntó las quinas sagradas.  
Entran los dos en consejo  
Sobre la derrota; pasan  
Los pareceres que siempre  
En negocios de importancia,  
Resuelven que á la Bahia  
Y no á Pernambuco vayan,  
Y con generales vientos  
Parten, el agua embarcada;  
Que los tuvo detenidos  
Algunos dias su falta.  
Aqui las ninfas del mar  
Las duras quillas abrazan  
Para aligerar las naves,  
Que sobre el marfil levantan  
De sus cristalinos cuellos;  
Y otras, tejiendo guirnaldas,  
A' la victoria previenen  
Perlas, corales y nácar.  
Entretanto, fué forzoso  
Padecer algunas calmas,  
Pero refrescando el viento,  
Todas quedaron burladas;  
Que enamoradas de ver  
Tantas riquezas y galas,  
Tan lindos talles y brios,  
Fueron rémoras humanas.  
Pero al fin, un claro dia  
Que á Mercurio se consagra,  
Del tiempo que nuestra Iglesia  
Llama la mayor semana,  
Se descubre á barlovento  
De la Bahia, la playa  
De mi Brasil, que quisiera  
Salir de la tierra al agua.  
Y aquel celebrado dia  
Que fué la mayor hazaña  
De amor, dándose á si mismo  
El Redentor de las almas,  
Conpoco viento se acercan,  
Y en una chalupa manda  
Don Fradique, que de noche  
A' reconocerla vayan.  
Volvió un capitán diciendo  
Que estaba fortificada  
La ciudad, y que tenían  
Naves que su armada aguardan  
Con artificios de fuego.  
Pero el viernes; cosa rara!  
Que el Capitán de los cielos  
Venció á la muerte en campaña,  
Al silencio de la noche  
Dió fondo alegre á la banda  
Del Sur, y alargando ferros  
Sin disparar, vino el alba,  
Dando perlas á las flores,  
Que fué de flores la Pascua.  
Avisan los generales,  
Y puesta en forma la armada  
De media menguante luna,  
Ordenan que á tierra salga  
De don Pedro Osorio el tercio  
Y el portugués, que llevaba  
Almeida, mas ya Fajardo  
Echa su gente á las playas;  
Pero ya los generales  
Con sus banderas y cajas  
Salen á tierra, y los muros



De mi ciudad amenazan,  
Sube á este monte y verás  
La fe y el valor de España,  
Y que á un mismo tiempo tine  
Felipe cuarto sus armas  
En Indias, Italia y Flandes  
Para victorias tan altas.

A palma da victoria distribue igualmente entre Portugal e Castella, porque, se

La fama de César calla  
Con don Fadrique...

os portugueses se mostraram tão intrepidos soldados como nunca os ha vista:

Que gallardos, que valientes  
Muestran en esta ocasión  
Los portugueses, que son  
Dignas de laurel sus frentes:  
Don Alonso, honor y gloria  
De Noroña y Portugal,  
Merece nombre immortal,  
Merece eterna memoria.  
Don Alfonso de Alencastro  
Y don Martin de Oliveira,  
Cuya fama y nombre espera  
Letras de oro en alabastro,  
Qué no han hecho en la asistencia  
Desta guerra noche y dia?

Portuguesa fidalguia,  
A' Marte hará competencia.

E termina a terceira e ultima jornada com estes versos, que ainda poz na boca do Brasil:

Con este laurel  
Oh! generoso Toledo!  
Corona tus dignos sienes  
Portantos gloriosos hechos  
De El Brasil Restituído,  
Principio de los deseos  
De serviros, dunque fin  
De tan heroico successo.

O facto de sa haver Lope de Vega inspirado nas lutas que sustentamos contra os invasores flamengos, dando-nos um poema dramatico, com ser tão pouco conhecido entre nós, constitue motivo de orgulho para o nosso patriotismo. Assevera Menendez y Pelayo, na analyse da comedia de Lope de Vega, que não foi elle o unico poeta que cantou a grandeza da façanha historica, porque, na parte XXXIII das *Comedias Varias*, publicadas em 1670, figura uma de Juan Antonio Corrêa, intitulada *Perdida y restauración de la Bahia de Todos os Santos*, e diz mais ser possível existir no theatro portuguez alguma outra sobre o mesmo argumento. Não seria, pois, tarefa ingloria para os estudiosos da nossa historia encaminhar suas pesquisas no sentido de outras revelações.

#### A LITERATURA DA JORNADA

Numerosa, tanto em castelhano como em portuguez, é ainda a literatura historica relativa ao famigerado episodio da luta contra os holandeses no Brasil. A contribuição de maior valor é a obra do padre Bartholomeu Guerreiro. Intitula-se *Jornada dos Vassallos da corôa de Portugal, pera se recuperar a cidade do Salvador, na Bahya de Todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624, e recuperada ao princiro de Mayo de 1625. Feita pelo Padre Bartholomeu Guerreiro, da Companhia de Jesus...* Lisboa, Mathews Pinheiro, 1625. No dizer de Varnhagen, quanto ao methodo de narração e á dignidade do estylo, leva muita vantagem ao proprio chronista mór do reino e capitão-general da armada de Portugal na empreza. D. Manoel de Menezes, autor da *Recuperação da Cidade do Salvador*, que publicou a *Rev. do Inst. Hist.* no seu Tomo XXII, 1859. Outra obra muito estimada, por fidedigna e copiosa, é a de D. Tomás Tamayo de Vargas, aliás traduzida para o portuguez por Accioly, que a publicou na Bahia em 1847: *Restauración de la ciudad del Salvador, i Bahia de Todos-Santos, en la Provincia del Brasil. Por las armas de D. Felipe IV...* Madrid, Viuda de Alonso Martin, 1625. O opusculo, hoje muito raro,

*Relação verdadeira de todo o succedido na restauração da Bahia de Todos os Santos.* Lisboa, 1622, de Juan de Medeiros Corrêa, publicado anonymamente, é digna de menção, e encontra-se estampada na *Rev. do Inst. Hist.*, vol. XXXIII, que a trasladou de Barbosa Machado. A todas excede, porém, por ser além do mais o autor testemunha ocular dos successos, o *Compendio historial de la jornada del Brasil y sucesos della, donde se da cuenta de cómo quando el rebelde holandés la ciudad del Salvador y Bahia de Todos Santos, y de su restauración por las armas de España, cuyo general fué D. Fradique de Toledo Osorio, Marqués de Villanueva de Valdueza, capitán general de la Real Armada de el mar Océano y de la gente de guerra de el reino de Portugal en todo lo que pasó*, só publicado até agora no tomo VI da collecção dos *Documentos inéditos para la historia de España*, 1870. Vem depois a obra de D. Francisco de Aveniño y Vilela, da qual, ao que parece, se valeu Lope de Vega para escrever a sua comedia, e que é a *Relación del viaje y successo de la Armada que por mandado de su Magestad partió al Brasil à echar de allí à los enemigos que lo ocupaban. Dase cuenta de las capitulaciones con que salió el enemigo, y valia de los despojos. Hecha por D. Francisco de Aveniño y Vilela, que se halló en todo lo sucedido, así en la mar como en la tierra.* Sevilla, por Francisco de Lyra, 1625. Seguem-se mais os seguintes, todos de 1625, e desconhecidos do nosso publico: *Escrito histórico de la insigne y baliente (sic) jornada del Brasil, que se hizo en España el año 1625*, que é o quarto dos sete tratados incluídos no livro que Aguiar y Prado editou com o titulo de *Compendio histórico de diversos escritos en diferentes asuntos*, Pamplona, 1629, todos elles impressos em separado com portada e numeração distinctas; *Verdadera relation de la grandiosa vitoria que las Armadas de España han tenido en la entrada del Brasil, la qual queda por el Rey don Felipe Quarto, nuestro Señor, que Dias guarde. Dase tambien aviso de la refriega de los Navios sobre la Baia, y los dias que duraron las batallas.* Cadiz, por Juan de Borja, 1625; *Relación del successo del Armada y Ejército que fué al socorro del Brasil desde que entró en la baia de Todos los Santos hasta que llegó à la ciudad del Salvador, que poseian los rebledes de Olanda.* Cadiz, por Gaspar Vecino, 1625; *Relación de la jornada del Brasil, escrita à Ivan de Castro, escribano público de Cadiz, por Bartolomé Rodrigues de Burgos, escriban mayor de la Armada.* Cadiz, por Juan de Borja. Citamos ainda a relação de D. Fadrique de Toledo, que, com as citadas atrás, sommam onze, que se conhecem: *Relación de la carta que embió à su Magestad el señor don Fadrique de Toledo, general de las Armadas y poderoso Ejército que fué al Brasil, y del felicissimo successo que alcanzaron, dia de los gloriosos Apostolos S. Felipe y Santiago, que fué à primeiro de Mayo deste año de 1625. Dase cuenta à su Magestad de las capitulaciones que en su Real nombre trató con el enemigo, del modo que salieron de la ciudad y del grande interés que sua Magestad consionó en su recuperación.* Impresso com licencia del señor Teniente don Luiz Ramirez, en Sevilla, por Simon Faxardo, en la calle dela Sierpa, en la calleja de las Mocas. Año de 1625; e a *Annua da Companhia de Jesus em 1624, e 1625*, escripta pelo padre Antonio Vieira, ainda ento adolescente, mas já notavel pelo brilho da narrativa e lucidez dos conceitos, e que iguala em autoridade aos mais reputados chronistas da jornada, sabendo-se que presenciou elle os successos do campo dos sitiados, narrativa esta que só em nossos dias foi impressa. Por ultimo, lembraremos outros autores, de data posterior, mas de reconhecida autoridade, que se occuparam permanentemente do assumpto, a saber: Frei Vicente do Salvador: *Historia do Brasil*, 1500—1627, inserta no numero XIII dos *Annaes da Bib. Nac.* do Rio de Janeiro e novamente editada, com commentarios de Capistrano de Abreu, por Weissflog Irmãos, S. Paulo, 1918, convindo assignalar que Fr. Vicente assistiu ao drama dentro da cidade sitiada; Francisco de Brito Freyre: *Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasileira*, etc. Lisboa, na officina de Joan Gabram, Anno 1675; D. Gonzalo de Céspedes

y Menezes: *Historia de Don Felipe III, rey de las Españas*, Barcelona, por Sebastián Cormellas, 1634; D. Cezareo Fernández Duro: *Annales de la Armada española desde la unión de los reinos de Castella y de Aragón*. Madrid, Rivadeneyra, 1898, Tomo IV, pags. 45 a 62; Netescher; *Les Hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays Bas et le Brésil, au XVII siècle*, La Haya, 1853. Sobre a conquista e reconquista escreveu tambem Severim de Faria um opusculo, que não foi possível conhecer. Todavia, o rôl não é completo: o Sr. Fernandez Duro, na obra citada, regista alguns escriptos mais. E caso é agora de inquirir, porque até hoje não se cantou em idioma portuguez, em prosa ou em verso, esse episodio tão formoso, que nos apparece como um desafio da raça á fereza dos povos de outro sangue, de lingua barbara e de pensar estranho...

#### A ALMA PORTUGUESA

Senhores:

Portugal nunca deixou de crescer para o nosso affecto. Arrancando das brumas de antanho o gesto encantador da *Jornada dos Vassallos*, que tanto nos fascina pela intrepidez e pelo cunho generoso, quiz tornar mais illustrativa a amizade latina, persistente através da fuga subtil do tempo e sempre igual máo grado as vicissitudes, as maguas e os dissabores. Quasi dous seculos depois, a alma portuguesa surge num fulgor de magia, esplende em rythmos de epopéa, floresce allegoricamente, na claridade do azul incommensuravel e sobre o mysterio ondulante das aguas, transluzindo num fremito de belleza nova e mais suggestiva, para annunciar-nos e exprimir-nos, na paixão abrazada pela gloria, o seu carinho pelo filho dilecto. Assim, pois, se a proeza de Gago Coutinho e Sacadura Cabral scientificamente e historicamente é um feito da mais alta significação, em que se concentram as virtudes e os predicados da raça, valor maior representa elle para o Brasil, porque veio sobretudo alimentar essa liga sagrada das duas patrias irmãs, comunicando ao mundo a fé invicta, a perseverança heroica e a coragem de que nascemos. Meditando neste maravilhoso lance da fortuna, ha-de a patria de Camões volver todo o seu espanto para o grande mysterio do destino, e inquirir, aturdida, os profundos arcanos do tempo para explicar as maravilhas que fazem della — tão pequena no seu assento geographico — a terra para a qual, dir-se-ia, se reservam os successos mais imprevisos da sua inexaurivel mumificencia. Basta reflectir que foi ella que integrou no mundo o dominio do homem, tornando no seculo XV duas vezes maior o theatro da vida no planeta; que foi ella que desvendou, pelo feito de Colombo, que é seu filho espirital, o novo orbe que ficára durante cincoenta seculos insulado do antigo como para entrar, no momento opportuno, neste formidavel drama da historia; que foi ella que, com Fernão de Magalhães, realisou a primeira viagem de circumnavegação, completando com um fecho de epopéa aquelle heroismo que havia assombrado tres ou quatro gerações. E como se os numes que protegem a terra não quizessem tirar da grande raça o condão com que a marcaram, levaram o seu capricho a entregar a dois portuguezes a iniciativa de realizar o mais espantoso feito de aviação que até hoje se verifica. Ha, portanto, nesse prodigio quasi imaginavel, alguma coisa da indefectivel lei de constancia vital dos povos. Devia caber a filhos da Lysia veneravel essa tarefa titanica e immortal de sulcar com segurança os espaços. Era natural que se não confiasse a nenhum outro povo a gloria de coroar com similhante maravilha aquella obra gigantesca que foi até hoje a de mais vasto alcance para a civilização do mundo. E o que particularmente commove o coração das duas patrias que representam o genio luso (uma, lá, fiel aos velhos deuses e a outra, aqui, transfigurada sob os céos da America) é a demonstração, que a travessia do oceano lendario deixou evidente, de que o portuguez, na sua aparente exhaustão do antigo vigor moral, conserva ainda uma valiosa provisão daquelle incomparavel heroismo que domou oceanos e ventos rugidores. Incontesta-



velmente, essa reserva de força e de coragem, guardada através de quatro seculos, prova que a raça portugueza está ainda muito longe de perecer.

Portugal está tão sadio, tão vivo, tão forte como outróra. Os seus momentos sublimes se renovam com o mesmo irreprimivel entusiasmo, com a mesma ignea exaltação, com o mesmo brilho épico dos tempos esplendidos do Infante Henrique ou de Nun'Alvares. Na vibração das azas possantes do veloz avião lusitano, voando sereno e triumphante na luz siderea, lutando com os mais temerosos embaraços, vencendo com tenacidade humana accidentes imprevisos e pelagos insondaveis, palpitam os gloriosos anseios do genio portuguez, sempre renovado. De certo, mais do que simples porção inamissivel do seu patrimonio historico, o feito dos dous alados lusiadas revela que, pela propria essencia, pelo que demais alto é capaz a intelligencia humana, o portuguez é a mesma raça que desde D João I tomou posto nas avançadas em que vai a humanidade para destinos ignotos. A jornada dos dois heroes foi, não simples aventura de desporto, mas uma legitima victoria da intelligencia aliada á coragem consciente do sabio. Esta gloria ninguém arrebatará no mundo a Portugal. Nada, portanto, mais explicavel e mais justo do que essas expansões ruidosas de entusiasmo com que se receberam os inimiteis vencedores do azul. Não foi o Rio de Janeiro que em delirio de alegria acolheu na amplitude do coração os dous representantes do povo irmão; foi o Brasil inteiro que os aclamou, porque não houve uma cidade, uma villa, um povoado nesta metade do continente onde todas as almas não vibrassem da sua loucura communicativa na tarde memoravel — como se de toda parte o avião da luz estivesse ao alcance de todos os olhos. Ainda mais: não foram só portuguezes e brasileiros que os victoriaram: foram as vozes de todas as raças, que vivem deste lado do oceano, que naquelle momento ecoou diante dos mensageiros da paz luso-brasileira. E só resta agora que o historiador, ao inscrever este facto, não olvide de accentuar que a aeronave bem dita aqui desceu trazendo a mais significativa das manifestações que poderíamos, nós brasileiros, receber da terra sagrada dos nossos ancestraes.

### AMEMOS PORTUGAL

Senhores:

Não levarei a termo minha honrosa incumbencia sem que vos exhortem a fortalecer, prolongar e difundir o nosso enlevo, a nossa ternura e a nossa fé por Portugal. O patriotismo brasileiro se desfiguraria sem o culto da augusta progenitora, e, neste sentido, sou feliz em assignalar que, na vibração unanime dos entusiasmos agora produzidos, ha um accôrdo poderoso e sobremaneira expontaneo em correspondencia harmoniosa com a nossa predeterminação. Os laços que prendem o Brasil a Portugal são indestructiveis, inviolaveis e sagrados: porque são os vinculos imponderaveis do sangue, da intelligencia e da historia. Ha pouco, na outra banda do Atlantico, Carlos Malheiro Dias, que é um admiravel escriptor e um grande patriota, com voz eloquente e commovedora, exclamou na formosa *Carta aos estudantes portuguezes* "Moços da minha terra, amemos o Brasil, como amemos Portugal". Repitamos, pois, com elle: amemos Portugal, com a mesma flamma, igual ardor e identico devotamento com que queremos o Brasil, e, tratando com paixão extrema a que tem direito a geradora gloriosa da nossa grei e creadora da nossa pujante individualidade, nos integraremos na plenitude da consciencia de povo reconhecido aos desvelos, aos esforços, ás lagrimas e aos sacrificios da mãe patria, que, renascendo ao lampejo deste instante transfigurado pela guerra, surge ainda tocada de graça divina e aureolada pelo fulgor das glorias distantes. Amemos, adoremos, veneremos Portugal, porque, antes de tudo, somos os felizes e muitas vezes ingratos herdeiros da sua secular espiritualidade e os continuadores despreocupados do seu esplendido destino no mundo americano. Deste modo, praticando o triplice dever do amor, da gratidão e do respeito, nos mostraremos dignos desta patria forte e magestosa que nos legou o genio lusitano, patria que no dizer de Guerra Junqueiro é a 'eucharistia dos Luziadas'. Amemos Portugal, com exaltação mystica, com vehemencia affectiva, com orgulho, porque, ao mesmo tempo, com a fusão intima das duas grandes nacionalidades, a terra lusitana, com o fulgor incomparavel do seu passado e o seu anseio irreprimivel de renascimento, e o Brasil, com a sua opulencia, o seu

entusiasmo exaltador e a sua edificante crença no futuro, duplicariam a sua força creadora, cresceriam em beleza nas relações com o universo, se tornariam invenciveis e immortaes. Seria o maravilhoso momento da raça, que, magnifica e serena, transfundida na unidade ethnica e consciente do seu papel na historia, teria attingido á perfeição, suscitado a transformação de todos os seus valores e assegurado para sempre a sua deslumbrante finalidade humana. Não ha maior angustia do que a fragil separação de dous povos presos á mesma lei de constancia vital. Segundo percebeu um dos mais lucidos pensadores, Graça Aranha, a "união politica de Portugal e do Brasil, consequencia da unidade moral de duas nações, traria a grande expressão internacional da raça portuguesa e seria um grande bem para a immortalidade do pensamento brasileiro. Haveria a universalidade para o espirito brasileiro e maior aspiração humana para os destinos do

Brasil. Unido a Portugal, se tornaria uma nação europeia, realisando a fusão do Oriente e do Ocidente sob um só espirito nacional, que seria portuguez, como para outras ingles ou francês. Para Portugal um grande beneficio politico resultaria da sua união com o Brasil, nação americana, onde a cultura portuguesa obteve um rythmo mais accelerado e vivaz. Por toda a parte, no vasto e velho dominio portuguez, soprapria o espirito de mocidade vindo do Brasil, e uma nova vida recomecaria, mais ardente, mais poderosa e mais bella" Tal aliança se faria, no seu pensar, pela vontade esclarecida de cincoenta milhões de homens, inspirados por identico proposito nacional, que quer ser eterno, e sem que o Brasil perdesse o predicado de nação americana. Amemo-nos, pois, portuguezes e brasileiros, com intelligencia e com alma, para que esse amor fecunde o sonho de uma patria maior e indissolvel, em que floresça um unico pensamento e palpite um só coração. E a fé diz-me que não será impossivel o milagre fascinador da integração espirital do eu brasileiro no mundo lusitano, realisando-se assim, por obra e graça da idealidade, o prodigio da vida eterna de Portugal e do Brasil, exilados no mundo, como se fossem povos estranhos e desaffectedos.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1922.

Elysio de CARVALHO

## A ORCHESTRA MODERNA

No seu recente livro *Musiciens d'aujourd'hui*, que a casa Crés acaba de editar, o Sr Emile Vuillermoz nos conta porque Igor Strawinsky, o grande musico russo, que Erik Satie affirma ser um dos maiores genios que têm existido na musica, teve de reorchestrar o seu fulgurante *Passaro de Fogo*. Simplesmente por economia... Poderá parecer ao leitor, prosaico, mas é a verdade actual e indiscutivel. Com effeito, Strawinsky, ao orquestrar a sua admiravel e impressionante *Suite*, utilizou-se de todos os multiplos recursos da sonoridade, a que desvendou tantos e tão largos horizontes, empregando, afóra os instrumentos communs na orchestra, 4 flautas, 3 oboés, o corne inglez, 3 clarinettes, 3 fagotes, o contrabaixo, 8 baterias, com celeste, xylophone ou glockenspiel, 3 harpas e um plano. "Isto permittiu, escreveu o citado critico, effeitos deliciosos, mas o factor economico, embora não comprehendido nessa rica instrumentação, começou a soar com tanta força e expressão, que foi preciso ouvir a sua melodia persuasiva..." E' que a orchestra não refoge ao imperativo economico que pesa sobre todas as

cousas, sejam bellas e nobres, ou vis e deprimentes. O artista, a figura da orchestra, que, em geral, se filia a uma sociedade de classe, impõe a "mão de obra" por um alto preço, valorizada pela união de todos, numa força imprevisita, quiça abusiva. Dest'arte, uma grande orchestra, que passe os limites do habitual, exige maiores despezas, não raro imprudentes, ou prejudiciaes, ao empresario, que recusa as partituras com "supplementares" Dahi a difficuldade do artista moderno. De um lado, a nova linguagem sonora se complica, por preciosos "achados", que transformam a harmonia classica, exigindo, porém, subtilezas e effeitos que só as orchestras variadas e completas podem satisfazer; do outro, a difficuldade de obter taes conjuntos, pelo alto preço da mão de obra, si o leitor permite repetir a expressão, quiçá grosseira, mas de todo justa. Basta lembrar que só a scena final do *Crepusculo dos Deuses*, de Wagner, informa o Sr. Vuillermoz, "custa uma despeza suplementar de cerca de 50 francos de sonoridades graves" O dilemma está no desaccôrdo entre as contingencias da vida actual e as necessi-

dades da symphonia moderna. Aquella encarecendo o material symphonico, esta augmentando-lhe o prestigio e alargando as suas perspectivas. O resultado de tudo póde ser restringir a orquestração, com o que muito perderá a musica symphonica, tanto mais quanto, si isso foi possivel a um Strawinsky, sem prejuizo e talvez com certas felicidades ineditas, não será tarefa possivel a qualquer musico, ainda que de real valor. A partitura do *Passaro de Fogo* ficou orquestrada para 40 musicos, tendo sido "o sacrificio ruue, por vezes heroico", com a suppressão de paginas vibrantes, modificando mesmo a estrutura da *suite*. Fê-lo, porém, sem nenhuma diminuição do merito artistico, pois o poderoso musico russo deu uma vida integral á nova orquestração, talvez lhe melhorando mesmo certos aspectos, e deixando sempre o traço de sua modelagem formidavel. O artista venceu, neste caso, mas persiste á ameaça á musica symphonica, pelos seus executores, blindados com as organizações syndicalistas protectoras e prepotentes.

Quem vencerá?

# R O N D O N I A

*Inaugurando a secção dos trabalhos da Comissão Rondon, na Exposição Internacional do Centenario, o illustre brasileiro, General Candido Mariano Rondon, desbravador intemperato dos nossos sertões e benemerito pacificador dos selvícolas, proferio, na presença do Sr. Presidente da Republica, o seguinte discurso, synthetizando a sua obra formidavel, da construcção das linhas telegraphicas de Matto-Grosso ao Amazonas e da civilização dos indigenas dessas regiões. Esse esforço patriótico, que realizou em mais de tres decadas de trabalho pertinaz e dedicacão sem par, através de todos os perigos e difficuldades, auxiliado por companheiros fieis e destemidos, muitos dos quaes pagaram com a vida o seu patriotismo, o General Rondon expôz neste discurso, com que honramos as nossas columnas e merece de todos os brasileiros a leitura mais attenta e carinhosa, pois representa um esforço de que temos o direito de nos orgulhar.*

“Exmo. Sr. Presidente da Republica. Os mappas, os livros, as photographias e os artefactos indigenas reunidos nestes mostruarios e cuja exposicão á curiosidade publica V. Ex. quiz honrar com a sua presença, lembram, resumidamente, 32 annos de continuos trabalhos no interior do paiz, a serviço de uma causa, de um ideal, de um vehemente desejo de contribuir para o engrandecimento da Patria Brasileira.

Esses trabalhos começaram em 1890, quando o actual Chefe da Commissão Telegraphica, como ajudante do então Major Antonio Gomes Carneiro, e na qualidade de Tenente do Estado-Maior de 1ª classe, vio abrir-se diante de si a ardua carreira de sertanista e de explorador.

Foi a primeira oportunidade que se lhe offereceu para a realizacão do projecto que formulara quando ainda alumno da Escola Militar, de construir um dia a Carta do seu Estado natal.

Em 13 mezes de trabalhos assiduos e esforçados, o futuro heróe da Lapa tinha concluido a sua obra, em consequencia da qual a linha telegraphica estendia-se de Cuyabá á margem esquerda do Araguaya, através de um sertão nesse tempo só habitado por tribus da nação dos indios Bororós.

Eram 580 kilometros de linha assentada e o levantamento de 600 kilometros de estrada que a Commissão chefiada pelo grande soldado republicano apresentava como resultado de sua curta mas brilhante campanha sertanista.

Foi essa a minha escola; foi esse o meu unico chefe e essa a primeira phase da carreira em que se havia de empenhar toda a actividade de minha vida e o meu inquebrantavel entusiasmo pelo serviço da Patria e da Republica.

De 1892 a 1898, como Chefe do 16º Districto Telegraphico de Matto Grosso, reconstrui por completo a linha de Cuyabá ao Araguaya e rectifiquei o levantamento da região léste, numa faixa de mais de 60 kilometros de cada lado do rio.

Foram então levantados os dous divisores do Rio das Mortes, um principal, com o São Lourenço, e outro secundario, com o das Garças.

O anno de 1899 passei-o no Rio de Janeiro, ao lado de minha familia, como auxiliar tecnico da Intendencia Geral da Guerra, sob a direcção do General Francisco de Paula Argollo.

Aproveitei essa circumstancia para construir o mappa da região comprehendida entre os rios Cuyabá e Araguaya, com os detalhes que acabava de colher pessoalmente durante sete annos de continuas explorações daquelle trecho do territorio nacional.

Em 1900 voltei ao sertão, como Chefe da Commissão Constructora da Linha Telegraphica do Sul de Matto Grosso, cujos trabalhos se prolongaram até 1908, e attingiram as fronteiras do Paraguay e Bolivia, abrangendo Bella Vista, Porto Murinho, Coimbra, Corumbá e S. Luiz de Cáceres, com o desenvolvimento de 1.656 kilometros de linha assentada.

Essa quarta phase de minha actividade, agora na campanha do Sul, e parte do Oeste, durou sete annos e foi mais proficua do que as anteriores, pela multiplicidade dos trabalhos emprehendidos, já propriamente telegraphicos, já especialmente topographicos e já astronomicos.

Em 1907 iniciava-se a quinta phase da minha acção de sertanista, com os trabalhos de construcção da linha telegraphica do Noroeste de Matto Grosso com ramaes para a antiga Villa Bella, Barra dos Bugres e Guajará-Mirim, na extensão de 2.686 kilometros de linha assentada.

Esta phase estendeu-se até 31 de Dezembro de 1914.

Nesse periodo teve lugar a expedição Roosevelt que, partindo da foz do Rio Apa, penetrou no sertão do Norte pelo Rio da Duvida, que de então para cá se illustrou com o nome do ardoroso estadista americano, sahio no Amazonas e attingio a cidade de Manáos, dando lugar a uma preciosa collaboracão scientifica em trabalhos diversos.

Foi este o periodo de mais ricas mes- ses dentro todos quantos constituem a vida das commissões telegraphicas nos sertões de nossa patria.

Foi então que iniciámos os estudos de Historia Natural, autorizados e animados pela esclarecida e firme iniciativa do Ministro da Viação, do fecundo periodo governamental do benemerito Presidente Penna, creador da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas.

A exploracão methodica dos sertões e o estudo da natureza de Matto Grosso foram levados a termo com esplendido resultado pela pleiade de brilhantes officiaes do Exercito e de engenheiros civis e militares, a serviço da Commissão e por dedicados professores do nosso Museu Nacional e do Serviço Geologico, os quaes prodigalizaram a essa obra todas as energias do seu saber e do seu grande amor patrio.

Como resultado dos trabalhos de penetração no Brasil desconhecido, surgiu a idéa republicana de protecção aos Indios, até então abandonados e entregues á sua triste sorte de raça vencida e espoliada.

O modo por que conduzimos as expedições através do Noroeste mattogrossense despertou a attenção do Governo e fez brotar o projecto de novo tentamen para o levantamento do Indio ao nivel da nossa civilização, da qual elle se conservava arredio e como que repellido, desde os tempos da conquista, depois de passado o breve fulgor das primeiras tentativas jesuiticas.

Tal directriz não se traçara ao acaso de uma imposição de momento; ao con-

trario disso, foi ella o fructo de um dever maduramente aceito como producto necessario de convicções e de sentimentos que nos conduziram a respeitar as indefesas populações fetichistas nas suas propriedades, nas suas pessoas e nas suas instituições politicas, sociaes e religiosas.

Os meus abnegados companheiros de desbravamento do sertão e de explorações geographicas aceitaram e sempre praticaram o lemma inflexivel que constituiu a bandeira destas expedições: ‘Affrontar todos os perigos, até á morte, mas nunca matar’.

E foi assim que transformámos em amigas as nações de genio bellicoso dos Nhambiquaras, dos Barbados, dos Kepi-Keriáts, dos Parnauáts, dos Tacuatêps, dos Ipo-uáts, dos Urumis e dos Arikêmes, como em 1893 conseguimos em relação aos Bororós do Rio das Garças; e foi assim que implantámos no coração dos Parecis, dos Bacaerys, dos Jarús, dos Urupás, dos Caripunás, a inabalavel confiança na lisura das nossas intenções e no desinteresse de nossos projectos. E assim tem o Serviço de Protecção aos Indios, filho dilecto da Commissão de Linhas Telegraphicas, conseguido chamar ao campo de sua acção bemfazeja innumeradas tribus, umas ainda guerreiras, outras já pacificas. Os nomes de muitas dellas estão aqui representados; alguns são nomes que ainda resoam como notas de clarim e clamores de batalhas; os Caingans, os Botocudos, os Parintintins, lembram fulgores de vastos incendios de duração secular, ainda mal extinctos...

— A 1º de Janeiro de 1915 inaugurou-se a linha tronco de Cuyabá a Porto Velho, onde a ponta do fio ainda se acha á espera do verbo verificador que faça recommear sua marcha através do Amazonas, em busca do Acre e de Manáos para completar o programma do eminente estadista mineiro e o projecto patriótico do actual Director dos Telegraphos.

— De 1915 a 1919, ultima phase da grande campanha sertanista, inaugurada com o descobrimento do sertão do Juarena, empregámos os nossos esforços no levantamento geographico de pontos e regiões importantes de Matto Grosso.

Estudámos então o valle do Araguaya com travessa para o Xingú; do Tapajós, com transposição para o Sucundury e Cauman. Completámos o levantamento dos valles do Madeira e do Paraguay; traçámos o divisor das aguas do Paraná com Taquary e Aquidauana.

Levantámos as cabeceiras dos rios Correntes, Itiquira, Garças e S. Lourenço, como complemento de levantamentos anteriores dos cursos desses rios. Igualmente levantámos os cursos do Arinos, do Telles Pires, antigo S. Manoel; delineámos os divisores destes rios e do Xingú com o Cuyabá e Rio das Mortes. Amarrámos o nosso extenso nivelamento barometrico das regiões percorridas ás estacas de nivelamento da Commissão do Planalto Central, partindo de Goyaz, á da Construcção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Porto Esperança, através do sertão intercalado entre aquella Capital e a de Matto Grosso e pelos rios Cuyabá, S. Lourenço e Paraguay.

Voltámos ao sector comprehendido entre o Gy-Paraná, Guaporé e o Madeira, para levantar o divisor do Machadinho com o Anary; deste com o Jarú; deste com o Urupá e seus respectivos cursos; bem assim as cabeceiras dos rios Branco e Preto do Juary; Preto do Gy-Paraná; Juruazinho; Juary, Canaan. Pardo, Quatro Cachoeiras; Urupá, Cautario, Cautarinho, S. Miguel e Ricardo Franco, assignalando neste ultimo trecho o divisor do Gy-Paraná com o Guaporé.



Quiz o creador do Ministerio da Agricultura que eu organizasse e dirigisse o novo serviço, como prova de apoio e dos applausos que merecera do Governo da Republica a directriz que seguirmos no tratamento das tribus indigenas do vasto sertão que acabavamos de abrir á actividade pacifica e fecunda do homem civilizado.

Caracterizámos então as diferentes serras desses divisores e a extremidade norte da cordilheira dos Parecis, determinando por intersecção a ponta oriental da Serra Pacahá-Novo, as quaes definem a grande garganta dos campos dos Urupás, nodulo geographico importante, de onde promanam aguas que vão para o Gy-Paraná, Madeira e Guaporé.

Mais para o sul patenteámos importantes contrafortes daquella cordilheira, aos quaes demos os nomes: Uôpiane, Aleixo Garcia, Pireu de Campos, Paschoal Moreira e Antunes Maciel; regiões habitadas pelos Indios Cabixis do Norte, Uômos, Aruás, Purús-Borás e Macurapes.

Estes estudos orographicos completaram a descoberta de 1908 e 1909, da origem da Serra do Norte, onde nascem os rios Nhambiquara, 12 de Outubro e Iké, contribuintes do Camararé e onde vivem os Nhambiquaras-anunzês.

— De 1920 a 1922, finalmente, rectificámos levantamentos realizados no divisor do Arinos e Paranatinga com o Cuyabá; explorámos o Coluêne, formador do Xingú.

Estudámos a cabeceira principal do Paraguay e o varadouro que liga a estação telegraphica Vilhena á foz do rio Cabixi, que foi levantado, estabelecendo desde então a navegação deste rio segundo a qual começámos a prover o alto sertão da Rondonia com viveres e mercadorias importados de Manáos através do Amazonas e Madeira; Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e rios Mamoré e Guaporé.

Construimos a linha telegraphica de Aquidauana a Ponta-Porã, por Campo Grande; Campos da Vaccaria, Brilhante e Caiuás, com o desenvolvimento de 508 kilometros de linha assentada, completando assim o estabelecimento de linhas telegraphicas nas fronteiras de Matto Grosso.

Para aproveitar o immenso cabedal topographico, astronomico e chorographico, accumulado desde o advento da primeira Commissão Telegraphica, installámos nesta Capital o Escriptorio Central, com uma secção cartographica e de desenho, cujos trabalhos se resumem com eloquencia nestes diferentes mappas.

Construindo primeiramente as plantas dos reconhecimentos, explorações e levantamentos diversos, formulámos depois o projecto de iniciar a construção da carta de Matto Grosso com os elementos até então adquiridos e pacientemente colleccionados, na escala de réis 1:100.000, em projecção polyconica da Carta no Mundo e que está sendo publicada no Serviço Geographico do Exercito Francez, inestimavel collaboração de boa camaradagem daquella exercito amigo.

Para divulgação reduzimos essa carta á escala de 1:300.000 em impressão na lytographia Ypiranga, do Estado de S. Paulo.

Além dessas, construimos mais a Carta Synthetica, na escala de 1:5000.000 impressa no Gabinete Photographico do Estado-Maior do Exercito; carta essa que servio para indicação dos trabalhos sertanejos e descobertas realizadas pela Commissão e que foi aproveitada na construção do Mappa do Brasil, mandada publicar pelo Governo Federal em commemoração do Centenario.

Com o mesmo intuito desenhámos cartas para illustrar os trabalhos de botanica, de zoologia, de geologia e de ethnographia, dos quaes possuímos preciosas memorias escriptas pelos distinctos profissionaes e cientistas que se encarregaram de tão valiosas pesquisas.

Está tambem em construccão a Carta de Navegação do Brasil.

Para completar os nossos estudos cartographicos de Matto Grosso, pesquizámos dentro e fóra do paiz tudo quanto as instituições scientificas e bibliothecas possuíam da cartographia daquelle Estado, dos tempos coloniaes.

O resultado pratico consequente desse immenso labor technico foi a revelação das minas de sulfureto de ferro nas cabeceiras do S. Lourenço; o descobrimento das de ouro e diamante nas cabeceiras do Cabixi e Corumbiara; de manganez nas origens do rio Manoel Corrêa, Serra Pires de Campos e valle do rio Sacre; de gypsito nas cabeceiras do Cautario; de mica no corrego do Campo, contribuinte do Pimenta Bueno; de ferro no valle do baixo Garças; assim como o assignalamento da existencia abundante da ipéca cinzenta no valle do Pimenta Bueno e margens do Gy-Paraná até Urupá, nos valles do Jarú e Jamarý; do Urupá, do Cautario e do S. Miguel, muito ao norte da região onde essa rubiacea foi primeiramente conhecida e industrialmente explorada, na celebre matta da poaia do alto Paraguay. Do mesmo modo foram marcadas as regiões em que a Hevea, a Bertholetia e a Cas-

#### INACTUAES

Certos poetas de hoje, máo humorados contra a época e em triste embaraço para nella se adaptarem, voltam-se para antigas mocidades e "pasticham-nas". Acrescentam-lhes um "nada" de actual para se justificarem aos nossos olhos. Por isso não estão vestidos, mas fantasiados e parecem monomanicos passeiando com trajes de Luiz XIV, collarinho e chapéo côco, para se fazerem de modernos. Estes artistas (existem alguns de réal valor) e a massa dos ingenuos acreditam que se póde enganar uma época, ou que se enganaram de época, quando, a verdade é que, se vissemos naquella que amam por causa da sua distancia, suspirariam de saudade por uma mais antiga.

JEAN COCTEAU.

tillôa vivem em grandes associações no territorio ao norte do paralelo de Diamantino, e entre os rios Araguaya e Guaporé.

Tão grande somma de trabalhos não podia, infelizmente, ser levada a termo sem que pelo caminho ficassem cahidos muitos dos esforçados pelejadores.

A estrada a percorrer era longa e de arduo accesso; forçoso era que muitos tombassem para accender ao longo della o facho do martyrio, a cujo clarão a posteridade ha de rever a sombra dos sacrificios a que voluntariamente se votaram os novos exploradores dos invios sertões.

E' na invocação dessas memorias immortaes que revemos a cada hora o travo das privações passadas, o peso das grandes fadigas, a agonia da saudade e tambem os instantes gloriosos dos triumphos conquistados.

Ellas tinham, pois, de comparecer aqui, onde neste momento a Nação, pelos olhos do seu Chefe e natural representante, vê e aprecia a natureza e o valor da obra realizada.

Em primeiro lugar, vêde a imagem do immortal Gomes Carneiro; ella evoca a lembrança não só dos iniciadores das construccões telegraphicas pelo interior de Matto Grosso e de nossa Patria, como tambem a memoria dos grandes obreiros

da civilização dos nossos antigos sertões, desde o Capanema, os Pimenta Bueno, os Taunay, os Couto de Magalhães, os Leverger e tantos outros, até os Ricardo Franco de Almeida, o typo mais acabado de sertanista generoso, despretensado e humano, e de explorador intelligente, esclarecido e infatigavel dos tempos coloniaes.

Eis agora o saudoso republico mineiro, o clarividente Affonso Penna, em torno de cuja effigie grupam-se as memorias de todos os homens de Estado que, furtando-se á fascinação das grandes cidades do nosso littoral, dedicaram um pensamento e uma parte do seu esforço em beneficio do nosso "hinterland" e dos nossos sertanejos.

Por fim, levanta-se a figura que representa a pleiade brilhante dos que tombaram dentre as fileiras dos lutadores desta extensa campanha de 32 annos, que tem por theatro toda a vasta região do nosso territorio, de onde promanam as aguas das nossas duas grandes bacias fluviaes, do Sul e do Norte.

E' o Capitão Candido Cardoso, modesto e pertinaz collaborador desta obra ingente, á qual começou a servir quando ainda no seu primeiro posto de official, e na qual foi conquistando vagarosamente os seus gloriosos galões até cahir morto em 1913, em pleno sertão, em meio de fervida peleja.

Pela sua humilde origem, pela sua inquebrantavel constancia, pelo posto a que se elevou no sertão, elle conquistou o privilegio inestimavel de representar com toda a propriedade o conjunto dos mortos das commissões telegraphicas de Matto Grosso. Vendo-o, nós lembramos os que foram, como elle, os humildes obreiros, sem cujo braço e sem cujo devotamento não nos teria sido possivel lançar nem a primeira pedra deste edificio; é a turba activa, operosa, indispensavel e anonyma das praças de pret, dos trabalhadores nacionaes e dos empregados dos telegraphos, á qual nos reconhecemos de profunda gratidão.

Mas, tambem, como official, elle nos lembra esse punhado de nomes brilhantes, de cooperadores intelligentes, esclarecidos, dedicados, que tão alto elevam o merecimento da obra a cujo serviço se sacrificaram, desde essa grande esperança que foi o Alferes-alumno Francisco Bueno Horta Barbosa até Marques de Souza; Botelho, o ardoroso Lyra, geologo Cicero de Campos, Inspector dos telegraphos Salathiel Candido de Moraes Castro, canoeiro Simplicio, e até mesmo o valente cacique Tolôiri.

Associamos a esses vultos nacionaes, como homenagem á solidariedade humana, a figura energica do grande amigo do Brasil, que foi o ex-Presidente americano Coronel Theodoro Roosevelt, como o typo mais representativo de todos os collaboradores estrangeiros da obra realizada dentro do territorio nacional: a exploração da terra em beneficio da sciencia e da civilização.

Desde os tempos coloniaes até hoje tivemos preciosas cooperações nas investigações da Geographia Physica do Brasil, em cuja divulgação tomaram parte os Saint-Hilaire, os Castelnau, os Chandlers, os Von den Steine e tantos outros illustres geographos e naturalistas que perillustraram os sertões do Brasil e especialmente de Matto Grosso.

Foram esses os obreiros, Exm. Sr. Presidente da Republica!

E' esta a obra!

Nós almejamos, como recompensa maxima de nossa vida, que a Nação nos reconheça dignos de uma e de outra, depois de haver reconhecido uns e outra dignos de figurarem no mostruario da obra para a qual, ha cem annos, José Bonifacio e os seus collaboradores edificaram a liberdade politica da nossa Patria.

A vós, Exm. Sr. Presidente, dizer, pela Nação, se nos cabe esperar tal recompensa.'

# FESTA DE INTELLECTUAES

## HOMENAGEM A MATHEUS DE ALBUQUERQUE

Discurso de Ronald de Carvalho

Senhor Matheus de Albuquerque — Quizeram os vossos amigos, honrados com a presença do mais graduado e insigne dentre elles, o eminente estadista que preside esta hora feliz, fosse eu quem vos transmittisse os cordiaes sentimentos de quantos aqui nos reunimos para vos festejar. Não ignorais com que prazer e com que orgulho vos offereço o pão e o vinho desta ceia, onde, ao cabo de alongada ausencia, viestes encontrar, accrescidos em mais numerosa companhia, tantos e tão fieis corações que, embora apartados, nunca deixaram de bater no mesmo compasso do vosso em terras de exílio. E' que, Senhor Matheus de Albuquerque, sobre serdes modelo puro de escriptor, sois, por igual, amigo modelar. Possuis o segredo, já singular e raro, daquelles amadores de almas que augmentaram a alegria do mundo, na Florença ou na Veneza do *Quattrocento*. O homem, no vosso conceito, não é simplesmente um espectáculo divertido ou curioso, mas um instante da belleza universal. E' esse milagroso instante que sabeis surpreender em cada ser humano, com a discreção de quem avalia os perigos e travores proprios de empreza tão grave e subtil. Não me parece, pois, exagero despejado dizer que, junto de vós, os homens se tornam melhores, porquanto a gentileza e a limpida ternura do vosso convívio apuram naturalmente as qualidades mais altas de quantos tratam convosco. E quem assim deixa os homens vaidosos de vaidade tão formosa, justo é que os enfeitice e lhes perdue indelevel na memoria.

Essa mesma virtude que vos sagrou mestre na arte melancolica de viver, do mesmo passo fez de vós um mestre na arte de escrever. Pertenceis a uma linhagem de letrados infelizmente ainda pouco influente em nosso paiz. A João Francisco Lisboa, a Torres Homem, a Nabuco, a Machado de Assis, aos humanistas de risonha e polida expressão, podeis, sem favor, ser comparado. Sois um homem invejavel, porque não participais destes contagiosos tempos, senão dos porvindouros. Somos um povo que procura ainda a verdadeira fórmula ethica e esthetica. Não a encontramos, por mal dos fados. Eis porque a muitos se afigura estar nesse redemoinho de idéas e sensações, nesse rude mecanismo de estylos carregados e luxuosos, a indole da nossa arte e do nosso pensamento. Simplicidade, ordem e clareza não são requintes que qualquer possa effectuar, mas qualidades que o espirito adquire, depois de longa pratica. Cifra-se na campanuda eloquencia a maior porção da nossa litteratura. Pesa sobre nós essa fatalidade do falso grandioso, que o dogmatico Buckle, no seu lyrismo historico affirmou ser a causa da nossa incapacidade politica e social. Nossa admiração vai para o desmedido, na peor acepção do vocabulo, quando não, para um classicismo espurio, colhido ás pressas nos jardins sem viço das anthologias. Oscillamos entre a floresta de papelão pintado e as constellações empalhadas do arsenal romantico. Por via de regra, o que procuramos no escriptor é, principalmente, a emphase. Confundimos intelligencia com imaginativa, riqueza verbal confusa e despropositada com elegancia.

Somos todos, mais ou menos, como aquelle humilde professor de latim, que o velho Saint-Hilaire, em uma das suas excursões pelos districtos diamantinos, conheceu em Sabará:

"Outre son cours gratuit de latin, narra o benemerito chronista francez, il

en faisait un de philosophie rationnelle et morale, dont il était payé par ses disciples, et il eut bonté de me lire son discours d'ouverture. Le corps de l'ouvrage présentait une suite de lieux communs, assez bien arrangés, sur les avantages de la philosophie; mais l'exorde, dans lequel l'auteur remerciait les habitants de Sabará de l'hospitalité qu'il avait reçu d'eux, était d'une telle enflure, qu'en n'entendant, j'eus souvent de la peine à m'empêcher de rire. L'orateur aurait voulu avoir l'éloquence de Cicéron pour célébrer ses bienfaiteurs; il aurait voulu faire connaître l'accueil qu'il en avait reçu à l'univers entier, et avoir à sa disposition toutes les trompettes de la renommée."

Vosso mal, Senhor Matheus de Albuquerque, está em não desejar as cem bocas da fama, a exemplo do latinista das Minas Geraes. Formastes o vosso espirito na atmosphaera calma em que respiram

### OS DEUSES TÊM SEDE...

Conan Doyle, cuja fantasia criou toda uma sciencia de investigação, dirige hoje, para o mundo astral dos espiritos, a sua extranha perspicacia. Assim é que, quando se divulgava a morte do grande egyptologo lord Carnavon, o criador de Sherlock Holmes, declarou que o explorador inglês fôra victima do odio dos reis egypticos, cuja calma millenaria viera perturbar com excavações curiosas... Carnavon não morrera de qualquer enfermidade conhecida no quadro commum da pathologia, senão victima de espiritos adversos. Morrera de vingança de deuses... Como o leitor sabe, o Conde Carnavon era um archeologo notavel, e, ha pouco, emprehendeu, com successo, juntamente com Howard Carter, tambem illustre egyptologo, as excavações no tumulo ignorado do antigo rei, Tut-Ankh-Amen, que reinou 13 seculos antes de Christo. Foram encontradas preciosidades nas duas primeiras camaras desse tumulo ignorado do antigo rei Tut-Ankh-bastantes para esclarecer a historia de um dos mais bellos periodos da civilização egyptica. Antes, porém, de findar seu trabalho Carnavon adoecce e, em duas semanas, morre de uma infecção. Que dizemos? morre victimado pela vingança de Tut-Ankh-Amen, que appellou os nunes sagrados do Egipto afim de punir o britannico ousado. Os deuses têm sede...

as raças do Mediterraneo. Vossos deuses são aquelles que os antigos adoravam sem temer e com quem se distrahiam, nas fabulas de Ovidio e Luciano, entre as latadas cheirosas dos pomares pompeianos, ou á sombra das oliveiras e dos limoeiros das ilhas douradas do mar jonico. Nas festas da vossa fantasia não ha lugar para os torokanás e os borés. Dissestes, certa vez, que natureza sem tradição é sem encanto. Nada explicaria tão seguramente o vosso character como esse conceito sincero e profundo. Para vós o Universo é o homem, ou, melhor, a Intelligencia.

Amais sobre todas as cousas a disciplina. Sem ella, não comprehenderieis o creador e as creaturas, e verieis, na criação, um mosaico estéril de tumultos e contendas inuteis. E que exemplo, nesse particular, nos depara a projecção admiravel do vosso espirito! Vossa obra é um testemunho do continuo dominio que

exerceis sobre vós mesmo. Começastes por traçar balizas á imaginação do poeta com que nascestes para a arte. Apesar de haverdes queimado incenso, como brasileiro e nortista lidimo que sois, á musa patriotica, jámais perdestes o senso da proporção. Em vossos cantos, até nos de amor, resoam vozes de sereno idealismo; o corpo e o pensamento vão, nelles, de par e tão intimamente unidos, que seria impossivel destacar um do outro. Refreiaestes, de igual modo, vossa ardente sensibilidade de filho do tropico e, sem artificio, puzestes as mais finas virtudes do vosso temperamento ao serviço da Razão.

A argucia com que penetraes as duvidas e os tormentos da consciencia, a rapidez da vossa analyse, a inquietante agilidade do vosso raciocinio, as directrizes geometricas da vossa energia creadora, a maneira por que sondais demoradamente as obscuras trajectorias da nossa vida interior, são a prova de que, em vós, quem manda e commanda é a intelligencia. E' que, antes de tudo, sois um Poeta. Os personagens da vossa galeria, os Anselmo Torres, os Guedes, os D. Rodrigo Villavende, os André Garcia, têm a vibração das idéas, quando poetas na luz da realidade. São humanos, sem duvida; mas não, na essencia, categorias da vossa razão, de onde se desprenderam espontaneamente, como os fructos maduros e saborosos da arvore fecunda.

Ha, certamente, um ar de nobre desencanto nas vossas creaturas. Todas ellas reflectem aquella doce melancolia dos que soffrem o prazer de pensar, prazer feito de sacrificios e pudores. Quem pensa, escolhe. E quem escolhe, experimenta o travo da hesitação. Mas o prazer de pensar é um jogo voluptuoso. Dá-nos, em suas varias e caprichosas encruzilhadas, a embriaguez das cousas discretas, dos perfumes insidiosos, dos vinhos seccos, dos entre-tons sobrios. Está nelle a melhor realidade, a realidade que nos provoca sempre uma surpresa. Quando pensamos, ao revés de quando sentimos, estamos simultaneamente fóra e dentro de nós. Quando pensamos, não descrevemos nem reproduzimos plasticamente os aspectos do ambiente exterior, mas procuramos ligar a vida mysteriosa dos objectos, por fios imponderaveis e immateriaes, á vida das nossas idéas. Os ephemerios seriam graves e desolados se pensassem, pois fomos gerados apenas para sentir. Contentamo-nos, em geral, com a instantaneidade amavel das nossas sensações. Ellas é que nos guiam, que dirigem os nossos actos, que orientam os nossos rumos. Cada ser poderia resumir assim o seu destino: *Biduo saltavit et placuit*. Duas voltas de bailado, um rumor de applauso: eis o homem! Alguns teimosos, porém, e sois desse numero, Senhor Matheus de Albuquerque, não se satisfazem com as aguas tranquilladas da bilha fragil que receberam. Querem-n'as crespas e sonoras. Complicam voluntariamente os accents da melodia ingenua. Quebram o espelho manso dos reflexos num marulhar de ondas breves e repetidas. Esses conhecem o triste prazer de pensar e, entre essas, os que melhor o praticam talvez sejam os artistas da vossa estirpe: os poetas. Não são estes, sómente, inventores de imagens; mas, sobretudo, creadores de relações e referencias. São os mais agudos e perspicazes mathematicos da especie. A todo momento propõem e resolvem problemas engenhosos, porque a materia de que se servem é em substancia numerica e formal. Cada poeta é uma fórmula viva do Universo. Fórmula subtil e voluvel, instavel e maravilhosa, vã



Quiz o creador do Ministerio da Agricultura que eu organisasse e dirigisse o novo serviço, como prova de apoio e dos applausos que merecera do Governo da Republica a directriz que seguimos no tratamento das tribus indigenas do vasto sertão que acabavamos de abrir á actividade pacifica e fecunda do homem civilizado.

Caracterizámos então as differentes serras desses divisores e a extremidade norte da cordilheira dos Parecis, determinando por intersecção a ponta oriental da Serra Pacahã-Novo, as quaes definem a grande garganta dos campos dos Urupás, nodulo geographico importante, de onde promanam aguas que vão para o Gy-Paraná, Madeira e Guaporé.

Mais para o sul patenteámos importantes contrafortes daquella cordilheira, aos quaes demos os nomes: Uôpiane, Aleixo Garcia, Pireu de Campos, Paschoal Moreira e Antunes Maciel; regiões habitadas pelos Indios Cabixis do Norte, Uômos, Aruás, Purús-Borás e Macurapes.

Estes estudos orographicos completaram a descoberta de 1908 e 1909, da origem da Serra do Norte, onde nascem os rios Nhambiquara, 12 de Outubro e Ikê, contribuintes do Camararé e onde vivem os Nhambiquaras-anunzês.

— De 1920 a 1922, finalmente, rectificámos levantamentos realizados no divisor do Arinos e Paranatinga com o Cuyabá; explorámos o Coluêne, formador do Xingú.

Estudámos a cabeceira principal do Paraguay e o varadouro que liga a estação telegraphica Vilhena á foz do rio Cabixi, que foi levantado, estabelecendo desde então a navegação deste rio segundo a qual começámos a prover o alto sertão da Rondonia com viveres e mercadorias importados de Manaus através do Amazonas e Madeira; Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e rios Mamoré e Guaporé.

Construímos a linha telegraphica de Aquidauana a Ponta-Porã, por Campo Grande; Campos da Vaçcaria, Brilhante e Caiuás, com o desenvolvimento de 508 kilometros de linha assentada, completando assim o estabelecimento de linhas telegraphicas nas fronteiras de Matto Grosso.

Para aproveitar o immenso cabedal topographico, astronomico e chorographico, accumulado desde o advento da primeira Commissão Telegraphica, installámos nesta Capital o Escritorio Central, com uma secção cartographica e de desenho, cujos trabalhos se resumem com eloquencia nestes differentes mappas.

Construindo primeiramente as plantas dos reconhecimentos, explorações e levantamentos diversos, formulámos depois o projecto de iniciar a construcção da carta de Matto Grosso com os elementos até então adquiridos e pacientemente colleccionados, na escala de réis 1:100.000, em projecção polyconica da Carta no Mundo e que está sendo publicada no Serviço Geographico do Exército Francez, inestimavel collaboraçã de boa camaradagem daquelle exercito amigo.

Para divulgação reduzimos essa carta á escala de 1:300.000 em impressão na lytographia Ypiranga, do Estado de S. Paulo.

Além dessas, construímos mais a Carta Synthetica, na escala de 1:5000.000 impressa no Gabinete Photographico do Estado-Maior do Exército; carta essa que servio para indicação dos trabalhos sertanejos e descobertas realizadas pela Commissão e que foi aproveitada na construcção do Mappa do Brasil, mandada publicar pelo Governo Federal em commemoração do Centenario.

Com o mesmo intuito desenhámos cartas para illustrar os trabalhos de botanica, de zoologia, de geologia e de ethnographia, dos quaes possuimos preciosas memorias escriptas pelos distinctos profissionaes e scientistas que se encarregaram de tão valiosas pesquisas.

Está tambem em construcção a Carta de Navegação do Brasil.

Para completar os nossos estudos cartographicos de Matto Grosso, pesquisámos dentro e fóra do paiz tudo quanto as instituções scientificas e bibliothecas possuíam da cartographia daquelle Estado, dos tempos coloniaes.

O resultado pratico consequente desse immenso labor technico foi a revelação das minas de sulfureto de ferro nas cabeceiras do S. Lourenço; o descobrimento das de ouro e diamante nas cabeceiras do Cabixi e Corumbiara; de manganez nas origens do rio Manoel Corrêa, Serra Pires de Campos e valle do rio Sacre; de gypsito nas cabeceiras do Cautario; de mica no corrego do Campo, contribuinte do Pimenta Bueno; de ferro no valle do baixo Garças; assim como o assignalamento da existencia abundante da ipêca cinzenta no valle do Pimenta Bueno e margens do Gy-Paraná até Urupá, nos valles do Jarú e Jãmari; do Urupá, do Cautario e do S. Miguel, muito ao norte da região onde essa rubiacea foi primeiramente conhecida e industrialmente explorada, na celebre matta da poaia do alto Paraguay. Do mesmo modo foram marcadas as regiões em que a Hevea, a Bertholetia e a Cas-

da civilização dos nossos antigos sertões, desde o Capanema, os Pimentu Bueno, os Taunay, os Couto de Magalhães, os Leverger e tantos outros, até os Ricardo Franco de Almeida, o typo mais acabado de sertanista generoso, desinteressado e humano, e de explorador intelligente, esclarecido e infatigavel dos tempos coloniaes.

Eis agora o saudoso republico mineiro, o clarividente Affonso Penna, em torno de cuja effigie grupam-se as memorias de todos os homens de Estado que, furtando-se á fascinação das grandes cidades do nosso littoral, dedicaram um pensamento e uma parte do seu esforço em beneficio do nosso "hinterland" e dos nossos sertanejos.

Por fim, levanta-se a figura que representa a pleiade brilhante dos que tombaram dentre as fileiras dos lutadores desta extensa campanha de 32 annos, que tem por theatro toda a vasta região do nosso territorio, de onde promannam as aguas das nossas duas grandes bacias fluviaes, do Sul e do Norte.

E' o Capitão Candido Cardoso, modesto e pertinaz collaborador desta obra ingente, á qual começou a servir quando ainda no seu primeiro posto de official, e na qual foi conquistando vagarosamente os seus gloriosos galões até cahir morto em 1913, em pleno sertão, em meio de fervida peleja.

Pela sua humilde origem, pela sua inquebrantavel constancia, pelo posto a que se elevou no sertão, elle conquistou o privilegio inestimavel de representar com toda a propriedade o conjunto dos mortos das commissões telegraphicas de Matto Grosso. Vendo-o, nós lembramos os que foram, como elle, os humildes obreiros, sem cujo braço e sem cujo devotamento não nos teria sido possivel lançar nem a primeira pedra deste edificio; é a turba activa, operosa, indispensavel e anonyma das praças de pret, dos trabalhadores nacionaes e dos empregados dos telegraphos, á qual nos reconhecemos de profunda gratidão.

Mas, tambem, como official, elle nos lembra esse punhado de nomes brilhantes, de cooperadores intelligentes, esclarecidos, dedicados, que tão alto elevam o merecimento da obra a cujo serviço se sacrificaram, desde essa grande esperanca que foi o Alferes-alumno Francisco Bueno Horta Barbosa até Marques de Souza; Botelho, o ardoroso Lyra, geologo Cicero de Campos, Inspector dos telegraphos Salathiel Candido de Moraes Castro, canoeiro SImplicio, e até mesmo o valente cacique Tolôiri.

Associamos a esses vultos nacionaes, como homenagem á solidariedade humana, a figura enérgica do grande amigo do Brasil, que foi o ex-Presidente americano Coronel Theodoro Roosevelt, como o typo mais representativo de todos os collaboradores estrangeiros da obra realizada dentro do territorio nacional: a exploração da terra em beneficio da sciencia e da civilização.

Desde os tempos coloniaes até hoje tivemos preciosas cooperações nas investigações da Geographia Physica do Brasil, em cuja divulgação tomaram parte os Saint-Hilaire, os Castelnau, os Chandlers, os Von den Steine e tantos outros illustres geographos e naturalistas que per-lustraram os sertões do Brasil e especialmente de Matto Grosso.

Foram esses os obreiros, Exm. Sr. Presidente da Republica!

E' esta a obra!

Nós almejamos, como recompensa maxima de nossa vida, que a Nação nos reconheça dignos de uma e de outra, depois de haver reconhecido uns e outra dignos de figurarem no mostruario da obra para a qual, ha cem annos, José Bonifacio e os seus collaboradores edificaram a liberdade politica da nossa Patria.

A vós, Exm. Sr. Presidente, dizer, pela Nação, se nos cabe esperar tal recompensa.'

#### INACTUAES

Certos poetas de hoje, máo humorados contra a época e em triste embarço para nella se adaptarem, voltam-se para antigas mocidades e "pasticham-nas". Accrescentam-lhes um "nada" de actual para se justificarem aos nossos olhos. Por isso não estão vestidos, mas fantasiados e parecem monomaníacos passeando com trajes de Luiz XIV, collarinho e chapéo côco, para se fazerem de modernos. Estes artistas (existem alguns de réal valor) e a massa dos ingenuos acreditam que se pôde enganar uma época, ou que se enganaram de época, quando, a verdade é que, se vissemos naquella que amam por causa da sua distancia, suspirariam de saudade por uma mais antiga.

JEAN COCTEAU.

tillôa vivem em grandes associações no territorio ao norte do paralelo de Diamantino, e entre os rios Araguaya e Guaporé.

Tão grande somma de trabalhos não podia, infelizmente, ser levada a termo sem que pelo caminho ficassem cahidos muitos dos esforçados pelejadores.

A estrada a percorrer era longa e de arduo accesso; forçoso era que muitos tombassem para accender ao longo della o facho do martyrio, a cujo clarão a posteridade ha de rever a sombra dos sacrificios a que voluntariamente se votaram os novos exploradores dos invios sertões.

E' na invocação dessas memorias immortaes que revemos a cada hora o travo das privações passadas, o peso das grandes fadigas, a agonia da saudade e tambem os instantes gloriosos dos triumphos conquistados.

Ellas tinham, pois, de comparecer aqui, onde neste momento a Nação, pelos olhos do seu Chefe e natural representante, vê e aprecia a natureza e o valor da obra realizada.

Em primeiro lugar, vêde a imagem do immortal Gomes Carneiro; ella evoca a lembrança não só dos iniciadores das construcções telegraphicas pelo interior de Matto Grosso e de nossa Patria, como tambem a memoria dos grandes obreiros

# FESTA DE INTELLECTUAES

## HOMENAGEM A MATHEUS DE ALBUQUERQUE

Discurso de Ronald de Carvalho

Senhor Matheus de Albuquerque — Quizeram os vossos amigos, honrados com a presença do mais graduado e insigne dentre elles, o eminente estadista que preside esta hora feliz, fosse eu quem vos transmittisse os cordiaes sentimentos de quantos aqui nos reunimos para vos festejar. Não ignorais com que prazer e com que orgulho vos offereço o pão e o vinho desta ceia, onde, ao cabo de alongada ausencia, viestes encontrar, accrescidos em mais numerosa companhia, tantos e tão fieis corações que, embora apartados, nunca deixaram de bater no mesmo compasso do vosso em terras de exilio. E' que, Senhor Matheus de Albuquerque, sobre serdes modelo puro de escriptor, sois, por igual, amigo modelar. Possuis o segredo, já singular e raro, daquelles amadores de almas que augmentaram a alegria do mundo, na Florença ou na Veneza do *Quattrocento*. O homem, no vosso conceito, não é simplesmente um espectáculo divertido ou curioso, mas um instante da belleza universal. E' esse milagroso instante que sabeis surpreender em cada ser humano, com a discreção de quem avalia os perigos e travores proprios de empreza tão grave e subtil. Não me parece, pois, exagero despejado dizer que, junto de vós, os homens se tornam melhores, porquanto a gentileza e a limpida ternura do vosso convívio apuram naturalmente as qualidades mais altas de quantos tratam convosco. E quem assim deixa os homens vaidosos de vaidade tão formosa, justo é que os enfeitece e lhes perdure indelevel na memoria.

Essa mesma virtude que vos sagrou mestre na arte melancolica de viver, do mesmo passo fez de vós um mestre na arte de escrever. Pertenceis a uma linhagem de lettrados infelizmente ainda pouco influente em nosso paiz. A João Francisco Lisboa, a Torres Homem, a Nabuco, a Machado de Assis, aos humanistas de risonha e polida expressão, podeis, sem favor, ser comparado. Sois um homem invejavel, porque não participais destes contagiosos tempos, senão dos porvindouros. Somos um povo que procura ainda a verdadeira fórmula ethica e esthetica. Não a encontramos, por mal dos fados. Eis porque a muitos se afigura estar nesse redemoinho de idéas e sensações, nesse rude mecanismo de estylos carregados e luxuosos, a indole da nossa arte e do nosso pensamento. Simplicidade, ordem e clareza não são requintes que qualquer possa effectuar, mas qualidades que o espirito adquire, depois de longa pratica. Cifra-se na campanha eloquencia a maior porção da nossa litteratura. Pesa sobre nós essa fatalidade do falso grandioso, que o dogmatico Buckle, no seu lyrismo historico affirmou ser a causa da nossa incapacidade politica e social. Nossa admiração vai para o desmedido, na peor acepção do vocabulo, quando não, para um classicismo espurio, colhido ás pressas nos jardins sem viço das anthologias. Oscillamos entre a floresta de papelão pintado e as constellações empalhadas do arsenal romantico. Por via de regra, o que procuramos no escriptor é, principalmente, a emphase. Confundimos intelligencia com imaginativa, riqueza verbal confusa e despropositada com elegancia.

Somos todos, mais ou menos, como aquelle humilde professor de latim, que o velho Saint-Hilaire, em uma das suas excursões pelos districtos diamantinos, conheceu em Sabará:

"Outre son cours gratuit de latin, narra o benemerito chronista francez, il

en faisait un de philosophie rationnelle et morale, dont il était payé par ses disciples, et il eut bonté de me lire son discours d'ouverture. Le corps de l'ouvrage présentait une suite de lieux communs, assez bien arrangés, sur les avantages de la philosophie; mais l'exorde, dans lequel l'auteur remerciait les habitants de Sabará de l'hospitalité qu'il avait reçu d'eux, était d'une telle enflure, qu'entendant, j'eus souvant de la peine à m'empêcher de rire. L'orateur aurait voulu avoir l'éloquence de Cicéron pour célébrer ses bienfaiteurs; il aurait voulu faire connaître l'accueil qu'il en avait reçu à l'univers entier, et avoir à sa disposition toutes les trompettes de la renommée."

Vosso mal, Senhor Matheus de Albuquerque, está em não desejar as cem bocas da fama, a exemplo do latinista das Minas Geraes. Formastes o vosso espirito na atmospheria calma em que respiram

### OS DEUSES TÊM SEDE...

Conan Doyle, cuja fantasia criou toda uma sciencia de investigação, dirige hoje, para o mundo astral dos espiritos, a sua extranha perspicacia. Assim é que, quando se divulgava a morte do grande egyptologo lord Carnavon, o criador de Sherlock Holmes, declarou que o explorador inglês fóra victima do odio dos reis egypticos, cuja calma millenaria viera perturbar com excavações curiosas... Carnavon não morrera de qualquer enfermidade conhecida no quadro commum da pathologia, senão victima de espiritos adversos. Morrera de vingança de deuses... Como o leitor sabe, o Conde Carnavon era um archeologo notavel, e, ha pouco, apprehendeu, com successo, juntamente com Howard Carter, tambem illustre egyptologo, as excavações no tumulo ignorado do antigo rei, Tut-Ankh-Amen, que reinou 13 seculos antes de Christo. Foram encontradas preciosidades nas duas primeiras camaras desse tumulo ignorado do antigo rei Tut-Ankh-bastantes para esclarecer a historia de um dos mais bellos períodos da civilização egyptica. Antes, porém, de findar seu trabalho Carnavon adoecce e, em duas semanas, morre de uma infecção. Que dizemos? morre victimado pela vingança de Tut-Ankh-Amen, que apelou os numes sagrados do Egypto afim de punir o britannico ousado. Os deuses têm sede...

as raças do Mediterraneo. Vossos deuses são aquelles que os antigos adoravam sem temer e com quem se distraham, nas fabulas de Ovidio e Luciano, entre as latadas cheirosas dos pomares pompeianos, ou á sombra das oliveiras e dos limoeiros das ilhas douradas do mar jonico. Nas festas da vossa fantasia não ha lugar para os torokanás e os borés. Dissestes, certa vez, que natureza sem tradição é sem encanto. Nada explicaria tão seguramente o vosso caracter como esse conceito sincero e profundo. Para vós o Universo é o homem, ou, melhor, a Intelligencia.

Amais sobre todas as cousas a disciplina. Sem ella, não comprehenderieis o creador e as creaturas, e verieis, na creação, um mosaico estéril de tumultos e contendas inuteis. E que exemplo, nesse particular, nos depara a projecção admiravel do vosso espirito! Vossa obra é um testemunho do continuo dominio que

exerceis sobre vós mesmo. Começastes por traçar balizas á imaginação do poeta com que nascestes para a arte. Apesar de haverdes queimado incenso, como brasileiro e nortista lidimo que sois, á musa patriotica, jámais perdestes o senso da proporção. Em vossos cantos, até nos de amor, resoam vozes de sereno idealismo; o corpo e o pensamento vão, nelles, de par e tão intimamente unidos. que seria impossivel destacar um do outro. Refreiaestes, de igual modo, vossa ardente sensibilidade de filho do tropico e, sem artificio, puzestes as mais finas virtudes do vosso temperamento ao serviço da Razão.

A argucia com que penetraes as duvidas e os tormentos da consciencia, a rapidez da vossa analyse, a inquietante agilidade do vosso raciocinio, as directrizes geometricas da vossa energia creadora, a maneira por que sondais demoradamente as obscuras trajectorias da nossa vida interior, são a prova de que, em vós, quem manda e comanda é a intelligencia. E' que, antes de tudo, sois um Poeta. Os personagens da vossa galeria, os Anselmo Torres, os Guedes, os D. Rodrigo Villavende, os André Garcia, têm a vibração das idéas, quando poetas na luz da realidade. São humanos, sem duvida; mas não, na essencia, categorias da vossa razão, de onde se desprenderam espontaneamente, como os fructos maduros e saborosos da arvore fecunda.

Ha, certamente, um ar de nobre desencanto nas vossas creaturas. Todas ellas reflectem aquella doce melancolia dos que soffrem o prazer de pensar, prazer feito de sacrificios e pudores. Quem pensa, escolhe. E quem escolhe, experimenta o travo da hesitação. Mas o prazer de pensar é um jogo voluptuoso. Dá-nos, em suas varias e caprichosas encruzilhadas, a embriaguez das cousas discretas, dos perfumes insidiosos, dos vinhos seccos, dos entre-tons sobrios. Está nelle a melhor realidade, a realidade que nos provoca sempre uma surpresa. Quando pensamos, ao revés de quando sentimos, estamos simultaneamente fóra e dentro de nós. Quando pensamos, não descrevemos nem reproduzimos plasticamente os aspectos do ambiente exterior, mas procuramos ligar a vida mysteriosa dos objectos, por fios imponderaveis e immateriaes, á vida das nossas idéas. Os ephemerios seriam graves e desolados se pensassem, pois fomos gerados apenas para sentir. Contentamo-nos, em geral, com a instantaneidade amavel das nossas sensações. Ellas é que nos guiam, que dirigem os nossos actos, que orientam os nossos rumos. Cada ser poderia resumir assim o seu destino: *Biduo saltavit et placuit*. Duas voltas de bailado, um rumor de applauso: eis o homem! Alguns teimosos, porém, e sois desse numero, Senhor Matheus de Albuquerque, não se satisfazem com as aguas tranquilladas da bilha fragil que recebem. Querem-n'as crespas e sonoras. Complicam voluntariamente os accents da melodia ingenua. Quebram o espelho inanso dos reflexos num marulhar de ondas breves e repetidas. Esses conhecem o triste prazer de pensar e, entre essas, os que melhor o praticam talvez sejam os artistas da vossa estirpe: os poetas. Não são estes, sómente, inventores de imagens; mas, sobretudo, creadores de relações e referencias. São os mais agudos e perspicazes mathematicos da especie. A todo momento propõem e resolvem problemas engenhosos, porque a materia de que se servem é em substancia numerica e formal. Cada poeta é uma fórmula viva do Universo. Fórmula subtil e voluvel, instavel e maravilhosa, vã



# EINSTEIN

A figura empolgante do grande sabio, o "incrível Einstein", enche de preocupações e curiosidade todo o mundo, profundamente abalado com as theorias da relatividade, que vieram perturbar de um modo radical todo o conhecimento cosmogonico, derrocando velhos principios, tidos e havidos como immutaveis. E' certo que Einstein não foi um phenomeno singular na sciencia; que o seu apparecimento fóra prenunciado por outros espiritos que prepararam o terreno para as suas conclusões; que as descobertas de Maxwell; as experiencias de Michelson-Morlay; a hypothese da contracção de Lorentz e Fitzgerald; as theorias de Poincaré, para só citar as de maior relevancia, justificam plenamente a relatividade, cujas fórmulas basicas Einstein encontrou; mas, por outro lado, é não menos certo de que o publico, o grande publico, não conheceu os primeiros iniciados, os trabalhadores obscuros, os que entreviram os horizontes por onde o sabio allemão navegou depois para a sua famosa descoberta. Cabe-lhe, aos olhos do mundo, a gloria unica da relatividade, e essa expressão, que nem todos (talvez bem poucos) saibam o significado, está definitivamente ligada ao seu nome. A proposito de Einstein, ha um pouco de capricho da moda, aquelle capricho que cercou, ha annos atraz, Bergson, fazendo as suas conferencias um motivo de encontros elegantes e de mundanismo puro, enquanto o philosopho da intuição divagava pelos terrenos singulares da sua metaphysica transcendente. O successo das doutrinas de Einstein, no mundo em geral, espantou grandemente o physico allemão, pois, como bem disse, trata-se de assumpto capaz de empolgar o cientista e philosopho, mas indifferente aos profanos. No entanto, tambem os profanos quizeram saber os mysterios profundos do universo einsteiniano. E a curiosidade cercou o sabio. Nas suas viagens aos Estados Unidos, ao Oriente e á Hespanha, não só tem sido recebido pelos intellectuaes desses paizes, senão pelo povo, que quer conhecer o homem phantastico, o revolucionario, o increditavel... E Einstein, com sua bella cabeça e seu olhar profundo e sonhador, que bem denota um grande poeta, no mais alta sentido da expressão, que faz do rythmo dos algarismos a suprema eurythmia do universo, vê dilatar-se dia a dia o seu campo de gravitação...

O leitor, seguramente é um interessado em conhecer as doutrinas de Einstein e, por certo, já ouviu dizer, por muita gente que nunca versou o assumpto, que é impossivel ao individuo, não iniciado no mysterio dos numeros, das altas mathematicas, comprehender o significado das doutrinas da relatividade. Terá notado tambem que a bibliographia dos commentadores e divulgadores da theoria cresce de um modo assustador e, ha pouco, uma revista franceza, publicava uma lista de livros sobre Einstein, em algumas paginas... Fecundidade!... Depois de tudo isso, indagará: E' possivel chegar a Einstein? Como disse Nordmann, "si Einstein é um thesouro, uma horrivel quantidade de monstros mathematicos

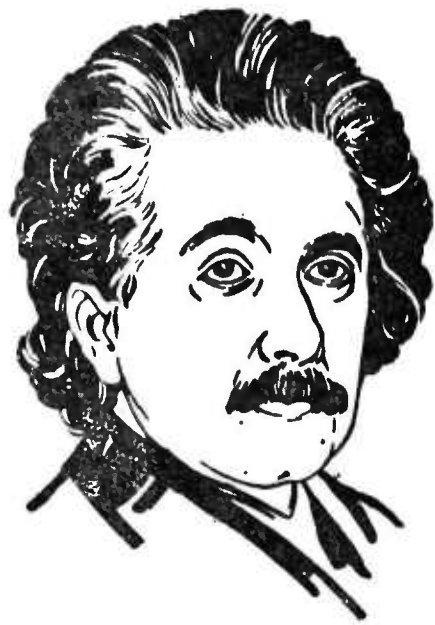
e innocente, fascinante e perigosa, como todas as fórmulas combinadas pela intelligencia. Não sei mesmo de nada mais semelhante aos rythmos de um estylo numeroso que um conceito de mecanica racional, seja o da massa, o do movimento ou o da força. E' que a poesia nos offerece um problema de equilibrio constante entre a razão, o sentimento e o spectaculo universal. De Anaxagoras a Einstein o leite da poesia tem jorrado

afasta os curiosos. Que ha nelles uma secreta belleza, como nas garguças gothicas, é indiscutivel". Como vencel-os? Pela exposição clara e precisa da doutrina, como fizeram Borel, Nordmann, ou Lucien Fabre, por exemplo, definindo sempre, em linguagem simples, as expressões scientificas, e, quando tiver de empregar fórmulas mathematicas, acima das que são de conhecimento vulgar de todo individuo que tem um curso razoavel de preparatorios, fazel-o de modo que o leitor profano siga a continuidade da exposição, prescindindo das equações e dos outros monstros mathematicos. Desta fórma é possivel dar um conhecimento geral das doutrinas da relatividade, accessivel aos homens de cultura, embora fiquem sempre impedidos de comprehender a razão ultima dos phenomenos que conheceram. Esta será o privilegio dos mathematicos. Aos leigos, basta o conhecimento da doutrina, acreditando nas conclusões, fielmente, sem lhe indagar o porque. "Os que não são mathematicos, escreve Borel, pódem aceitar as consequencias dessas deducções e desses calculos, com a mesma confiança que habitualmente dispensam aos mathematicos".

Se o leitor quizer a indicação de alguns livros sobre a theoria de Einstein, poderemos enumerar os seguintes: Lucien Fabre, *Les Théories d'Einstein*; Charles Nordmann, *Einstein et l'Univers*; Ahbé Th. Moreaux, *Pour comprendre Einstein?*; Général Vouillemin, *Introduction à la Théorie d'Einstein*; F. Jean-Desthieux, *L'Incredible Einstein*; Louis Rougier, *En marge de Curie, de Carnot et d'Einstein*; Bergson, *Durée et Simultanéité, a propos de la theorie d'Einstein*; Amoroso Costa, *Introdução à Theoria da Relatividade*. Deixamos para citar, em ultimo lugar, o livro de Einstein: *A Theoria da Relatividade, restricta e generalisada* (posta ao conhecimento de todos), traducção franceza da Senhorinha J. Rouvière, licenciada em sciencias mathematicas. Neste livro, o grande sabio escreveu o seguinte: "O fim deste livrinho é permittir áquelles que se interessam pela theoria da relatividade, sob o ponto de vista scientifico e philosophico, de conhecer-na, tantos quanto possivel, mesmo os que não têm o aparelho mathematico da physica theoria. Sua leitura exige uma certa madureza de espirito e, apesar do seu pequeno numero de paginas, requer do leitor um certo esforço de paciencia e de vontade. O autor teve o maior cuidado de apresentar as idéas principaes o mais claro e simplesmente que lhe foi possivel, na ordem em que se iniciaram. Para clareza da exposição, pareceu-me necessario repetir-me muitas vezes, sem me inquietar com a elegancia; seguindo, a esse respeito, o conselho do theorista de genio L. Boltzmann, que era da opinião de que se deixassem aos alfaiates e sapateiros as preocupações da elegancia. Acredito não ter occultado ao leitor as difficuldades que a questão levanta e foi, intencionalmente, que omitti as bases empiricas e physicas da theoria, afim de não desorientar os não iniciados na physica. Possa este livro proporcionar a muitos algumas horas interessantes. A. Einstein"

com abundancia e perturbado como um licor o entendimento humano. Continuamos a legislar sobre o Espaço e o Tempo, continuamos a forjar medidas para phenomenos da creação, com a ingenua serenidade dos santos e dos heróes. Divina Poesia!

O verdadeiro poeta, comtudo, é, dentre os sabios, o menos fallivel, o unico, mercê de Deus, que não acredita na perfeição dos seus instrumentos. Applica-os,



EINSTEIN

sorrindo, sobre a vaidade passageira das cousas. E o fazeis, Senhor Matheus de Albuquerque. Por isso vossa obra revê, tambem, um coração que sabe perdoar, como todo coração disciplinado pela intelligencia.

Conheceis os homens, Senhor Matheus de Albuquerque, e não os detestais. Acolhe-os a todos, sem orgulho nem maldade, vossa infulgente ironia. Sois um Poeta, no significado antigo desta formosa palavra. Perdôe-me a vossa modestia o agravo de tão justo louvor.

## Discurso de Matheus de Albuquerque

Meus amigos: — Nada seria mais grato ao meu coração de repatriado, em vespera, aliás, de refazer os alforjes para uma nova ausencia, do que "o pão e o vinho" deste agasalho. Festa de sympathy, festa de solidariedade intellectual e affectiva, é aqui que venho, trazido por vossas mãos dadivosas, colher o premio das longas horas de exilio, como se viesse da sombra e do silencio da solidão moral para o esplendor, a jovialidade, o encanto imperecivel das primaveras do espirito. Quiz a vossa amizade, triumpante de todas as contingencias humanas, que a mim me fôsse destinada "esta hora feliz" E, entre vós, aquecido ao calor dos vossos lares, o que mais me consola, meus amigos, é verificar que nem sempre é fundada aquella melancolica observação, por mim mesmo expressa certa vez, de que em toda separação ha sempre qualquer cousa de triste, que se póde explicar tanto pelo temor de não volvermos a ver-nos, como por uma especie de presentimento de que, se volvermos a ver-nos, talvez nos encontremos diferentes em nossos affectos.

Depois de longa separação, aqui me tendes como o mais humilde, é verdade, porém não o menos fiel dos vossos companheiros, e, sobretudo, aqui vos tenho na plenitude da vossa generosidade, que me dá a conhecer, ungido pela palavra sem macula do vosso bello interprete, o leite da ternura humana, tão amado entre os poetas. Nada mudou para nós, apesar dos annos, da distancia geographica e dos primeiros cabellos brancos, porque, mesmo em auxilio destes, trouxestes convosco, além da vossa juventude espirital, o reforço de novos companheiros. Estamos juntos outra vez, repartindo o pão e o vinho da amizade, como se nunca nos tivéssemos apartado e em nossos labios ainda se sentisse a doçura da communhão da vespera.

Apenas, desta vez, quizestes honrar o vosso amigo com uma acolhida mais brilhante e mais affectuosa, que, se posso agradecer, não sei como explicar Levastes o vosso empenho generoso ao extremo

de me fazerdes ouvir o mais delicado dos louvores a que possa aspirar um homem do meu escasso merecimento intellectual, do meu feio moral e da minha vida sem brilho nem relevo. Se não fosse o receio de maguar a delicadeza dos vossos sentimentos, eu vos diria que, ás vezes, e para taes effeitos, a distancia é má conselheira. De longe, attenuados os angulos da convivencia quotidiana, vencidas as reservas da intelligencia pelas sandades do coração, os amigos se tornam mais indulgentes. E', talvez, uma formula nova, e mais gentil, e mais pura de reconciliação com o que de melhor existe na alma de cada um de nós, transformando as fontes mais reconditas da nossa bondade num manancial unico de amor e de belleza. Vivemos, assim, um momento de abstração consoladora, no qual, antes mesmo de attingirmos o alvo das nossas homenagens ou dos nossos cuidados de espirito e coração, nos sentimos felizes com a alegria que produzimos. E não é tanto porque, objectivamente, nunca sahimos de nós mesmos, segundo uma reflexão que nos é familiar, senão tambem porque só a bondade, maxime quando a reveste uma formula de arte, tem o dom de approximar e aperfeiçoar os homens. Só a bondade é fecunda; só a bondade é sabia; só a bondade é perfeita.

Para os que, como vós, possuem o segredo destas delicadezas, esta singela festa tem todos os encantos de uma festa de arte. Obra discreta da sympathia humana, nella se descortina, a par da eurythmia dos vossos espiritos, o desejo de tornar a vida mais nobre e mais amavel. E', pois, para vós, antes de tudo, e para os vossos labios glorificadores que deve reverter o mel delicioso que distilla a palavra da vossa offerenda. Haveis de me permittir que delle eu recolha sómente, e tanto me basta, uma gota subtil e carinhosa; e, adorado por ella, tocado da sua virtude reveladora, procure o vosso pobre amigo accitar, sem discutir, as razões do vosso formoso gesto.

Creio que o que principalmente quizestes exalçar em mim foi esse esforço paciente, silencioso, não raro desajudado, que desde a primeira mocidade, já alinhando algarismos nas antigas sesmarias assucareiras de Alagoas e Pernambuco, já trazido para o Rio de Janeiro pela mão augusta de Rio Branco, já legalizando facturas consulares numa ilha ridente da Andaluzia, pude realizar em pról da arte de pensar e de escrever. Porque, como amigo, não fiz mais do que ficar fiel á pureza dos vossos affectos, cumprindo, e certo, um dever de artista que põe a sua melhor obra, nunca terminada, entre os maiores desvelos do seu coração. Se foi aquella face da minha vida de trabalho que deliberastes dignificar de preferencia com a vossa approvação commovedora, haveis de consentir que receba desvanecido, mas não deslumbrado, "o agravo do vosso louvor". Sou particularmente sensível a esse doce agravo. Conheceis, sem duvida, a somma de sinceridade que ponho na minha modesta obra literaria. Sinto que a isso me leva, unicamente, a minha vocação. Nunca obedeci, nesta obscura mas serena trajetória, senão aos appellos da minha intelligencia e da minha sensibilidade. Pouco valho, pouco ou quasi nada tenho feito; mas posso afirmar-vos, meus amigos, que, sempre, o que em mim influiu decisivamente foi o meu inconspicuo amor da arte, como uma lampada perennemente incendiada através de todos os ventos contrarios e de todas as amarguras inevitaveis. Ha, de certo, entre os meus livros, silencios alongados; mas nunca nasceram elles de factores inesperados ou estranhos á orbita das minhas cogitações, á semelhança daquelle humorismo macabro de Edgar Poe, attribuido por alguns psychologos á circumstancia de não ter elle obtido certo emprego na alfandega de Philadelphia,

ou daquela passagem da soltura de costumes para o culto da philosophia, operada em Voltaire depois das bastonadas providencias do Sr. de Rohan... Nunca fui, literariamente, senão o que desejei ser. Jamais sacrifiquei as tendencias principaes do meu espirito, o meu constante amor da disciplina intellectual, ao tumulto, ainda que fascinante, das nossas glorias domesticas. Poder-se-ia ver em tal proposito uma attitude de renuncia, ou incapacidade para a lucta, quando é apenas o recato de uma alma que se defende. E esta mesma singularidade do meu temperamento nunca seria advertida no turbilhão dos nossos dias corroidos pelo mais aspero e acido materialismo, se o vosso horror das falsidades encantadoras, unido á vossa varentia moral, não viesse salientar aqui uma virtude cada vez mais negativa.

Recebo, pois, com especial aprazimento, a parte do vosso elogio em que esta qualidade é posta em destaque. Não me considero de todo indigno della. E, já que estamos no caminho das confissões, deixae que pelo vosso órgão autorizado eu formule um desejo. Vosso illustre orador, que é já um mestre entre os da sua geração, insistiu, generosamente, em accentuar o pudor literario como o traço essencial da minha insignificante obra. De facto, se outras qualidades não possuio, esta, ao menos, não me póde ser negada. Pois bem: é escudado nella que me valho desta oportunidade para, com permisão de vós, exprimir o meu desencanto ante o espectáculo de desordem mental em que venho encontrar grande parte do meu paiz, e justamente a mais nova e esperançosa. Após sete annos de ausencia, em que, mercê de Deus, me foi dado polir o meu nativo amor da ordem e da clareza sob a luz compassiva do Mediterraneo, observo com tristeza que ainda tacteamos, ainda nos exasperamos em vacuidade e confusão. E o mais doloroso é que, quasi de subito, ás cabeçadas, nos evadimos da emphase lyrica, em que se intumece de ingenua gloria a nossa adolescencia romantica, para o seio de Venus mercenaria ou de Venus clandestina, onde toda finalidade ethica e esthetica é dictada pelos semi-deuses da pantalha cinematoca. Ha mesmo, por ahí, ao que me asseguram testemunhas resignadas, uma certa arrogancia no despudor, principalmente entre os leitores do sexo feminino. Em toda a parte, meus amigos, e em todos os tempos, houve sempre e haverá, com encançados zelos, uma clientela remuneradora para essa literatura de enxurro. Ainda ha pouco vi, em uma das maiores capitães europeas, numa esquina historica, a dois passos da Camara dos Deputados, um grande cartaz em que se annunciava o apparecimento de certa novella, e onde, por baixo do nome do autor, se estampava, á guisa de sello academico, este titulo de recommendação: "O mais libertino dos romancistas, o preferido das damas e semi-damas..." Ainda não chegamos, é certo, a esta perfeição no cynismo ou na impavidez profissional. Mas, se em toda parte ha um publico especial e talvez numeroso, para essa feira frenetica de appetitivos literarios, parece, segundo affirmam os proprios livreiros, que em nossa magnifica cidade, cada vez mais nas mãos do metequismo, não ha publico senão para isso. Ao lado disso, intermittente, um caboclisto grotesco ou aggressivo na ficção, e, entre os mais novos, uma certa ingenuidade rebuscada, um jogo de imagens caprichosas e ficticias, onde a mysteriosa poesia da terra americana faz uma nova tentativa para encontrar a sua verdadeira expressão. Longe vaç o tempo em que o ideal da nossa republica literaria se limitava a "fechar um soneto com chave de ouro". Se na cidadella do parnasianismo muitas esperanças se estiolaram, não seria demasiada imprudencia duvidar dos resul-

tados que aguardam o actual movimento de arte moderna, appellidado de "futurismo" pelo bom humor anonymo das ruas.

Não sei se os meus jovens compatriotas, com affinidades, pelo menos de nome, com essa escola, conhecem a fundo o programma revolucionario do Sr. Marinetti, onde, aliás, num "salão de outomno" em Paris, por 1920, eu lhe vi despontar as primeiras cans. Nello, o ponto essencial é, sem duvida, aquelle vibrante desejo de intervir efficazmente nos negocios publicos, fazendo da Italia alguma coisa mais do que uma empreza explorada pela Agencia Cook. E desta parte acaba de encarregar-se, com esperanças de exito, a energia governamental do Sr. Mussolini. Não, meus queridos confrades; não nos detenhamos a recortar e a collar em nossos cerebros os figurinos extravagantes que a malicia dos velhos boatequins europeus, para di trair-se, inventa muitas vezes entre um calice de vinho secco e uma pacifica partida de dominó. Lembrae-vos que nesse mesmo Mediterraneo, berço luminoso da nossa cultura, ha uma lição perenne de grandezza e harmonia. E, sobretudo, não vos esqueçaes de que, estando o Brasil ainda na formação da sua mentalidade, todo o nosso esforço deve ser encaminhado no sentido de evitar que nessa mentalidade medrem os erros, as mentiras, os vicios, que, como chagas extirpadas, ainda hoje corrompem certos organismos mais velhos e aparentemente mais perfectos que o nosso. Sêde equilibrados, sêde justos, sêde berlos, evitando, quanto possivel, que a vossa intelligencia ponha muito raciocinio num verso alexandrino, como, por exemplo, na França, ou que a vossa sensibilidade se caracterise por uma ternura excessiva pelos cães, á maneira dos inglezes.

Em synthese, meus amigos, era este o inoffensivo desejo que eu vos pedi licença para formular, suggerido, aliás, pela força irresistivel do vosso louvor. Temo agora que mais uma vez se confirme aquelle conceito ironico, em virtude do qual uma bella acção póde ter consequencias desagradaveis. Chamastes-me a participar da vossa incomparavel hospitalidade, e só a suspeita de que viesse a abusar della me põe em afflicção. Mas, ainda quando assim fosse, a vossa bondade intelligente e vigilante me redimirá desse peccado mental. E, nesta convicção animadora, deixae que vos agradeça, com toda a minha alma, a captivante belleza da vossa festa, e que, erguendo a minha taça pela inalteravel felicidade de todos vós, resuma este brinde em quem nos acompanha, como amigo, nesta consagração da amizade, o Sr. Estacio Coimbra, personificação da nobre gleba pernambucana em cujo contacto se formou o meu espirito.

Dissestes, senhor Ronald de Carvalho, que, em mim, "quem manda e comanda é a intelligencia." Com o risco, embora, de um desmentido momentaneo, não estranhareis que neste brinde de agradecimento eu ponha sómente coração.





# VISÃO GERAL DO GRANDE CERTAMEN

## IDÉAS E SUGGESTÕES

Na área conquistada ao mar e em que se amplia a curva da Globo até encontrar o espigão do antigo Calabouço, estão projectadas, ao mesmo tempo, as perspectivas de força e emprehendimento com que a engenharia nacional faz a demonstração das suas capacidades, e, também, as altas virtudes de selecção e persistencia com que a energia dos homens, ao serviço da vontade realizadora, improvisou em alguns mezes uma nova cidade, uma especie de ante-sala litoranea da maravilhosa "urbs" que se desdobra, de praia a praia, em seu jardim coleante.

É a maravilha da Exposição do Centenario.

Em competição com seis ou oito nações de civilizações seculares e feição nacional característica, o Brasil para logo teve de mostrar, nos arrojados planos de conjuncto e na contribuição pormenorizada dos seus pavilhões e mostruários, a potencialidade dos seus destinos realizados, as seguranças do seu presente auspicioso e a antevisão miraculosa dos dias de amanhã.

A Exposição é, antes do mais, obra de ideação. Mas é, sobretudo, construção segura, em que se consolida o nosso gosto e em que se delinearam os arremessos gigantescos de um Brasil mais senhor de si mesmo, mais certo de seu querer, mais conscio das suas aspirações legítimas.

Como arrojado architectonico, a Exposição é surpreendente. A orla da cidade está agora collocada a sua maior riqueza cadastral.

O Palacio dos Estados, o Palacio das Festas, o Pavilhão de Musica e a allegoria terminal da Avenida das Nações são monumentos projectados em lances de força cyclopica, e apolinea graça.

Como se isso não bastasse, ha a architectura característica do Pavilhão das pequenas industrias, do Palacio de Pesca, a Torre da Exposição, as portas monumentaes, os arcos e arcadas, armados ou apensados com um *à propos* admiravel.

A Avenida das Nações representa a vanguarda do progresso mundial, na primeira hora que se seguiu à do *bouleversement*, geral do Planeta.

Não se trata de renovação ou resurreição.

A guerra, dir-se-ia, foi a pausa necessaria à consolidação melhor e mais completa.

Estão alli, lado a lado, as velhas nações *leaders*: a magestosa Britannia, com os seus pavilhões supplementares, que tantas são as suas lojas de especialização. Ha de tudo: dos chás da India às cutelarias de Sheffield; dos queijos e lactínicos de Chester às fermentações de Oxford. E os prodigios de arte fabril, tecidos, tapeçarias, machinismos.

E, como a Inglaterra, apparece em Santa Luzia e no Cães do Porto, a França inexgotavel filha de tres civilizações: e mãe de todas as civilizações: mentora natural das nossas

primicias idéas e dos nossos primeiros passos: dictadora do gosto e da moda; do ideal e da graça; do entusiasmo e do sacrificio. Lá está ella expondo as suas joias e as suas rendas, os seus bronzes e as suas telas, as suas veneras e os seus motores.

E a Italia, e a Belgica; Portugal, Japão, Mexico, Argentina, Suecia, Tcheco-Slovaquia...

Será preciso relevar as exhibições minuciosas, os typos e os modelos da grande industria *Yankee*, a sua meticulosidade triumphante, os seus processos inconfundiveis?

Pois entre essas forças palpitantes, em que se abroquelam os novos destinos da civilização renascida do grande eclipse de 1914, poderia o Brasil mostrar-se menos seguro, mais hesitante, um tanto bisonho e canhestro?

Felizmente que não. Os nossos mostruários estão á altura da grande commemoração centennial.

Não. A exposição ainda não está sobejamente vista. E, pois, que ainda não a viram devidamente, é preciso fazer vel-a, como nos cumpre, aos brios patriotas e aos forasteiros de olhos argutos e intelligentes.

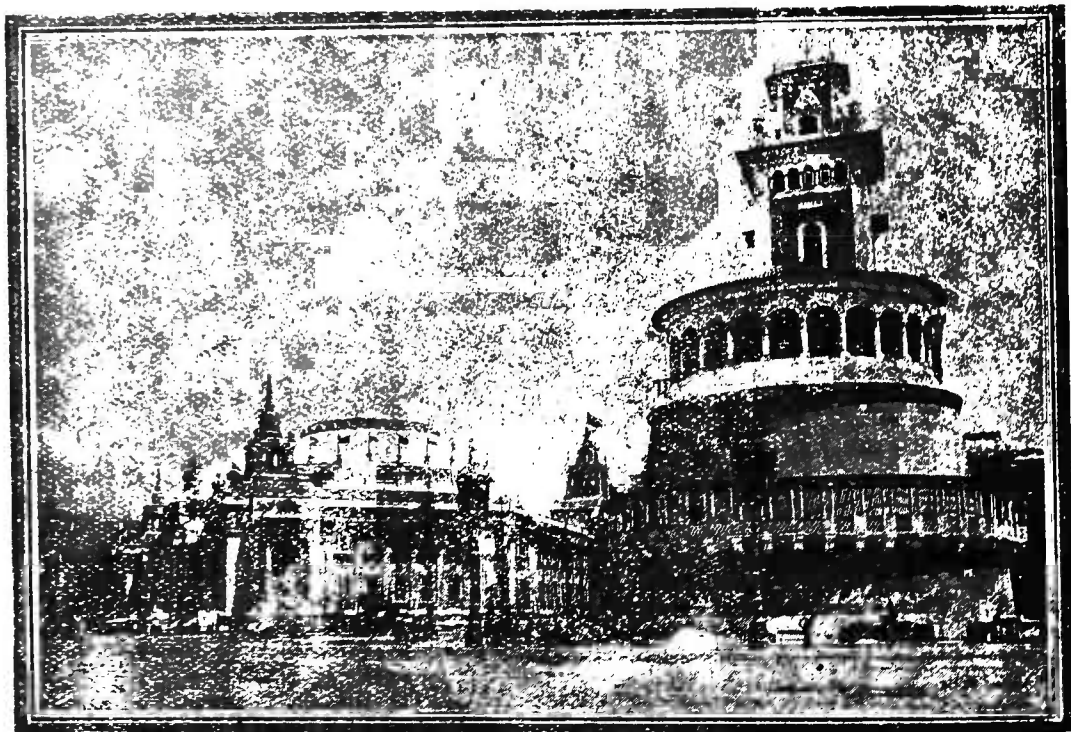
Não é possivel deixar morrer o que ainda não viveu quanto possivel e desejavel.

O que é necessario, é activar nesses tres mezes que lhe restam, uma propaganda bem orientada e segura, de modo a attrahir os indifferentes, que são muitos, e os incredulos, que não são poucos.

Alarguem-se, para isso, se fôr preciso, os recursos disponiveis para os festejos, numeroso ao ar livre, espectaculos característicos, etc.

Facilem-se, barateiem-se os meios de transporte e instituem-se tarifas provisórias especciaes para estes tres mezes.

Fé, confiança, actividade e *contrôle* — eis a questão.



Uma vista da Exposição

Desde o Monroe, onde se estabelece a *vis organisatrix* do certamen e que é, se nos permite a expressão, o quartel general da grande feira; desde o Monroe aos mostruários escolares do Palacio das Festas (ala direita). E mais a esplendente exhibição das secções paulistas, mineiras, paraenses, bahianas, riograndenses; o verdadeiro museu de artes architectonicas, com apparatus da rudimentar industria do gentio e dos seus remanescentes actuaes. E a secção de saude publica, laboratorios, culturas, em todos os desdobramentos e estadios especies. E a surpreendente demonstração do Districto Federal, com os seus estabelecimentos profissionaes e os seus cursos technicos e o seu assombroso desenvolvimento fabril...

O que seria pueril e, ao mesmo tempo, grosseiro e impatriotico, é esse falso alvitre de dar por findo o que ainda não attingio á sua plenitude.

Em verdade, a Exposição de 1922-1923 é a demonstração viva de um paiz que se afirma pujante, dadivoso e inspirado.

Póde-se dizer que dous terços do Brasil ainda não vieram contemplar este maravilhoso espelho da sua capacidade.

Agora, com os mezes de clima doce, europeus e americanos, *touristes* de toda a parte apontarão à Guanabara. Que o norte e o sul do paiz procurem também o centro e possamos verificar que o Brasil não se esquece de si mesmo, mostrando-se indifferente á sua cultura e ao seu progresso.

# OS SORRISOS E AS LAGRIMAS DE LEAL DA CAMARA

Aquelle homem moreno, de rosto raspado — Leal da Camara — não precisava da consagração do publico carioca. E apraz-me acreditar que veio aqui antes para ver a terra do que aquelles que a povoam. Porque a cultura "artística" de nosso publico se limita, até hoje, ás "estrellas" da Goldwyn e da Paramount, e, ao lado de May Murray e de Rodolpho Valentino, Gauguin e Lenoir positivamente nada existe.

Isto não impede que a exposição de Leal da Camara tenha sido muito visitada, muito admirada, muito louvada. Póde-se admirar sem comprehender, e houve mesmo quem dissesse, — se não me engano Anatole France — que e precisamente o que menos se comprehende que mais se admira. Feita esta restrição, convém dar á obra exposta pelo desenhista portuguez o lugar que merece entre nós: uma extraordinaria excepção. Vale para nós uma lição, lição cujo valor se realça a ser retrospectiva. E isto é mais uma cortezia para conosco.

Um artista que quer viver deve renovar-se. Leal da Camara mostrou-nos como tinha realizado, tanto na sua factura como na sua inspiração, e mesmo no seu temperamento, uma profunda e decisiva transformação.

Caricaturista e não humorista como se disse, Leal da Camara já recebeu, como tal, a melhor consagração que podia desejar: a de Paris. Foi com Jean Veber, o mais terrível balthador da aggressiva e feroz *Assiette au Baire*, revista illustrada hoje desaparecida. Os numeros da *Assiette au Baire* illustrados por Leal da Camara eram desenhados e escriptos com acido corrosivo, num delirio vermelho de socialismo, quasi anarchista, profligando todos os monarchas contemporaneos e quasi todos os chefes de Estado, desvendando debaixo da pompa dos mantos reaes e das faixas presidenciaes, a hypocrisia verde, a cobiza assassina, as digestões excessivas e as orgias senis, todas as miserias que medram á sombra das Magestades e das Excellencias, todas as taras physicas e moraes dos "grandes das terras". Foi uma bella época para os espiritos combativos, pois se a violencia, o arbitrio e o abuso se alastravam pelo mundo, se a Inglaterra, no auge da sua força, podia impunemente esmagar o pequeno e generoso Kruger, não havia censura para impedir que os homens livres erguessem o seu protesto indignado. Tristes tempos, como os de hoje, mas em que se podia pelo menos escrever sem que um censor viesse com a sua thesoura, muitas vezes acompanhada pela policia com a sua ordem de prisão, como acontece agora mesmo em paizes oficialmente republicanos. Leal da Camara foi o *Camará* dos parisienses, applaudido pelos artistas e amadores de arte e por todos aquelles que ainda podiam crer no socialismo. As caricaturas de

Leal da Camara indicavam mais um impulsivo do que um desenhista que tivesse estudado o manejar do lapis, mas havia nas suas "charges" um traço tão incisivo, tão pessoal, uma psychologia tão subtil ao mesmo tempo tão rude, um tal realismo, a uma vez direito e deformador, que bastava para que se estainpasse em sua menor producção o cunho de sua personalidade singular. E não me venha fallar em B. Pinheiro. Assim era o Leal da Camara daquelles já longinquos tempos, em que Paris se enchia do ruido das batalhas sociaes, — um daquelles lidadores apaixonados, ardentes, intolerantes, vendo tudo através da lente do preconceito politico, aguçando o lapis para ferir os inimigos em paginas definitivas, que se estereotypam na retina para sempre. Podemos rever, na exposição do outro dia, umas trinta capas da *Assiette au Baire*, de uma terrível e sobria eloquencia, em que o comico muitas vezes chega a ser tragico. Assim era Leal da Camara, caricaturista genial e feroçissimo.

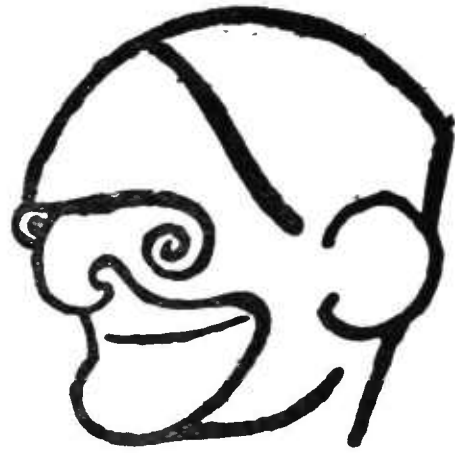
Mas isto, por volta de 1905.

Desde então muitos annos nevaram na cabeça de Leal. Desapparece o *sociolo*. O terrível pamphletario trocou a setta envenenada por uma inoffensiva fruta bucolica e evoca em semi-tons crepusculares, brandos e embaçados, scenas da vida de Pierrot, o eterno Pierrot, eterno como o amor e o soffrimento. Ha nessas evocações uma melancolia discreta e profunda, por vezes contrastada pelo cynismo sardonico de Arlequin victorioso da fragil Colombina. A serie de scenas equivoca e ligeira em que a recordação da leviandade da mulher parece diminuir o tragico da cerimonia, e a morte do irrisorio e lamentavel heróe, cujo cadaver na rubra alameda outomnal, toda de ouro vermelho e de ferrugem, é apenas uma pequena cousa branca desarticulada pela dor.

Mas não é este novo Leal da Camara na sensibilidade ou antes, no sentimentalismo dessas scenas, nem mesmo nas suas recentes paisagens, de uma vigorosa factura, (Porta secreta de Cintra, Santa Clara de Coimbra, Trecho do Mondego, As Ursulinas, Chão de Meninos, o SS. do Mondego, a bella e luminosa Seara Nova, Revista das Arcas, S. Pedro de Cintra e outros) em que se revela um verdadeiro moderno, que mais interessa. Foi nessas caricaturas politicas, como noutras da mesma época (*Actores e actrices francezas* e o extraordinario riso dos *Chefes de Estado* que possuo e que Leal não expoz) que o artista portuguez ha de permanecer na memoria dos homens.

Leal da Camara escreveu a lapis conté o seu nome na pequena historia.

L. A. F



tão estranhamente estylizadas nos bellos volumes de Samuel Taylor Coleridge: "The rime of the ancient Mariner", edição de John Lane, Londres; de Richard Wagner, "Parsifal", ed. de Harrap, de Londres; do mesmo, "Lohengrin", ed. de Harrap, de Londres; de Omar Kahyyam, os "Rubayat", ed. de Harrap, de Londres. Com illustrações de Arthur Rackham o prodigioso compositor em linhas e tons de Richard Wagner; "The Rhinegold and the Walkyrie", ed. de W. Heineman, de Londres; do mesmo, "Siegfried and the Twilight of the Gods", ed. de Heineman, 1911; de Lewis Carroll, "Alice's adventures in Wonderland", ed. de Haneman; de Motter Goose, "The old Nursery Rhymes", ed. de Heineman; de Thomas Ingoldsby, "The Ingoldsby Legend of Mith and Marvel" ed. de Heineman; de Washington Irving, "Rip oden Winckle" ed. de Heineman; de De La Motte Fouqué, "Ondine" ed. de Hachette, de Paris, 1913, publicado por Baltyne, de Londres; de Charles Dickens, "Christmas Carol" ed. de Heineman; "The Allis Fairy Book, ed. de Heineman; de Shakespeare, "A Midsummer Night's Dream", ed. de Heineman; de Swinburne, "The Springtime of Liff", edição de Heineman, e um volume de desenhos de Rackam; "Book of Pictures" com introdução de Sir Quiller-Couch, ed. de Heinemann, 1919. Alastair illustrou, com a sua sumptuosidade maravilhosa o "The Sphynx" de Oscar Wilde, que John Lane editou primorosamente. A collecção tem tambem publicado por Robert Ross, uma série de desenhos de Alastair, "Forty-Three drawings by Alastair", editados por John Lane, em 1914; Doris Palmer, com o seu talento luminoso e bem moderno illustrou uma das edições dos "Rubayat" de Omat Kahyyam, edição de Leopoldo Hill, de Londres. Desta celebre obra do poeta persa, existem na collecção de Elysis de Carvalho, além das edições illustradas por Beardsley e por Doris Palmer, já citadas, as seguintes: edições de Constable, 1910, Londres, illustrações por Ronald Balfour; de Leonconhecido humorista que se revela subtil desenhista B. Hill, de Londres, illustrações de Abamindra Neth Tagore; de Leopoldo Hill, illustrada por Edmund Dulac e duas edições sem illustrações de George Harrap e de Trek Trubner, de Londres. Convém notar, igualmente, as notaveis illustrações de Barry Clarke, das "Tales of Mystery and Imagination", de Edgard Poe, edição de George Harrap, de Londres; de W. Heat Robinson, o nhista na "Song of the English", de Rudyard Kipling, edição de Hodder e Stoughton, de Londres; de Jessie M. King, na "House of Pomegranates", de Oscar Wilde; de Charles Robinson no "Happy Prince and other Tales" de Oscar Wilde, edição de Duckorth, de Londres e de Evelyn Paul na bella traducção ingleza da "Vita ova", de Dante, por Dante Gabriel Rossetti, edição de Harrap.

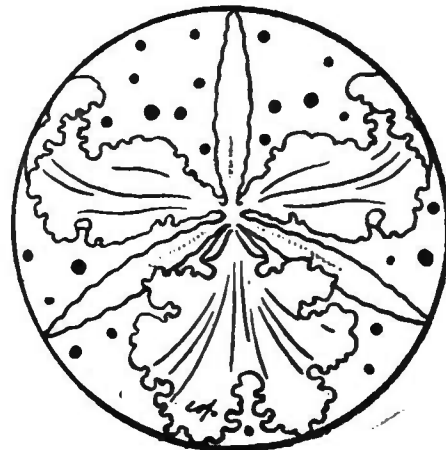
## A ARTE INGLESA DO LIVRO

Realizou-se no Pavilhão de Honra do Imperio Britannico, por iniciativa do Sr. Commissario Geral, uma exposição de bellas edições, que constituiu uma nota interessante de arte. A Inglaterra mostrou, mais uma vez, que occupa sempre um dos primeiros lugares na nobre industria do livro, continuando a bella obra dos editores da segunda parte do seculo passado, dessa geração de admiraveis artesões que criaram o livro moderno, considerando-o uma obra de arte. A Inglaterra tivesse somente produzido um William Morris, que já tinha direito, nesse particular, á nossa gratidão e á nossa admiração. E sabe-se que William Morris, o velho mestre da forma harmoniosa, foi acompanhado no caminho das formosas creações por toda uma pleiade de editores artistas, que os Harrap, os Constable, os Leopold B. Hill, os Duckworth e tantos outros de hoje procuram, em laboriosa emulação, continuar ou ultrapassar.

O Sr. Commissario Geral Britannico, afim de dar uma impressão mais completa do actual

movimento das edições de luxo na Inglaterra, fez appello ao Dr. Elysis de Carvalho que soube, como bibliographo de grande linhagem, reunir em sua vasta bibliotheca um maravilhoso conjuncto de volumes de arte, podendo assim emprestar ao Pavilhão Britannico sessenta volumes inglezes, quasi todos illustrados, editados pelos mestres britannicos do livro. Os artistas que illustraram esses preciosos volumes são conhecidos de mais para se procurar synthetizar-lhes a formula e a indole. Os livros da collecção Elysis de Carvalho, são os seguintes:

Illustrada por Beardsley que trouxe á illustração do seculo passado uma formula nova, harmoniosa e rythmica e que foi o grande precursor, nota-se a "Salomé", de Oscar Wilde, com deseseis desenhos do mestre, editado por John Lane de Londres. A collecção comprehende um bom estudo de H. C. Marillier sobre a obra de Aubrey Beardsley, John Lane, Londres, 1920. O bizarro e admiravel Pogany figura com as suas illustrações ardentes e





# NOTAS & COMMENTARIOS

## A minha defesa

Sob este titulo, o Sr. capitão Genseric de Vasconcellos, illustre escriptor e critico militar, acaba de publicar um folheto, em que pulverisa a insinuação desairosa que um official argentino fez á sua honorabilidade de escriptor, na *Revista Militar Argentina*, de Agosto do anno passado, num artigo sobre o livro *A batalha ao Passo de Rosano*, do Sr. general Tasso Fragoso. O tenente-coronel Juan Beverina, autor da accusação, a meio do citado artigo, escrevia:

"Con un acto de delicadeza extrema, que mucho le honra, el general Fragoso ha sentido posiblemente escrúpulos en apropiarse, sin más, de la labor de los historiadores que le precedieron, para hacer una descripción propia de la batalla, evitando al mismo tiempo que en este episodio — el más discutido de toda la campaña por los historiadores argentinos e brasileños — las afirmaciones y deducciones del autor pudiesen herir falsas susceptibilidades, prefiriendo entonces dejar a cada cual la responsabilidad plena de sus manifestaciones."

"Este proceder llama grandemente la atención y, como hemos dicho, pone en relieve toda la hidalguia del distinguido jefe brasileiro, más cuando se compare este sistema con el observado por uno de sus camaradas, quien, en una reciente publicación sobre las campañas de 1851-1852 (Caseros), no ha tenido escrúpulos de apropiarse de la labor de un autor argentino, transcribiendo enteras páginas de su obra y agregando toda la cartographia que en ésta figura, cual si fuese trabajo original propio. Sin embargo, a veces tiene la *cortesía* (grypho do no original) de recordar al verdadero autor; pero esto sucede generalmente sólo cuando cree deber discrepar con las opiniones de éste, que el fácil autor considera injustas y arbitrarias sin mayor argumentación y porque sí."

A isto replicou o Sr. Genseric de Vasconcellos, na fórma seguinte:

"Todo esse longo arrazoado diffamatorio é um tecido de inverdades, como demonstrarei no capitulo seguinte. O tenente-coronel Beverina sentiu ferida a sua vaidade de autor. Aniquilei e destruí o seu livro em tudo o que se referia á nossa cooperação: demonstrei de modo irrefutavel, que a batalha de Caseros foi ganha, com factor decisivo, pela divisão brasileira, verdade que o Sr. Beverina negava, apesar de conhecer os depoimentos de officiaes argentinos, testemunhas de vista do recontro: Sarmiento, Esquibel e Indalecio Chenaut; provei que o Sr. Beverina foi pouco verdadeiro affirmando que a Divisão Brasileira retardou a sua entrada em acção e o 2º Regimento de Cavallaria, commandado por Osorio, nada fez na batalha; exaltei a nobreza da nossa politica exterior; repellí, com documentos incontestaveis, a insinuação de covardia ao Exercito Brasileiro e ao grande Caxias, quando o Sr. Beverina affirma na pag. 127 do seu livro que, *á no mediar un acontecimiento previo favorable á las armas de Urquiza, los Brasileños no se hubieran decidido á pasar la frontera*: declarei que o nobre povo argentino nos deve, em grande parte, a queda da tyrannia e a obra da sua cultura e constituição; expuz, sem exageros, os baixos relevos da personalidade de Urquiza, mas realçando sua providencial missão historica na Argentina; mostrei, finalmente, a superioridade das nossas armas e da nossa cultura naquelle tempo.

Nunca avancei uma affirmativa sem documental. E se combati as apreciações injuriosas do Sr. Beverina, tratei-o sempre com a fidalguia que me impunha a nobreza do uniforme que visto.

Não offendi tão pouco as susceptibilidades do bravo Exercito e do nobre povo argentino. Fiz historia com verdades, e defendi, como me cumpria, o povo brasileiro e o seu Exercito de injustas accusações e de apreciações tendenciosas que corriam mundo em livros como o do

Sr. Beverina, que, como eu aqui, professava taes lições nas Escolas Superior de Guerra e Militar de Buenos-Aires.

E' tudo isso que eu vou provar no capitulo que se segue."

Para esse fim, divide o Sr. Genseric de Vasconcellos a accusação em tres partes: na primeira, o Sr. Beverina diz que houve plagio de sua obra; na segunda, que só foi citado, quando delle discordava o official brasileiro e na terceira, que se aproveitou de sua cartographia. Para rebater a primeira, o capitão Genseric solicitou ao *Instituto Varnhagen* que uma commissão, presidida pelo seu presidente perpetuo, o illustre Sr. Rocha Pombo, respondesse aos quesitos seguintes:

1º — E' verdadeira a accusação do Sr. Beverina de que transcrevi paginas inteiras do seu livro?

2º — Tive ou não escrúpulo de citar o Sr. Beverina sempre que isso se fazia mistér?

3º — Apresenta ou não o meu livro profundas divergencias com o do Sr. Beverina em tudo o que se refere ás causas e consequencias da guerra de 1851-1852, á interpretação do phenomeno politico-social que é a guerra, e á apreciação dos homens e das cousas da epocha?

A Commissão, composta pelos Srs. Levi Carneiro, Jaguaribe de Mattos, Deodato Maia e Eurico Cruz, depois de estudar a questão em seus multiplos aspectos, chegou ás seguintes conclusões, em resposta aos quesitos acima citados:

## IN MEMORIAM — RUY BARBOSA

Somos muito agradecidos aos jornaes desta Capital e do interior pela maneira carinhosa com que noticiaram o apparecimento do nosso numero especial consagrado a Ruy Barbosa, cuja edição rapidamente se esgotou. Também nos chegaram innumeras felicitações pelo exito dessa publicação, que mereceu o melhor acolhimento publico, e, muito sinceramente, nos confessamos gratos a essas demonstrações de sympathia e a esses applausos, que recebemos enternecidamente, como estímulo e como incentivo.

guintes conclusões, em resposta aos quesitos acima citados:

"Respondemos, pois, em consciencia, de accôrdo com o que fica exposto, e com o mais arraigado proposito de justiça e de verdade:

ao primeiro quesito — Não é verdade que o Sr. Genseric de Vasconcellos transcrevesse paginas inteiras do livro do Sr. João Beverina;

ao segundo — O Sr. Genseric de Vasconcellos teve o escrúpulo de citar o Sr. João Beverina sempre que se fazia mistér;

ao terceiro — O livro do Sr. Genseric de Vasconcellos apresenta profundas divergencias do do Sr. João Beverina em tudo o que se refere ás causas e consequencias da guerra de 1851-52, á interpretação do phenomeno politico social que é a guerra, e á apreciação dos homens e das coisas da epocha."

No segundo ponto, o Sr. Beverina diz que só foi citado, *por cortesía*, nas opiniões divergentes. Ora, o Sr. Genseric mostra que o citou quinze vezes e seis vezes, apenas, discordou do official argentino. Quanto a dizer que o Sr. Genseric não demonstra as suas divergencias, a documentação é esmagadora, com a transcrição dos trechos, em que discrepa do Sr. Beverina com solida argumentação. Por fim, quanto á cartographia, basta dizer que no livro do official argentino só ha dois mapas,

que podem ser classificados como cartographia: o conjuncto do theatro de operações e a planta topographica da batalha de Caseros. Mas nenhum é trabalho pessoal do Sr. Beverina, como demonstra o capitão Genseric, illustrando os seus argumentos com varias cartas, que corroboram as suas asserções.

Ficou, portanto, destruida e pulverizada a inconsistente accusação do official argentino pela demonstração cabal, insophismavel e absoluta da correcção, lealdade e elevação de vistas com que o Sr. capitão Genseric de Vasconcellos escreveu o seu notavel livro, que é a *Historia Militar do Brasil*. A personalidade do escriptor militar brasileiro está acima de taes perfidias (não ha como definir de outro modo o procedimento do official argentino), pois seus trabalhos têm merecido os maiores louvores e applausos, não só no Brasil, como no estrangeiro e especialmente na Argentina, em cujos circulos militares goza do maior prestigio e é tido no melhor conceito.

## Ronald de Carvalho

Embarca ainda este mez para o Mexico, onde vai a convite do seu respectivo Governo o nosso prezado collaborador e antigo director, Sr. Ronald de Carvalho, viagem cujo alto significado já tivemos ensejo de realçar. Queremos, apenas, nesta nota, desejar ao amigo e ao companheiro o maior exito na sua embaixada de intelligencia, levando ao paiz amigo, com o testemunho da nossa inalteravel cordialidade, o espirito novo do Brasil, o seu entusiasmo e a sua fé. Nas suas conferencias, que serão sobre a nossa formação politico-social, litteratura, artes plasticas e folk-lore, o illustre escriptor dará ao Mexico uma synthese admiravel dessa ascensão magnifica do Brasil, na busca incessante de uma civilização propria, que consiga harmonizar o espirito de cultura universal com o ambiente prodigioso e barbaro da America nova. Elle dirá das nossas grandezas e das nossas lutas; do nosso esforço e dos nossos triumphos; de nossas pelejas e desillusões; de nossas conquistas e de nossas construcções. Desvenderá as forças do idealismo brasileiro e apresentará a nossa cultura vencendo as contingencias do caos ethnico e das reformas precipitadas, como uma força indomavel do espirito nacional, que caminha decisivamente para a luz. E, nessa missão, ninguem melhor se haveria do que o Sr. Ronald de Carvalho que representa com indiscutivel fulgor as energias novas da nossa mentalidade, como artista, como critico e como poeta. Entre os votos de boa viagem com que todos se despedem do poderoso escriptor, os da AMERICA BRASILEIRA serão dos mais sinceros e cordiaes.

## Dr. Victor Viana

A escolha do nosso distincto collaborador Dr. Victor Viana para Redactor-Chefe do *Jornal do Commercio*, a que vem prestando de ha muito os mais notaveis serviços, foi um acto digno dos maiores encomios que não regateamos á direcção do importante orgão de nossa imprensa, não só porque premiou um trabalhador esforçado e illustre, como assegurou ao jornal o brilho inconfundivel de uma orientação intelligente e fecunda. Effectivamente, o Dr. Victor Viana salientou-se, desde logo, na nossa imprensa como um dos espiritos mais verataes, dotado de grande capacidade de trabalho, de uma argucia e penetração vivissimas, e forrado por uma solida e variada cultura. E' um desses jornalistas completos, capazes de desempenhar com o mesmo lustro todas as funções num jornal moderno, escrevendo em todas as secções e mantendo sempre o inalteravel espirito de intelligencia e segurança. O Dr. Victor Viana é um polygrapho de raros meritos e disso temos as maiores provas e as mais eloquentes demonstrações. O economista, o critico,

o pensador, o jurista e o chronista se encontram simultaneamente na sua personalidade, e nenhum delles se diminue, antes avulta por igual, na mesma somma de uma cultura solida e efficiente. Ainda agora o seu bello livro — "A Formação Economica do Brasil" é um ensaio de mais alto merito, que mereceu de quantos se interessam pela nossa sociologia o elogio franco e a mais sincera admiração. Como encarregado da parte commercial do *Jornal do Commercio*, onde, aliás, as suas attribuições sempre foram multiplas, á altura de seu espirito, revelou-se um organizador de merito, salientando-se as suas publicações estatísticas, estudos especiaes sobre mercados, e pareceres technicos de alta valia, fazendo tambem o "Retrospecto Commercial", que é trabalho digno de nota. Registrando a sua investidura na chefia da redacção do *Jornal do Commercio*, fazemol-o com o maior entusiasmo e a mais justificada sympathia pelo homem, pelo escriptor e pelo jornalista.

#### Annuario do Brasil

Distractando a firma commercial *Sergio B Pinto*, que explorava esta casa editora, assumio a sua responsabilidade o Sr. Alvaro Pinto, sob cuja direcção intelligente e activa essa empreza se fundou e prosperou no nosso paiz, a cujas letras já tem prestado os mais assignalados serviços. As suas edições, já numerosissimas, vieram, em grande parte, dar um impulso novo á arte do livro, tão descurada até então no Brasil. Caracterizam-se os livros do *Annuario do Brasil* pela sua factura aprimorada, pelo bom gosto e perfeito acabamento, tornando-os dignos de igualar com as melhores edições estrangeiras. Além disso, procurando divulgar a obra dos escriptores novos, libertando-se do preconceito infecundo dos medalhões e sem a preocupação exclusiva do maior lucro com sacrificio do livro, conseguiu o *Annuario* uma situação de grande relevo, devida ao carinho e esforço do Sr. Alvaro Pinto, que por ser tambem escriptor, e de bom quilate, soube tornar a industria do livro uma alta missão, ao revés de certos negociantes desse artigo, que o tratam como se vendessem batatas, cebola ou aguardente. Passando á propriedade exclusiva do Sr. Alvaro Pinto, o *Annuario do Brasil*, que aliás tem sido fructo do seu esforço pessoal, só terá que lucrar, crescendo e avigorando as suas energias, para tornar sempre e cada vez mais relevante a sua acção em beneficio das letras nacionaes.

#### Bazilio Telles, pensador lusitano

Está de luto a intellectualidade portugueza e, do mesmo passo, os mais puros principios da democracia. Morreu Bazilio Telles, essa figura do maior relevo mental da geração de homens illustres que está a extinguir-se — mas que marcou pelo valor do seu talento evi-

denciado nos varios ramos do saber — e em que Bazilio se destacou como prosador, como philosopho, como economista e como homem dos mais saos e puros principios democraticos.

Bazilio Telles contava 67 annos completos, pois nascera no Porto, a 14 de Fevereiro de 1856. Tendo concluido os estudos preparatorios, diz o dictionario *Portugal*, matriculou-se na Academia Politica cujo estudo abandonou em seguida a um conflicto com um professor daquela escola. Dedicou-se ao professorado, leccionou litteratura, philosophia e sciencias naturaes ao mesmo tempo que collaborava em diferentes jornaes politicos e litterarios. Entrando mais tarde na vida agitada da politica filiou-se ao partido republicano, collaborando nos principaes jornaes que se publicavam em Lisboa e no Porto. Fez parte do Club de Propaganda Democratica do Norte, ao qual prestou excellentes serviços. Por occasião dos acontecimentos de 31 de Janeiro de 1891 homisiou-se, visto achar-se mais ou menos envolvido no movimento insurreccional, demorando-se no estrangeiro até que uma amnistia o fez regressar á patria. Tendo alinhado entre os mais activos combatentes do seu partido, afastou-se ha tempos, sem contudo deixar de defender os seus ideaes e de acompanhar os diferentes movimentos do partido em que se alistou e de que era uma das figuras de maior prestigio pelo seu talento e pelas qualidades do seu caracter. Além da sua collaboração em diferentes jornaes e revistas politicas e litterarias, publicou as seguintes obras: *Carestia da vida nos campos, Estudos historicos e economicos, Introduccão ao problema do trabalho nacional, Problema agricola (credito e imposto)*, Porto, 1899; *Do ultimatum de 31 de Janeiro*. Parece que de ha tempo tem promptos a publicar mais dous livros: *A Agricultura e o trabalho*, e uma traducção em verso do *Livro de Job*, com um largo prefacio sobre o problema religioso em Portugal. Collaborador do "Primeiro de Janeiro", o seu ultimo artigo que este jornal estava ainda por publicar quando falleceu o grande pensador. Intitula-se: *O problema financeiro em 1911*.

"Como encarar agora, escreve o Sr. Trindade Coelho, a sua affirmacão de que a lei fundamental da energia é "o unico principio seguro e universal" para salvar a sciencia da crise que neste momento atravessa?"

Não haverá aqui carregados e excessivos trapos de metaphysica, sobre as fracas nuances do espirito scientifico? A resposta encheria este jornal todo. E, neste momento em que escrevemos, o que é necessario, o que é urgente, o que é preciso é vincar o modo de ser especulativo desse cerebro notabilissimo que foi Bazilio Telles. Sim: o aspecto philosophico da obra de Bazilio, é secundario. Espirito profundamente *analytico e critico* — embora a sua preocupação em se nos entregar como *organico*, Bazilio Telles, antes de mais nada, foi um admiravel dissecador dos acontecimentos sociaes do seu tempo. E cremos bem que as paginas que melhor dão a medida da sua natureza intellectual e moral, são as que consagrou ao problema europeu durante a grande guerra. E escrevemos *natureza moral*, porque reside nestas paginas, a

inviolavel *inflexibilidade* do seu pensamento politico.

E agora, que amorosamente guardamos as duas cartas de Bazilio ao autor do *Manual Politico*, commovidamente nos inclinamos diante da sua grande memoria! E que n'0 *Primeiro de Janeiro* que elle honrou e esmaltoou com a sua penna, prodigamente honrando humildes e obscuros camaradas como nós, nos sejam permittidos os cinco minutos de reconhecimento e de dôr, na evocação de uma figura que illumina todo um cyclo historico e que continuará sendo o timbre, o estimulo e o ensinamento das gerações futuras. Outro rumo teria seguido a Republica e a geração de Bazilio, tão tolerante e tão respeitadora da tradição — haja em vista o elenco ministerial de 21 de Janeiro — a tivesse proclamado."

O Brasil intellectual associa-se á grande dôr que veio ferir o pensamento de Portugal, de que Bazilio Telles foi um dos mais nobres e altos representantes.

#### Sarah Bernhardt

Morreu em Paris, quasi com 79 annos de idade, essa artista excelsa que foi Sarah Bernhardt. Jamais uma actriz conseguiu alcançar no mundo inteiro maior fama e despertar mais fremente entusiasmo.

A vida de Sarah Bernhardt foi um verdadeiro romance, ou para melhor dizer, um tecido de romances, em que sempre seguiu os impulsos de um temperamento exaltado, bizarro e irrequieto, em lances por vezes escandalosos. Sarah Bernhardt nasceu em Paris, em 22 de Outubro de 1844. Tendo obtido o primeiro premio de tragedia em 1862, Sarah entrou para o Odeon, donde sahio pouco depois, sem ter despertado grande interesse.

Voltou em 1867 para o Odeon e continuou a representar varios papeis com pouca notoriedade. Foi ahi que em Janeiro de 1869, creando *Le passant*, de Coppée, obteve o seu primeiro grande triumpho. Durante a sua estadia no Odeon citam-se ainda os papeis de Hortense Lehuchoir, em *Le testament de Cesar Girodot*; Aricie, na *Phèdre*, apparecendo ainda no *Drame de la rue de la Paix* e no *Batard*.

E' em 1872 que Sarah se encarrega da rainha do *Ruy Blas* e fica consagrada grande artista. Reentra para a Comédie Française em 1873, debutando na *Mademoiselle de Belle-Isle* e d'ahi por diante em cada personagem cada triumpho, até que, em 1875, foi nomeada societaria. Em Fevereiro de 1876 concluiu Dumas Filho a sua peça *L'étranger*, em que Sarah se revelou em toda a originalidade do seu talento.

Não satisfeita com os seus successos de comediante, Sarah apaixonou-se pela

## UMA PALHETA ENCANTADORA

Na esmaecida e languida luz da nossa pintura reverso do nosso ambiente tropical, o Sr. Edgard Parreiras é um caso raro, me merece ser destacado. E' um pintor inconfundivel, personalissimo, com um sentimento vivaz e innato da natureza, cujo esplendor plasma com um fulgor que é o da propria luz immortal. Discipulo do tumultuoso Parreiras, nem nas paisagens o seguiu na technica ou no colorido. Não segue tambem escolas classicas ou reformadoras. E' Edgard Parreiras na maneira, no corte, na luminosidade fulgura, na arte integra. Sua modestia contrasta com seu talento. Os seus motivos são banhados de uma luz sadia, radiante, encantada pela pincelada larga e expontanca e a vida que delles afflue, inquieta e magnifica. O Sr. Edgard é um pintor moderno, consciencioso, emotivo, um pintor que progride na ancia de transmittir com intensidade a emoção que apprehendeu, de reviver através da arte a verdade divina das cousas.

Na exposição que todo o Rio admira na Galeria Jorge não é outro o pincel do victorioso interprete da nossa luz, enriquecido agora de novos progressos, que se reafirmam um pintor seguro e distincto. Quantos admiram as suas tres dezenas de telas, fixando trechos de mar, aspectos da vida praieira, impressões da natureza, não deixam de louvar o pintor e de reconhecer nelle uma organização artistica pujante, um temperamento jovial e encantador, invulgar num meio de falhados e brochadores notaveis... A sua exposição tem valor e equilibrio. Os seus quadros emocionam. São *morceaux* magnificos. Lembram dias de verão, de ardente sol nos caminhos e nos casaes, mares revoltos e plácidos, barcos parados e casebres que o tempo torna em em ruinaría triste, contrastes de luz, solares avoengos, scenas da vida humilde, — tudo vivendo na exactidão dos motivos que a sensibilidade do artista e a harmonia chromatica das tintas esplendorosamente traduzem.

*Solar avoengo* é um bello trabalho com uma comprehensão larga da pintura moderna; *Manhã brumosa* é lindo na sua placidez e na sua poesia brumal; o *Godofredo* é bem interpretado na sua soli-

dão, sentindo-se a naturalidade das aguas e dos ceus; *Casebres* é bem feito na sua saliencia de valores, na sua justeza de desenho e de colorido; *Rochedos* é vigoroso e brilhante; *Manhã de sol* é maravilhoso na sua ardencia luminosa e nos seus verdes de arvoredos fecundos e amaveis; são dignas de admiração *Quintalejo*, *Casa branca*, *Reflexos*, *Dia sem sol*, *Máu tempo*, *Aspecto de Ponta d'Areia* e outros mais. O Sr. Edgard Parreiras não terá aqui o resultado material a que fazem jus sua operosidade e seu talento. E' brasileiro, infelizmente, sua pintura é brasileira e ademais feita com sinceridade e esplendor. Num meio onde a cultura artistica triumphou com o *snobismo* mais irritante, pintores como o Sr. Parreiras são quando muito admirados ás pressas e injustamente olvidados. Resta, porém, ao illustre artista, a certeza do valor dos seus trabalhos e a esperança de que talvez de hoje a um seculo a arte comece de ser, por estes brasis, comprehendida e amada.

Carlos RUBENS



sculptura. Alguns bustos foram expostos, os que se afiguraram a attenção.

Em Agosto de 1877 Sarah crea um dos seus grandes papeis: o de Dona Sol, do *Hernani*. Foi o papel em que a grande artista mais se incarnou, e tão completamente que o nome de Dona era inseparavel do seu. Ao proprio autor, Victor Hugo, ella commoveu, e a lagrima do poeta, representada em um lindo diamante foi-lhe offerecida.

Em 17 de Abril de 1879, após o fracasso da sua creação de Clarinda na *Apenturiere* de Emile Agier, Sarah Bernhardt deu a sua demissão de societria da *Comedia Franceza*, começando então a sua verdadeira vida de Theatro, representando somente aquillo que lhe aprazia, libertando-se de todos os preconceitos de escola que prejudicam tantos talentos da *Comedia Franceza*.

Em pleno esplendor do seu genio dramatico, Sarah foi a creadora de numerosas obras de valor, revelando e consagrando pela sua arte o talento dos melhores escriptores da época. Não ha em França, quem não se recorde da Sarah na *Dama das Camélias*, de Dumas Filho, na *Princeza lointaine* e no *Aiglon*, de Edmundo Rostand, a quem ella sempre dedicou uma grande amizade. O mundo inteiro conheceu-a e acclamou-a. Suas viagens eram cada vez um maior triumpho. O Rio, como todas as principaes capitães, recebeu-a e fez-lhe uma verdadeira apothecose.

Já velha, doente, amputada de uma perna, Sarah Bernhardt, despendeu as ultimas forças em novas creações, apparecendo no Theatro de Paris, que tem o seu nome, ha bem pouco tempo ainda, representando na *Gloire*, de Maurice Rostand, filho de seu saudoso amigo Edmundo.

A arte de Sarah Bernhardt era toda romantica. D'ahi a sua identificação perfeita com as heroínas de Victor Hugo, como *Dona Sol*, um dos seus maiores triumphos. D'ahi, tambem, o seu exito extraordinario junto á multidão, directamente accessivel aos sentimentos simples e um pouco exagerados das obras romanticas. O seu temperamento excessivo fazia de Sarah Bernhardt a mais vibrante interprete do amor juvenil, (*Dona Sol*); do desejo, (*Phedra*); do soffrimento, da paixão, (*Rainha de Ruy Blas*); do desespero doentio de uma alma irrequieta, (*Aiglon*). O seu successo era estrondoso no desempenho de papeis geralmente convencionaes, em que podia dar livre carreira ao seu genio declamatorio. Sarah não era uma actriz subtil e intelligente como Réjane, por exemplo.

Os papeis complexos do theatro moderno, que exigem uma certa psychologia, não lhe podiam convir. A sua acção sobre o publico era devida á sua voz commovedora, um pouco surda e subitamente rica e vibrante, que Balzac chamou *voix d'or*, e ao seu talento, pôde-se dizer, decorativo na composição das suas attitudes. Sarah foi antes de tudo a rainha da attitude. Vejam todos os seus retratos: todos elles são verdadeiros quadros que parecem compostos pacientemente por um pintor genial. Foi nisso, principalmente, que Sarah pareceu inexcusable.

A França deve-lhe muito. Ella espalhou pelo mundo inteiro o brilho extraordinario do Theatro francez.

### O centenario do dois de Julho

A Bahia celebra este anno, com grande pompa e o mais effusivo jubilo patriótico, o centenario do Dois de Julho, a data augusta, que marca o fecho das lutas pela independencia nacional. A glorificação dos heroes de 23 será feita por um grande programma de festejos, officiaes e particulares, que não só constituirão uma homenagem civica, mas tambem uma demonstração do progresso do grande Estado, um dos elementos basicos do organismo brasileiro. O governo do Estado muito empenhado em dar o maior brilhantismo ás festas centenarias, organisou uma grande commissão que, presidida pelo actual secretario do Interior do Estado, conselheiro

Landulpho Medrado, tem como secretario o Dr. Braz do Amaral, presidente da Associação Bahiana de Letras, e o Dr. Bernardino de Souza, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico. No dia 2 de Julho serão celebradas, como inicio ás festas, quatro missas, nas quatro faces do grande monumento 2 de Julho. Fogos de artificio no quebra-mar das Docas da Bahia, com as principaes figuras da Independencia, e uma festa veneziana na Bahia do Salvador.

Inauguração do monumento, na praça Castro Alves, em frente do Theatro São João, do grande poeta das "Espumas Fluctuantes"

Inauguração, na Lapinha, do monumento a Labatut e aos heroes da Independencia em 2 de Julho de 1923. — Baile no palacio da Acclamação, offerecido á sociedade bahiana pelo governador do Estado. — Exposição de productos bahianos. — Exposição pecuarla promovida pela Sociedade Bahiana de Agricultura, auxiliada pelos governos estadual e federal. — Publicação de um numero do "Diario Official", com 500 paginas, sob a direcção do Dr. Pacheco de Oliveira e relativamente aos cem annos de actividade da Bahia. — Publicação de varias obras historicas do professor Braz do Amaral. — Publicação de uma grande obra sobre a "Evolução da Medicina", pelo professor Pacifico Pereira. — Publicação do "Theatro na Bahia", pelo Sr. S. Bocanero. — Publicação da "Geographia na Bahia", pelo professor Bernardino de Souza. — Publicação de documentos existentes no Archivo Publico da Bahia, sobre a Independencia, trabalho organizado sob a direcção do Dr. Borges de Barros, secretario do governador da Bahia. — Publicação de "A religião na Bahia", estudo do conego Conrado Mulier. — O governo fará, durante dez dias, festas populares no Terreiro Barbalho, Santo Antonio, Lapinha, largo da Mar dragão, Graça, S. Miguel, Itapagipe, Pharol da Barra, Rio Vermelho, como, entre outras, — curso para automoveis, foot-ball, bailes populares nos jardins, cinemas gratuitos, batallas de flores, "marche aux flambeaux" regatas, raids de resistencia, corridas de bicycletas, etc. O governador da cidade, engenheiro Epaminondas Torres, tem sido infatigavel nos preparativos das festas com que a Municipalidade commemorará o Centenario bahiano. Será publicado um grande livro com "fac-similes" das actas da Independencia na Camara Municipal. Uma interessante exposição de documentos, sobre a Bahia no dia 2 de Julho, será feita no edificio da Independencia. O arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Thomé, promove a Proclissão Eucharística e a visita da imagem do Senhor do Bomfim, que, pela primeira vez, sahirá da Basílica á cidade. O Instituto Historico e Geographico da Bahia fará inaugurar, no dia 2 de Julho, o seu magestoso palacio, que denominou "A Casa da Bahia". A grande sociedade bahiana, entre outras festas, promove uma série de conferencias sobre as grandes figuras da Independencia: Labatut, Miguel Calmon, Montesuma, Marquez de Abrantes, Pirajara, Silva Lima, Rebouças, Joanna Angelica. O Instituto fará um prestito civico, que transportará o cable da Lapinha á sua nova séde. Aos bahianos offerecerá uma recepção que terá inicio pelo hymno 2 de Julho, cantado em frente á "Casa da Bahia" por mil creanças acompanhadas pela celebre banda da policia bahiana, havida como a melhor entre as bandas militares do Brasil.

### A mais bella

Houve no Brasil uma eleição seria! Nella, os eleitores, os juizes, os candidatos e o publico em geral só se interessavam pela exacta representação da verdade, sem fraudes, sem subterfugios, sem intrigas e quesilhas. Bem sabe o leitor que essa eleição não foi para nenhum cargo electivo da nossa republica, nem para a Academia de Letras... Foi a eleição da mulher mais bella do Brasil. Depois de um concurso que empolgou todo o paiz, promovido pelos nossos brilhantes collegas da *Revista da Semana* e da *Noite*, com a colaboração de todos os periodicos do interior, depois da verificação rigorosa de trezentas mulheres formosas, o jury derradeiro, composto pelos professores Baptista da Costa, Corrêa Lima e Raul Pederneiras, proclamou a mais bella mulher do Brasil a senhorinha Zézé Leone, da cidade de Santos. Não é preciso dizer a maneira admiravel por que se houve o jury, logrando que o seu veredicto seja incontestavel, acceto pela mais significativa unanimidade, quando se temia que as diver-

gencias do gosto pudessem prejudicar o resultado do concurso, tão bem inolado e conduzido. Ninguem pôde discutir o resultado, apenas delle se envaldecer, porquanto a figura fascinante da eleita honra o paiz, como um typo de absoluta perfeição, muito brasileiro, pois a senhorinha Zézé Leone é o aperfeiçoamento do commum das nossas patricias. O resultado do concurso estaria comprometido, em parte, si a escolha íbsse recair sobre qualquer belleza, cujos traços e cujo caracter plastico não fosse brasileiro, mas de qual quer das raças que se caldeiam entre nós. Até esse temor pode ser vencido e a mais bella brasileira é brasileira. Todo o paiz já conhece com familiaridade o seu retrato formosissimo e seu nome de rainha é repetido a cada hora por 30 milhões de boccas, que a acclamam e a exaltam. Nesse mar de applausos, *America Brasileira*, na mais gentil reverencia, saúda a magestade da belleza, a senhorinha Zézé Leone, e cumprimenta effusivamente a *Revista da Semana* e a *Noite* pelo exito do concurso.

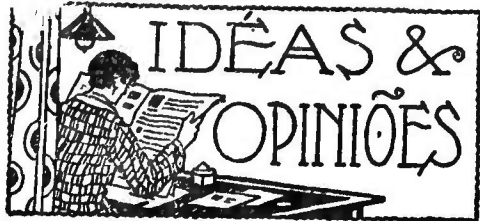
### Uma festa de Intelligencia

A homenagem que um grupo de intellectuaes, sob a presidencia do Sr. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica, offereceu ao Sr. Matheus de Albuquerque, o chronista brilhante e romancista poderoso, foi de uma rara significação e de uma grande belleza. Os dois discursos, que publicamos em outro lugar, não são apenas formosas orações, mas encerram valiosas suggestões sobre o momento intellectual, principalmente o do homenagem, de cujas idéas se pôde discordar, mas ninguem lhes negará o merito da sinceridade e o prestigio de uma opinião abalisada e firme. Foi igualmente de muito relevo o brinde de honra, feito pelo Sr. Estacio Coimbra, á mocidade intellectual do paiz nas pessoas dos escriptores novos ali presentes. Participaram dessa homenagem os srs.: Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica; Graça Aranha-Rocha Pombo, Nestor Victor, Ronald de Carvalho, Araujo Jorge, Celso Viela, Elyzio de Carvalho, Octavio Tarquinio de Souza, Renato Almeida, A. Carneiro Leão, Lindolpho Pessoa, Jackson de Figueiredo, Carlos Pontes, Armando Godoy, Veiga Lima, Luiz Barreto de Menezes, Theophilo de Albuquerque, Luiz Annibal Falcão, Balthazar Pereira, Francisco Alexandrino, Raul Moraes, José Maria Carneiro da Cunha, Carlos Rubens, Machado Dias, E. Izard, Moraes de los Rios, Francisco Solano Carneiro da Cunha, Joaquim Eulalio, Carvalho Azevedo, Sebastião Sampalo, Felinto de Almeida, Gastão Rio Branco, Mario de Vasconcellos, Perillo Gomes, Goulart de Andrade, Eurico Souza Leão, Ademar Tavares, Manoel Coelho Rodrigues, Paulo Coelho Rodrigues, Delphim de Barros, Gilberto Amado, Frederico Castelo Branco Clark, Academia Alagoana de Letras, representada pelo seu Presidente Sr. Dr. Demócrito Gracindo.

### Conde Von Hogendorp

O Sr. Goulart de Andrade acaba de concluir, com o melhor exito, a missão que lhe confiou o Pre-felto, solicitado pelo Sr. Ministro da Hollanda, e que consistia em descobrir o local onde residiu, em 1821, o Conde Theodoro Von Hogendorp, illustre titular hollandês e general dos exercitos de Napoleão, quando se refugiou nesta heroica cidade, depois da queda da Agula. Após pacientes investigações, feitas com o maior carinho, recorrendo aos preciosos subsidios do Archivo Municipal, conseguiu o Sr. Goulart de Andrade localizar a chacara onde viveu, bucolicamente, o general napoleonico, no meio de laranjeiras, que cultivava, com mãos pacientes e cariciosas, soffrendo talvez, em face da natureza opulenta da terra americana, a nostalgia das batalhas fragorosas, das victorias fulgentes e a dôr da derrota, que abateu o chefe formidavel. Von Hogendorp residiu na ladeira do Ascurra, á margem do Trapicheiro ha pouco desviado do seu curso normal, para ser canalizado. Foi naquelle recanto delicioso, ás fraldas do Corcovado, que morou o titular hollandês. O Governo de Haya, prestando uma homenagem ao guerreiro illustre, mandou gravar uma lapide, que já se encontra nesta cidade, para ser collocada no local onde residiu Von Hogendorp, agora descoberto, depois de investigações e pesquisas do Sr. Goulart de Andrade, a quem o Sr. Pre-felto, em boa hora, incumbiu da ardua missão, levada a cabo com tanto exito.

# REPERTÓRIO



## Ainda o caso de "La Garçonne"

Ao General Dubail, grande chanceler da Legião de Honra, e outros membros da comissão de inquerito instituída para verificar se Victor Marguerite attentára, publicando "La Garçonne", contra os deveres da honra para ser excluído da ordem honorífica da Legião de Honra, dirige Anatole France a carta que a seguir transcrevemos:

"Senhores: Permitti que vos represente muito respeitosamente os perigos a que vos exporiais julgando uma causa que não pôde ser verdadeiramente discernida senão pela consciencia publica, na paz do tempo. Processos semelhantes já foram ter a certas jurisdicções, e a justiça não teve por que se felicitar de os ter avocados. Duas obras primas que honram a França e encantam o mundo, "Madame Bovary" e "Les Fleurs du Mal", foram perseguidas. Um poeta nobilissimo de que se honra a Academia Franceza, Jean Richepin, foi condemnado por uma obra que todos nossos letrados admiram hoje. Que vosso tribunal, senhores, instruido por esses exemplos e inspirado na vossa sabedoria, não junte "La Garçonne" á lista longa dos livros, que hoje condemna e para os seculos os juizes que o condemnaram no seu apparecimento. Victor Marguerite, senhores, é conhecido por grande numero de livros que testemunham um nobre talento e uma alta moralidade. Como se teria tornado de repente autor de uma obra infame? Isto não pôde ser, nem é. Nesse livro, que levantou tantos fingidos furores, encontram-se as idéas generosas que sempre inspiraram o autor. Julgae-o pelo assumpto. Uma moça, bem dotado e de caracter enérgico, acha, com razão, o mundo bem feio. Por um erro que Victor Marguerite de nenhum modo approva, essa moça desesperada perde-se nos vicios para os quaes não fora feita. Depois de alguns annos de erros, que ella presa muito pouco para querel-os amados, a moça entra numa vida honesta e regular, onde encontra a paz do coração e contentamento que em vão procurou alhures. Eis em substancia, a fabula de "La Garçonne". Ella é virtuosa, e autores ha que indignados estão a gritar contra este livro, e no entanto em livros seus têm talvez desenvolvido temas menos moraes. Na verdade, foram certas particularidades, detalhes, que mais chocaram na obra incriminada. Seria bem surpreendente que um escriptor tão seguro de sua fórma qual Victor Marguerite tenha perdido de um jacto o dominio ou governo de si mesmo. Não se desconhecera, em seu prejuizo, os direitos da arte, as justas liberdades do pensamento e as exigencias de um assumpto qual o estado de uma sociedade que ainda não tem igual em França? Victor Marguerite pintou, em "La Garçonne", a sociedade que a guerra fez; mostrou a depravação que tinha attingido, nos novos ricos, a extremo inaudito. Toda a gente o sabe, pois nestes tempos desavergonhados, o deboche transbordou até a rua. Eu sinto que o pintor, nestes quadros, ficou bem aquem da realidade. Os males incommensuraveis de uma longa guerra produziram costumes abominaveis, que o moralista devia pintar. Foi o que fez Victor Marguerite numa medida que revela o homem de gosto. Antes de condemnal-o, lembrai-vos do lapis vigoroso com que d'Aubigné pintou, no seu tempo, os que elle chama os Hermaphroditas. E' justo imputar a Juvenal os furores de Messalina? Ah! senhores, tendes a felicidade de viver em regiões

serenas, onde não podeis ver se formarem os ciúmes, as invejas, os odios que se quer sancionéis. Peço-vos, em vosso proprio interesse, não façaes o que vos não convem fazer. Abstei-vos num processo que excede infinitamente da vossa competencia. Temei censurar o talento. Foi o que fez, com relação a Gustave Flaubert, M. Pinard, que passava por homem de espirito e honesto magistrado, cuja memoria entretanto ficou para sempre ridicula. Respeitemos os direitos sagrados do pensamento, que encontram sempre no fundo vingadores implacaveis. Eis, senhores, as observações que julguei poder apresentar-vos respeitosamente, em favor de minha idade e das occupações que encheram minha vida. Aceitae, senhores...

ANATOLE FRANCE

Victor Marguerite, intimado para comparecer perante aquella commissão e explicar-se, recusou-se allegando que o caso não era para ser assim julgado, e sim perante a justiça commum, e que não reconhecia na referida commissão competencia para julgar da moralidade de uma obra litteraria, opinião que teve a solidariedade de Courteline, Rosny, Porto Rico e outros.

## HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

Clémenceau

O Sr. Franck H. Simonds escreveu para a *American Review of Review* o seguinte artigo sobre o "Tigre francês", a proposito da sua recente viagem aos Estados Unidos, que tanto ruido causou. Escreve elle — "Quando Clémenceau partiu para fazer as suas conferencias na America, não tinha nenhum encargo official. Ao contrario, era mal visto pelo ministerio Poincaré e não o podia approvar o presidente da Republica. Empreheu a viagem, ainda assim, encolerizado pela politica dos Estados Unidos, cujos ataques injustos feitos á França o revoltavam. Julgava que a America abandonára a sua antiga alliada, depois de ter virado as costas á Europa, a que recusava qualquer auxilio, substituindo uma cooperação util, por acerba critica.

Não era facil a situação de Clémenceau. E' preciso recordar que representou, na conferencia de Paris, o paiz que mais soffreu com a guerra, que derramou mais sangue e supportou o maior peso. Seus compatriotas lhe pediram que obtivesse duas coisas: a segurança contra uma nova aggressão da Alemanha e a reparação dos danos causados no Norte da França. Quanto á sua segurança, os francezes pediam a fronteira do Rheno, não a sua annexão, mas uma occupação militar que permitisse, em caso de ataque, preparar a mobilisação, por detrás da barreira do Rheno e, si essa barreira fosse rompida, teriam a certeza de que as primeiras phases da guerra seriam em territorio allemão e não francês. Queriam igualmente garantias para os pagamentos allemães e que a França occupasse regiões germanicas, como Guilherme I fizera, em 1871, até regula-

risar-se a indemnisação. Eis os pontos principaes que Clémenceau deveria ter obtido, para conservar a sua immensa popularidade.

Deparou com a má vontade de Lloyd George e Wilson, pretendendo estes que, para satisfazel-o, seria necessario renunciar aos 14 principios, com o risco de criar uma nova Alsacia-Lorena. Em troca, pelo abandono do projecto, offerciam as garantias de seus respectivos paizes no caso de nova aggressão allemã, com a obrigação, está claro, de obterem para isso o consentimento de seus parlamentares. Clémenceau preferia essa garantia á do Rheno, do qual não era, allás, partidario, contra a opinião do marechal Foch. O "Pae da Victoria" pediu então a occupação da margem esquerda do Rheno para todos os alliados, zona que seria evacuada á medida que os allemães fossem amortizando a sua divida.

Quando a America repudiou o Tratado de Versalhes, reregou o pacto de garantia, que a Grã-Bretanha recusou depois de ser a unica a prometter, a carreira politica de Clémenceau se abalou profundamente, porque não accitou as idéas de Wilson e Lloyd George, sinão pela esperanza de obter garantias essenciaes para a França.

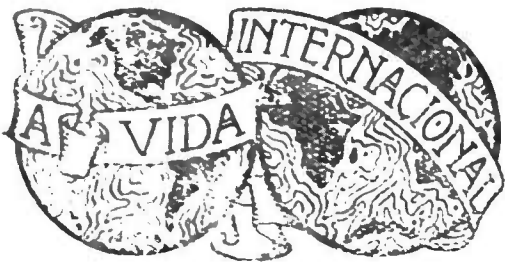
Explica-se assim a sua viagem aos Estados Unidos. Queria fazer comprehender aos americanos o espirito real da França e destruir a lenda do militarismo e do imperialismo francês. Era, por assim dizer, o apello supremo dos que ganharam a guerra aos que, só entrando depois, repudiaram a paz e comprometteram a victoria. A visita teve, ao menos, o merito de demonstrar claramente que si, apesar dos desaccrdos passageiros, a America continúa a amar a França, está decidida em absoluto, a não se occupar mais da Europa, ainda que reservando o direito de lho criticar a politica".

## "RECORDS" DA VELOCIDADE

Um jornal pariziense publica a seguinte tabella dos "records" de velocidade em avião, desde as primeiras competições, iniciadas por Santos Dumont com o aparelho de seu invento:

Datas dos records	Nome de piloto	Velocidade horaria em kilometros
12 Nov. 1906	Santos Dumont	41.292
26 Out. 1907	Farman	52.700
20 Maio 1909	Tissandier	54.810
28 Agosto 1909	Bleriot	76.955
23 Abril 1910	Latham	77.579
10 Julho 1910	Morane	106.508
12 Abril 1911	Leblanc	111.801
21 Junho 1911	Nieuport	133.136
13 Julho 1912	Védrines	170.777
29 Set. 1913	Prévost	203.850
28 Fev. 1920	Casale	283.464
4 Nov. 1920	Romanet	309.012
8 Out. 1922	Maughan	355.012
18 Out. 1922	Gen. Mitcheli	358.836
15 Fev. 1923	Sadi Lacointe	375.132





### Indisciplina e Immoralidade

Diz uma decisão recentemente proferida por um tribunal russo, em materia de bigamia: — "A monogamia é um phenomeno profundamente enraizado nos costumes dos povos civilizados. Mas, isto não quer dizer que a bigamia ou a polygamia sejam puniveis segundo nossas leis. Ainda menos se pôde fazer depender a solução da religião professada pelas partes em causa. Se os musulmanos podem ser polygamos, não se vê razão pela qual os outros cidadãos sovieticos não possam gozar do mesmo privilegio." Vê-se, portanto, que o bolchevismo não quer apenas uma reforma economica e administrativa, mas social e moral, abalando profundamente os alicerces da sociedade christã, pelo imperio da libertinagem, com a indisciplina dos costumes, sob a mascara falsa da liberdade. Ao que se diz, toda a noção de familia desaparece e basta o instincto procriador... Bigamia, incesto, filiação anonyma, aniquilamento da familia, o mais hediondo e feroz individualismo, eis algumas das formas desse desregramento, em que a valdade dos homens pretende supplantar as leis eternas e irremessiveis.

### A opinião europeia sobre o Rhur

As opiniões externadas nos principaes paizes europeus acerca da questão do Rhur, embora apresentando modalidades diversas, são unanimis em dar razão á França e affirmar que a Alemanha pôde pagar.

Uma alta personalidade do mundo politico belga, entrevistado pelo correspondente do jornal parisiense *l'Oeuvre*, depois de declarar que o governo belga não diria nada a respeito do Rhur antes do Reich fazer suas propostas e não acataria nenhuma mediação, mesmo a da Liga das Nações que o proprio Sr. Branting julga impossivel, fez as declarações seguintes:

"Não temos um plano detalhado, mas os pontos principaes são conhecidos. Primeiro, ha-de se exigir que a Alemanha ponha as suas finanças em ordem e que ella aceite o "controle" do Comité de garantia ou de um outro qualquer organismo interalliado. O exemplo da Austria mostra o que se pôde fazer nesse particular. Uma vez o "controle" aceito conceder-se-ha a retirada gradual das tropas de occupação do Rhur, a medida que a Alemanha executar as prestações em natureza que elle deve. É o plano do Sr. Poincaré. Não existe outro."

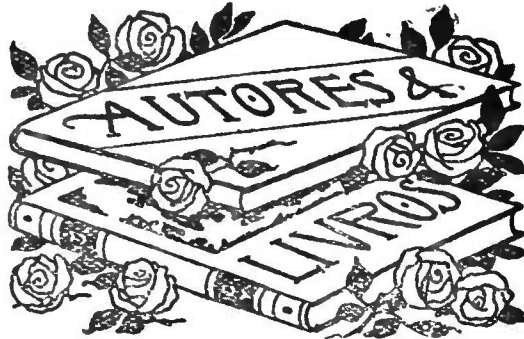
Na Inglaterra o Sr. J. R. Clydes, que na Camara anterior foi o leader do partido trabalhista, — numa conferencia realizada na União pela Liga das Nações, em Londres, entre outros conselhos á França e os protestos da amizade do povo inglez, aconselha ao governo francez procurar melhor a boa vontade das outras nações e o concurso das grandes potencias que nunca hão de faltar. "Temos a mais viva sympathia pela França, disse o orador. Temos por ella tambem o maior respeito, porque reconheço que foi ella que mais sofreu dentre todos os paizes alliados.

Quatro representantes da Escocia na Camara dos Communs, fizeram ultimamente um inquerito no Ruhr. De volta da zona occupada, os deputados inglezes constataram que os industriaes allemães pôdem perfeitamente financiar as reparações, e que enganam os operarios quando pretendem o contrario; reconhecem que a situação economica do Rhur é muito melhor do que a dos districtos industriaes inglezes e escossezes, emfim que a reunião do ferro da Lorena e do carvão do Rhur constitue uma necessidade economica. Concluimos propondo que "a França, a Inglaterra, a Belgica, a Italia e a Alemanha internacionalisem a bacia carbonifera do Rhur em beneficio das reparações."

Na Italia, emfim, os grandes jornaes iniciaram uma grande campanha em prol de um accordo economico da Italia com a França. Essa campanha é promovida pelo proprio Mussolini, que procura incentivar a siderurgica italiana principalmente o grande grupo de aço de Genova, para que são indispensaveis o carvão do Rhur e o ferro da Lorena.

Essas diversas opiniões que resumimos mostram que os elementos vitales das grandes potencias europeas isto é, tanto os grandes industriaes como os proletarios, estão ao lado da França na questão do Rhur. A proposta dos quatro deputados inglezes que transcrevemos acima e que, segundo a opinião americana que, relatamos nesta sessão e parece dever ser aceita pela França, foi formulada pela primeira vez por um francez, o sr. Sch-wof.

Com effeito, essa solução que viria crear um estado autonomo entre a França e a Alemanha, além de evitar qualquer competição a seu respeito dessa zona, viria afastar qualquer possibilidade de conflicto no futuro entre esses dois inimigos seculares.



Oswaldo Orico: **Dansa dos Pylampos**. Ed. Monteiro Lobato & C. — S. Paulo. — 1923. O Sr. Oswaldo Orico está recebendo, com juros, o premio da sua independencia. Escrevendo em um paiz onde os criticos, por via de regra, pertencem á linhagem incontavel dos homunculos de Wagner, o autor da *Dansa dos Pylampos*, não poderia encontrar, facilmente, homens de imaginação bastante livre para comprehendê-lo. Se o sr. Oswaldo Orico fosse um fabricante de sonetos confeitados ou de poemas cristalizados, se os seus versos tivessem a rigidez de cavallinhos de feira, e marchassem como pautados batalhões ameaçadores, estaria, hoje, consagrado e reconstruido pelos bufarinheiros divertidos da criticallharia litteraria. Mas o Sr. O. Orico é um espirito moderno, uma sensibilidade do seu tempo, um poeta que ama a poesia e não os versos e as artes poeticas.

Seu caso é mesmo singular. Quando aqui chegou, o Sr. Oswaldo Orico praticava, como todos os brasileiros de menor idade, o acrobatismo das rimas ricas, dos metros congelados. Escrevia balladas, rondeis, madrigaes e sonetos orthodoxos. Escrevia, como todo mundo, *sobre* o crepusculo, o mar, o amor e a morte. Colhido de surpresa pelo movimento moderno, seu primeiro impeto foi o de resistir contra a avalanche, apoiado nas lanças de pau e nos escudos de papelão pintado, com que os arsenaes parnasianos e symbolistas entulham ainda a nossa litteratura. Cedo, porém, reconheceu o erro em que andava, e, no calor dos seus vinte annos, investiu contra a mascarada petulante e ridicula dos pharizeus coroados... E, então, elle cantou:

Deixa o passado; enxuga a lagrima vertida,  
era tua, era linda, e, entretanto, a perdeste.  
Abre este livro, lê, que miragem sentida,

Deixa o passado; enxuga a lagrima vertida,  
era tua, era linda, e, entretanto, perdeste.  
Essa lagrima era um motivo de alegria...

*Dansa dos Pylampos*, apesar das claras qualidades que revela o seu autor, é ainda um livro de transição, porquanto, se incluem nelle algumas composições de sabor passadista ou archaizante. O saldo numeroso dos poemas de feitiço pessoal é, não obstante, decisivo e definitivo nessa obra. O Sr. Oswaldo Orico se filia aos poetas modernos, principalmente aos italianos, de quem parece ter herdado a harmonia subtil das dissonancias e a velada eloquencia dos rythmos. O segredo da sua poesia está justamente na simplicidade com que elle desenha e mostra as cousas mais humildes da vida e no colorido discreto dos seus matizes. Embora haja aqui e ali notas puramente descriptivas, como em *Ouro Preto* e *Olinda, cidade Morta*, ou ainda fortemente impregnadas de romantismo, como *Torneio de*

*Metrificacão*, os seus poemetos são, em geral, ricos de imagens e formas atrevidas. Veja-se *Ruskin*, por exemplo:

Brinca entre os ramos uma cereja.  
De longe um passaro a namora.  
Ah, o idyllio entre um passaro e uma fructa,  
esse idyllio entre os seres naturaes.  
Todas as outras cousas me sorriam...

No subtil esoterismo desses versos ha, sem duvida, uma idéa symbolica da philosophia naturista de Ruskin, para quem uma pay-sagem era mais bella que toda a metaphysica. Já em *Debussy* não foi tão feliz o Sr. Oswaldo Orico, porquanto, o artificialismo voluntario e o cerebralismo consciente da sua arte se afastam muito daquella concepção do "vento que passa nas arvores e canta..." A arte do mestre de *Pelléas et Melisande* é essencialmente impressionista, de um subjectivismo imperioso e transcendente. Debussy não acreditava na natureza.

Do impressionismo delicioso desse livro, dá perfeito testemunho o seguinte poemeto:

Na tarde triste que vae desmaiando,  
chega-me aos labios uma phrase de Montaigne.  
Vestido negro... crepe ao rosto... uma senhora  
lá vae muito grave e muito solemne.  
O seu vestido é triste, o seu vestido  
sobre uma pelle assetinada chora...

Na manhã clara, na festa de algum passeio,  
ha qualquer cousa que me desperta o sentidio.  
Vestido roseo, mal cobrindo a flôr do seio,  
meninas passam, rendas no ar tremeluzindo.  
Como os vestidos nesses corpos vão sorrindo...

Em *Dansa dos Pylampos* as annotações mais caracteristicas são todas assim: intimas, inquietas, veladas e indecisas entre a alegria das cousas e a melancolia de um espirito desencantado.

Agrippino Grieco: **CAÇADORES DE SYMBOLOS**. Ed. Leite Ribeiro (Rio, 1923). — Ha neste livro um espelho consideravel das tendencias ultimas nas nossas letras, do passadismo do Sr. Luiz Carlos ao modernismo do Sr. Ronald de Carvalho, vistos através do temperamento inquieto e subtil do Sr. Agrippino Grieco, que se revela um excellento critico. Porque essa critica é pessoal e livre, desabusada mesmo, procurando, na actividade mental dos poetas e escriptores de suas preferencias, um espirito de força e intensidade, no pensamento ou na arte de sentir e justificar essa renovação das nossas letras, que é uma magnifica aurora de liberdade e emancipação. O Sr. Agrippino Grieco se procura entre os seus "caçadores de symbolos" e a differença dos seus criticados revela bem essa ancia multipla do artista, que despreza as fronteiras, os muros e os cercados. Este livro é um livro de arte e de emoção e, si ha paginas de analyse directa de qualidades e defeitos, preconceito de que se precisa libertar, o autor em regra se eleva numa intensa observação psychologica, de um advinho de cousas que se não revelam. Afinal, é um artista da critica, a que empresta o fulgor de sua formosa cultura, que não é uma dessas contrafacções correntes, mas solida e orientada, para maior exaltação e universalidade do Esprito. Praticando essa critica impressionista, que é muito luminosa e feita de annotações incisivas, cuja unidade só o conjunto revella, o Sr. Grieco nos deu um livro de emoção e sympathia, elevando nomes de sua geração (ha alguns que a precedem) com fulgor e entusiasmo. Este livro admiravel não é só um magnifico documento litterario, mas em uma forte significação moral, quando as competições mesquinhas perturbam tanto as intelligencias. O Sr. Grieco collocou-se acima do bem e do mal, em nosso meio litterario, saltando, ás vezes, boas gargalhadas "nas bochechas destes graves brasileiros, destes amigos da litteratura brutal, de critica em mangas de cam.sã e de genialidades cuja apparente prenhez intellectual é quasi sempre hydro-psia..." O Sr. Grieco irrita a muita gente, porque tem bom humor, essa frescura de espirito, que esclarece e illumina, como se pôde ver nas suas satyras, ou na critica sympathica, destes "Caçadores de Symbolos", vislumbrados com acuidade e vibração. O Sr. Grieco é o critico que, criticando, se cria, dominando com o espirito as obras admiradas, numa sorprendente exaltação pela belleza, justificativa derradeira do mundo, no seu temperamento de mediterraneo, isolado no fulgor deste mundo tropical.

**Amiel: JOURNAL.** — O Sr. Bernard Bouvier, professor de Genebra, acaba de publicar uma excelente edição do precioso "Journal" d'Amiel, dando-lhe sua verdadeira physionomia, que, talvez por excesso de zelo, tivesse sido deformada. Os dois volumes publicados em 1883, por Edmond Schérer, por indicação de Mlle. Mercier, até aqui tidos como o verdadeiro "Journal" d'Amiel, delle não contém mais do que um pequeno fragmento. Para dizer da authenticidade dessa edição, é bastante referir o facto de possuir o professor Bouvier um original manuscrito por Amiel desde a morte de Mlle Mercier, a quem fôra legado pelo proprio autor. Dando essa noticia auspiciosa aos admiradores do grande espirito de Amiel, esperamos que a nova contribuição lhes permitta preciosos achados na sabedoria amavel do bello escriptor.

**Julia Lopes de Almeida. A ISCA.** Liv. Leite Ribeiro, ed. Rio-1923 — Neste livro de contos, D. Julia Lopes de Almeida nos dá algumas paginas de emoção suave e de grande encanto, feitas com aquella simplicidade e harmonia, que são o segredo do seu bom gosto litterario. Em terra de gente imaginosa, amiga das imagens campanudas e dos floreios vistosos a romancista nos ensina, com a sua obra, uma lição de simplicidade e medida, olhando a vida, como ella transcorre, sem escandalo, sem desregramento. Por via de regra, a nossa litteratura feminina se compraz numa volupia requintada, por vezes fremente, como já observou com argucia um dos nossos melhores criticos. D. Julia Lopes de Almeida, ainda nesse particular, refoge á regra commum, sendo o seu romance um dos melhores flagrantos da nossa sociedade, que observa com profunda penetração e um grande equilibrio, de sorte a lhe notar virtudes e defeitos, sem carregar numas ou noutras tintas. E' a grande romancista do nosso meio, sentindo tambem a terra com uma grande ternura e notas de accentuado lyrismo, a exemplo das *Cartas da Roça* que é um livro delicioso. Ao noticiarista desta secção, de simples annotação e sem penetrações criticas, basta o registo do novo livro de Dona Julia Lopes de Almeida, *A Isca*, com que augmenta o brilho que lhe cerca o nome aureolado de escriptora, da maior escriptora brasileira.

**João de Castro. REVOLUÇÃO NACIONALISTA.** — Lisboa-1922. — Ha neste livro ao mesmo tempo pamphletto e ensaio sociologico, o estudo da crise portugueza, cuja solução depara ao nacionalismo, traçando-lhe o programma. As bases deste são — contrucção da autoridade, "problema fundamental da renovação da vida portugueza"; organização do Estado, sob uma dupla tendencia: a) concentração unitaria do poder administrativo já no Governo central, já pela fusão dos districtos em provincias; b) descentralização de actividades pela autonomia administrativa já nos Governos das provincias, já nos municipios; organização militar, sobre a qual se constroem o estado, propulsiando as suas forças expansivas e assegurando as qualidades defensivas; organização religiosa, pois "a religião é uma necessidade social absoluta, presa a todas as actividades da Nação"; organização social, com as bases seguintes: organização syndical, tribunaes de trabalho, codigo de trabalho; assistencia social, organizado com um instituto de previdencia social, outro de assistencia, um terceiro de socorros mutuos, bem assim a reorganização e desenvolvimento do monte-pio, tornado obrigatorio, responsabilidade da crise syndical na miseria social, cujas victimas devem ser socorridas, etc.; ordem publica, mantida a todo o transe, com a prohibição do greves e propagandas anti-nacionais e communistas; organização economica, condição de vida e de prosperidade do paiz; organização do imperio colonial, sob um programma que apresenta; instrucção e organização social, com uma reforma completa nos moldes e methodos de ensino; por derradeiro, a função internacional, que permittir "o fim por que tendemos, escreve o autor, encerrando seu livro — uma civilização portugueza num forte imperio politico". E' um largo programma, de renovação e revalidação de valores, á juizo do fascismo italiano, que o autor advoga para o seu paiz, nesse livro de entusiasmo e patriotismo, através de sua alta concepção de nacionalismo, como "uma corrente de vida, uma qualidade de vida nacional".

**Barreto Filho. CATHEDRAL DE OURO.** Schettino, editor. Rio-1922. — Ha no livro deste adolescente uma emoção sincera e ardorosa, de que é licito esperar os melhores frutos, sobretudo quando a sua personalidade se desnudava das influencias e, inteiramente livre, dominar a materia poetica, pelo seu estro.

"AMADIS", DE GAULA

Apontemos Affonso Lopes Vieira, a sua saude mental, a coragem portugueza das suas opiniões, a intransigencia honrosa das suas attitudes, e vamos ao seu encontro, ali na "Portugal-Brasil", o interroguemol-o sobre o seu "Amadis" Evangelho do amor deverá ser tida esta velha e nobre novela de cavallaria. E hoje, que tão mal se ama, mórmente nesta Lisboa, especie de caricatural Sodoma, a sua leitura servirá de consolação para os corpos não corrompidos ainda, e de anjo da guarda para os que estejam prestes a transviar-se.

Mas, sem demora, deixemos que o Poeta falle.

— O meu trabalho do "Amadis" foi-me suggerido pelo que, como artista e philologo, Bédier fizera com o "Tristan et Iseut" Sómente, os casos eram totalmente differentes Bédier tinha material a menos, e teve de procurar. Eu tinha material a mais, e tive de reduzir.

— Eliminando tudo que lhe parecesse castelhano?

— Sim, tudo que o redactor de fóra accumulára ás primitivas redacções portuguezas dos dois Lobeiras, nos seculos XIII e XIV.

— Quanto tempo gastou nesse trabalho?

— Quatro annos. Mas só no verão passado a construcção logica e lyrica do "Amadis", me appareceu emfim, simples e intensa, como um dos mais adoraveis contos de amor — e, então, escrevi em um mez o romance que ha quatro annos preparava.

— Está contente com a sua obra?

— Com o que fiz decerto que não, embora a benevolencia da minha eminente prefaciadora e as opiniões de alguns amigos, a quem li o meu trabalho, fossem animadoras; mas contenta-me, pelo menos, a realização do desejo que me animou de restituir á nossa patria o "espirito" de uma obra que é das mais bellas do mundo.

— E' o "Amadis", pois, indubitavelmente portuguez?

— A opinião da Sra. D. Carolina Michaelis é decisiva. Mas como agora apparece, pela primeira vez na nossa lingua, este facto abstraindo de que fui eu que o reescrevi, alegre-me como um factor de ordem nacional, tão importante para os que adoram a Terra.

— O que representa este "romance" para a sua sensibilidade?

— Uma canção heroica, um codigo de honra e um idyllo encantador. Todo o perfume da nossa poesia e da nossa tradição se reflecte nelle.

Agora, que o Poeta fallou, voltemos a apontá-lo como um exemplo, exemplo rarissimo a seguir. Os factos provam o que as palavras apenas promettem. E Affonso Lopes Vieira, poeta portuguez, por varios factos tem provado que é sinceramente de Portugal: "A Campanha Vicentina", "O Livro d'Amor", de João de Deus, "Em demanda do Graal", tantos outros, recentemente este "Romance de Amadis" e, acima, perto das estrellas, a flôr, melhor, a essencia do seu descomplicado lynismo. A par, ainda feição muito lusa, aquella independencia altiva semelhante á de "Sigfred" — segundo a sua expressão — e herdada, directamente, do "pinhal de Leiria e do mar!"

ALVES MARTINS,

Essa busca incessante de si proprio, que é a tortura maior do artista, apenas se inicia para o joven poeta. Não acredite demasiadamente no louvor facil e insincero, nem tema os criticos de regua e compasso, mas procure libertar-se de todos os entraves da "arte" e realizar a sua poesia. Ha um contraste entre a frescura de sua emoção e o passadismo de sua forma. Não olhe para traz e lembre-se de que o tempo não respeita o que é feito fóra do seu tempo e de que não vingará os inactuaes. Se se tratasse de um velho, ou de um livro já definitivo, não caberia o reparo, por falta de esperanças, mas numa estréa brilhante e auspiciosa, de um joven de quinze annos, num momento de renovação de sensibilidade e de esthetica nova, é justo dizer que no Sr. Barreto Filho ha um verdadeiro poeta, se o seu estro não se fanar nas estereis repetições de nosso lyrismo e nos infecundos pre-conceitos de meia duzia de formulas, ou talvez de fórmulas... Não esqueça a palavra de Goethe — a arte é uma libertação!

**Cruz e Souza. OBRAS COMPLETAS.** Ed. 1. Ed. do Anuario do Brasil. Rio-1923. Comemorando o vigesimo quinto anniversario de Cruz e Souza, que foi um attestado vibrante de toda a intensa admiração do paiz, pelo poeta negro, o Sr. Nestor Victor promoveu com o *Anuario do Brasil*, que mais um assignalado serviço prestou ás nosas letras, a publicação das obras completas de Cruz e Souza, que annotou e commentou, precedendo-as de uma introdução critica digna de maior estima. Neste primeiro volume reunio as obras poeticas *Broquês*, *Pharões* e *Ultimos Sonetos*, exparsos e de aquisição difficilissima. A introdução do Sr. Nestor Victor é um encaio de penetrante argucia e nos permittir um admiravel retrato psychologico do poeta. Por fim as suas annotações accrescentam á obra o maior interesse. O 2º volume será o das *Paginas de prosa*, com *Missal* e *Evoluções*.

**Eduardo Ramos: RETALHOS E BISALHOS.** Ed. do Anuario do Brasil, Rio, 1923 — O Sr. Eduardo Ramos é um ironista amavel, que sabe envolver a realidade com um véo de zombaria, sob o qual as cousas perdem um pouco de rudeza e se somem as arestas. E' uma illusão, dirá o pessimista, mas da mentira vivemos nós, buscando pelo engano das apparencias minorar a agrura irremediavel do mundo. Os *humoristas* sabem que o soffrimento é perpetuo, mas amortecem pelo sor-

riso displicente os embates desagradaveis do destino. Ao revés de insensiveis, são homens de bom coração, porque, no fim, ironia é piedade, como disse o nosso Machado de Assis. O Sr. Eduardo Ramos pratica dessa ironia — "douce et bienveillant" — de que falia Anatole France, e no seu elogio á mentira — a doce mentira — temos, por exemplo, uma pagina deliciosa de indulgencia, em que louva as mentiras uteis, ás quaes "está confiada a função de preservar do nosso desdem, ou do nosso enjôo, o inexpremivel reverso das apparencias..." Não estará ahí uma admiravel definição da arte subtil do Sr. Eduardo Ramos? Elle não é esse chronista complacente que tece um véo de mentiras amaveis "sobre as cousas merecedoras de ser veladas?" Mas, para que esse manto não seja deformador da realidade, é preciso que seja tecido pelo artista, commovido diante da vida. E' uma obra de interpretação. "O segredo da vida está no commoção" escreveu o Sr. Eduardo Ramos, que sabe nella se encontrar a transfiguração das apparencias, para nos apontar o segredo irremediavel das cousas. A solução para o homem está na arte, para resolver a contingencia, na fé para presentir a immortalidade. Neste livro do Sr. Eduardo Ramos, em que o artista é um pensador subtil, ha paginas de grande emoção e muitas que fazem meditar. A ironia ainda é uma lição maravilhosa, porventura a mais fecunda.

**Antonio Austregesilo: LIVRO DOS SENTIMENTOS** — Liv. Leite Ribeiro, editora — Rio, 1923. — O professor Antonio Austregesilo reuniu neste livro, que acaba de publicar, varias maximas e sentenças dedicadas aos que soffrem, para os quaes a sua piedade tem palavras de conforto e de exaltação, pois seu esforço é tornar a vida melhor. "Viver, escreve no prefacio, é cultivar as energias espirituales, para o homem superar os embaraços materiaes e moraes e chegar á conclusão de que em ultima analyse, dado o balanço absoluto, a vida é boa." A estrada da purificação é o caminho a trilhar, ensina-nos o illustre professor, pelos que pretendem gosar o mundo. Este livro é um livro de claro optimismo e de sinceridade, meritos indiscutíveis nos escriptores dos paizes novos como o Brasil. "Não ha mal permanente". Para o Sr. Austregesilo a vida é um esforço para dominar o mal, vencendo pela alegria e pela confiança no destino.



todas as provações, todas as dôres. Por isso o homem deve lutar e amar. "O homem que luta resume o exemplo de vida universal. O homem que ama, synthetiza a alma da Natureza". E com esse conceito se encerra esse livro, de um professor de optimismos.

Jesus Maria Henao: **LOS ULTIMOS DIAS DEL GENERAL BONTANDER**. Bogotá. — Trata-se de um interessante estudo lido pelo autor perante a Academia de Historia de Bogotá, em que evoca a figura do grande general colombiano que, com Bolívar e Sucre, foram grandes heróis de sua patria. Escripção com elegancia, elevação e entusiasmo, essa memoria de exaltado patriotismo, é um interessante documento de historia e merece a attenção de todos os americanos, que fremem com a gloria dos grandes predestinados das patrias novas. O illustre Presidente da Academia da Colombia merece os melhores applausos pela sua publicação, digna do melhor apreço e que teve tão grande repercussão em todo o continente.

#### Livros a sair em França:

— De Paul Bourget, um romance: *La Gléole*.

— De Anatole France, uma nova obra, que será publicada primeiro em revista: *Sous la rose*.

— Mirbeau tinha escripto a "628—E—8" O Sr. Didier le Roux vai publicar brevemente uma "629—E—9"

— De André Salmon: *Saint-André*, poema; *Archives du Club des onze*, romance e *Propos d'atelier*, notas sobre pintura. (Já publicado por Crés.)

— De Paul Reboux: *Colin*.

— De René Bazin: *Il était quatre petits enfants*.

— De René Boylesve: *Rosalinde*.

— De Edmond Jaloux: *Le nom de l'étoile est absinthé*.

— De Alexandre Arnoux, os ultimos serão os primeiros: *Petit lumiere et l'oursé*.



#### Instituto da Ordem dos Advogados

Na primeira sessão deste Instituto, o Dr. Levy Carneiro apresentou a seguinte indicação, que já foi approvada:

"O Instituto dos Advogados com o intuito de enaltecer a memoria gloriosa do seu antigo presidente effectivo e presidente honorario perpetuo, Ruy Barbosa, e a cultura juridica do paiz, de que elle foi a mais alta expressão, e os seus inexcediveis serviços á causa liberal, em mais de cinquenta annos de vida publica — resolve:

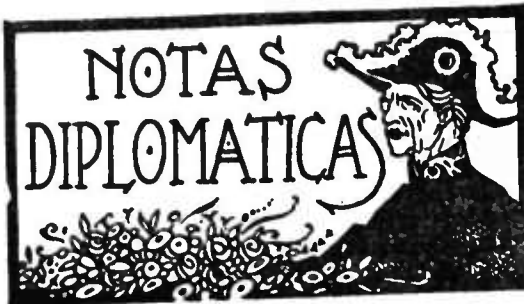
1º — mandar collocar-lhe o retrato na propria sala das sessões, onde actualmente se encontra apenas o de Teixeira de Freitas, inaugurando-o solemnemente no proximo dia 13 de Maio;

2º — effectuar, nesta data, sessão solemne commemorativa do grande brasileiro;

3º — autorizar a Directoria a constituir-se em commissão especial, a qual fará incorporar representantes de outras associações e de todas as classes sociais, afim de promover o levantamento da sua estatua nesta cidade;

4º — organizar, na Bibliotheca, uma secção especial de obras, artigos, memorias judicias, e mais escriptos de sua lavra;

5º — realizar um concurso sobre o thema "A influencia de Ruy Barbosa no direito", ficando a Directoria autorizada a regular-o e cabendo um premio á monographia classificada em primeiro lugar"



O editor L. Veggia, de Buenos Aires, acaba de publicar em brochura os discursos pronunciados por S. Ex. o Ministro Plenipotenciario do Brasil na Argentina Dr. Pedro de Toledo, por occasião dos festejos do Centenario do Brasil na republica platina, e em outras festas officiaes.

Já conheciamos estes discursos no Brasil por despachos telegraphicos transmittidos para aqui na occasião em que foram proferidos. Poudemos ver que foram inspirados pelo mais puro e nobre patriotismo, marcados ao cunho de uma personalidade forte, em que a cultura se allia com a arte da palavra. Entre tantas paginas notaveis pela sua eloquencia vibrante, notamos este bello trecho sobre o patriotismo, no discurso á colonia brasileira de 7 de Setembro:

"Os que sustentam, que se deve substituir a idéa de patria pela de humanidade, ou não são sinceros ou sonham com uma utopia. E' tão difficil supprimir as fronteiras da patria, como destruil os laços de familia.

Por occasião da grande guerra, os mais ardentes propagandistas da famosa doutrina, quando viram invadido o seu territorio atiraram para longe o programma do partido e impellidos por uma força irresistivel, foram se collocar debaixo do seu pavilhão, pedindo armas para a defeza da patria. Isto quer dizer que quando a patria periga, ha uma verdadeira transmigração das almas individuaes para uma alma collectiva, que será a alma da patria. E' ella quem nos dirige nos combates, quem nos fortalece a bravura e quem nos ensina a soffrer com paciencia e a morrer heroicamente nos campos de batalha."

Mais adiante, no mesmo discurso, o Sr. Pedro de Toledo, referindo-se a Portugal, "a nossa mã-patria" disse: "Mas não só isso ella nos deu: deu-nos o seu sangue honrado, que constitue a base do caracter brasileiro, o seu espirito de aventuras herolcas de que se formou a alma dos bandeirantes paulistas, desbravadores do sertão e finalmente deu-nos as suas tradições, que se ligam e se incorporam á nossa historia."

Os outros discursos de S. Ex., notadamente o que foi pronunciado no banquete que lhe foi offerecido pela colonia portugueza de Buenos Aires, são igualmente ricos em idéas originaes e pensamentos esclarecidos, engastados em lances eloquentes e harmoniosos. O Sr. Pedro de Toledo continua, mantendo bem alto, o velho prestigio da nossa diplomacia.



#### As novas escolas de Intendencia e administração

Presentes, chefe do estado-maior do Exercito, chefe da missão militar franceza, representantes do Sr. Ministro da Guerra e mais autoridades militares, teve, no principio do mez passado, solemne inicio o anno lectivo das Escolas Superiores da Intendencia e Administração do Exercito.

A sessão foi aberta e presidida pelo Sr. general Azeredo Coutinho, que deu a palavra ao Sr. coronel Buchalet, da missão militar franceza e director tecnico do ensino daquellas escolas. Depois, falou o Sr. general Abralino Bandeira, director geral da Intendencia da Guerra, que discorreu sobre a funcção dos officiaes dos corpos de intendentes de Guerra, administração e contadores.

Explicando o fim dessas escolas, disse o coronel Buchalet: "Todos os nossos esforços tendem um fim: cumprir a nossa tarefa na obra immensa por nós iniciada ha já tres annos. E' esta, com effecto, a terceira vez que a Escola Superior de Intendencia e a Escola de Administração Militar se abrem para uma terceira turma.

Pela primeira vez se inaugura o Curso Especial de Contadores. E é pela primeira vez que comparece como autoridade o general Intendente da Guerra, director da Intendencia da Guerra, o mais antigo official no posto mais elevado da primeira turma da Escola Superior da Intendencia que eu vejo a meu lado. Elle veio afirmar com a sua presença, uma fé constante no successo da parte que tomamos em commum na grande obra da reorganização das forças de terra da Republica. Chefe do corpo e Inspector geral dos novos quadros administrativos do Exercito, é elle a affirmação viva de que a Intendencia da Guerra nasceu bem e nasceu viavel. É a sua nobre figura de official profundamente patriota e de funcionario militar illustrado, benevolente e integro, personifica uma classe inteira de officiaes e incarna todas as nossas esperanças.

Ainda que em attenção á sua pessoa e a tudo que ella representa, estas escolas devem formar pessoal instruido tecnicamente e orientado intellectual e moralmente pelos nossos ensinamentos. Por outro lado as mesas examinadoras do concurso tomaram como dever de consciencia fazer da competição real entre os numerosos candidatos, a melhor selecção.

Aos olhos daquelles que não têm sob seus hombros a carga de responsabilidades que o futuro do Exercito nos impõe nas commissões do exame pareceram severas. Entretanto, quando a benevolencia se pode exercer ellaahi surgiu. E foi assim que a autoridade superior pôde decidir que a Escola de Administração Militar receberia 23 alumnos ao invés, de 20 e o Curso Especial de Contadores 50 ao invés de 30.

Agora precisamos trabalhar. Primeiramente para atravessar o ponto perigoso do exame da selecção do quarto mez; depois para sair dignamente no fim do curso. Na saída da escola, vos faltarão, sobretudo aos alumnos da Escola Superior de Intendencia e Escola de Administração militar, os estagios verdadeiramente praticos nas organizações projectadas, e cuja execução está suspensa — momentaneamente eu espero.

Tambem nas vossas funcções encontrareis difficuldades supplementares, difficuldades que não acreditamos dever encarar-as aqui.

Não ficareis desanimado por isto, pois os vossos corações de patriotas vos manterão firmes no caminho que vossos chefes já percorreram, armados de uma perseverança e de uma fé que coisa alguma podia enfraquecer. Avante! Pelo trabalho!"



**L'AMERIQUE LATINE**, de Paris. Convem assinalar neste interessante e bem redigido semanario um artigo do Sr. Hugo Barbagnata, o eminente historiador uruguayo, sobre o *Congresso da Imprensa latina*; um interessante estudo sobre o futuro da capital do Brasil do Sr. Louis Guilaine, *La vie intellectuelle* por Gustave Manson; um *Billet d'une sud-americaine* de Max Daireaux e um bello artigo do Sr. A. de Lapradelle, o conhecido professor de Direito Internacional na Faculdade de Direito de Paris, sobre Ruy Barbosa, que foi, diz o Sr. Lapradelle "desses homens cuja acção, a principio restringida á sua patria, pouco a pouco se estende ao seu continente, em seguida ao mundo, porque alimentada desde a infancia pelas letras gregas e latinas, e desenvolvida pela pratica das linguas e das letras estrangeiras, a sua sensibilidade intellectual não deixa de aprofundar nelles o sentido do universal e o culto do humano."

**SIMPLE REVUE**, de Paris. Dirigida por Georges Regnal. Esta revista que se diz de salão publica em seu numero de Outubro-Dezembro passados um conto ligeiro de Hebbé, uma

poesia de Ch. d'Eternod, um artigo de critica poetica de J. Vassivière, um poema de L. Gendreau, chronicas da Condessa Laetitia, condessa L. e de Jean Sanit-Crépins. Merece especial menção o artigo de René Virard sobre Murger, cujo centenário passou no anno findo. O Sr. Virard recorda com saudade e emoção a vida dolorosa do escriptor da bohemia de Paris, o seu obscuro nascimento, a sua mocidade com o conde de Toistoi, de quem era secretario por 40 francos por mez e as tristes attribuições de sua existencia miseravel e faminta, até o exito que só chegou para elle quando o soffrimento e a doença lhe tinham tirado todo o enthusiasmo e a fé na arte.

**LES PAYS DU DANUBE**, de Budapest. Esta revista hungara, dirigida pelo Dr. Alexandre Krisztics, apresenta o seu numero de Dezembro de 1922 com o seguinte summario: Charles Tejsseyre, *Na Hungria*, André Andor; *O problema mundial do chomage*; Dr. Adolpho Pechamy: *A questão tcheco-slovaca*, que, diz o autor, não existe; Dr. Bela de Horvath: *Uma Croacia independente*; Alexandre Potifi: *O desenvolvimento da litteratura hungara e outros artigos de interesse danubiano*. O fim desta revista é defender as aspirações da Hungria desmembrada. N'uma carta que nos dirigiu, o Sr. Bela de Horvath, administrador-gerente, escreve: "Queremos demonstrar as inauditas injustiças causadas á Hungria pelo tratado de Trianon que arrancou ao nosso paiz millenario os 3/4 do seu territorio para dar-os aos povos semi-barbaros balticos, sob o dominio dos quaes se destruirá e se destróe a antiga cultura da Europa Central. O modo com que são tratados milhões dos nossos compatriotas é sem exemplo na historia mundial. E' um attentado aos principios wilsonianos contra os quaes se deve reagir." Tendo por objectivo informar syntheticamente os seus leitores, a *America Brasileira* reproduz este appello de um patriota sem querer julgar o caso, pois não só nos faltam os indispensaveis elementos para assentar o nosso juizo, como achamos do nosso dever não nos solidarizar com o nosso correspondente hungaro no que toca aos ataques que dirige contra nações que se têm mostrado amigas do Brasil.

**LA VIE UNIVERSITAIRE**, de Paris. Este excellente revista destinada aos estudantes de todos os paizes que se acham na Universidade de Paris apresenta, em Março, um numero igual aos demais que tem publicado: claro, variado, interessante, completo. O numero comprehende os seguintes artigos: G. Dupont Ferrier: *O velho bairro latino*; John L. Gerig: *as relações intellectuaes entre as Universidades da França e da Columbia*; Stephane Lascar: *Maurice Long*; J. Adam: *a cultura physica não existe*; Edme Tassy e P. Leris: *os recursos do trabalho intellectual* e opiniões, informações, noticias diversas e igualmente proveitosas.

**REINE DE L'AMERIQUE LATINE**, de Paris. Sempre interessante e de proficua leitura, esta revista amiga do Brasil apresentou um excelente numero de Março. Compõem este numero umas visões modernistas de Ramon Gomez de la Serna que intítula novas paizagens imaginarias da America, um estudo sobre a Perichole, segundo Prosper Mérimée e Richard Palma por Ventura Garcia Calderon em que o eminente escriptor peruano nos retrata Mérimée, apaixonado de exotismo e fervente das cousas hespanholas", procurando na volupia os relampagos que sublinham os contornos das almas; "a alma de Ruben

Dario, por Jean Cassou; um inquerito, já iniciado no numero anterior, sobre a *America e a felicidade da humanidade*, que esperamos seja concluida afim de synthetisa-la para os nossos leitores; uns fragmentos do diario de um pintor em que Léon Gauthier descreve impressões da cordilheira e dos pampas. Segue-se a *anthologia americana* que comprehende tres traducções de autores latino-americanos: *A estatua de sal* de Leopoldo Lugones, *Os extases da montanha* de Julio Herrera Reissig e poemas de Juana de Harbouru, cuja volupia ardente e desesperada está superiormente transporta em francez por Francis de Miomandre. Termina este numero um noticiario farto e variado.

**LE REVUE MONDIALE**, de Paris (Numero de 1º de Março de 1923).

Após um inquerito sobre o futuro do theatro em que não aprendemos grande cousa, o Sr. Claude Berton publica um estudo sobre os *Estados Unidos em frente da Europa*, o Sr. Lacaze Duthiers um sobre a renovação da esthetica. De Edouard de Keyser um romance: *Les passionnés*, estudos de Jacques Normand sobre Mounet Sully et Coquelin, duas glorias do palco francez; de Waldemar George sobre o Salão dos Independentes de Pariz; de Jean Esptein sobre a decoração no cinema, de Nicolas Segur sobre Ernest Renan e varias chronicas.

**A AGUIA**, organ da Renascença Portuguesa. do Porto, nos dá em seu numero de Janeiro (o ultimo por nós recebido) uma série de bellas paginas em prosa de Leonardo Coimbra, Raul Brandão, Alberto Pimentel, A. A. Mendes Corrêa e Claudio Bastos e versos de Luis Cardini: uma commovente e singela transposição do *hymno de São Francisco de Assis*; de Teixeira de Pascoais, um soneto allucinante: *Espectro* e um harmonioso poema de Domingos Monteiro: *Quando rompe a manhã*. Bibliographia interessante; um notavel retrato de Antonio Carneiro.

**A ORDEM**, 2ª série, Ns. 6, 7 e 8. Janeiro a Março de 1923: Esta revista de cultura, que dirige o escriptor Sr. Jackson de Figueiredo, com orientação catholica, é uma das nossas mais estimaveis publicações, onde se debatem questões de alta indagação philosophica, religiosa social e critica, conseguindo, através de grandes esforços, manter uma linha de conducta e um criterio, honrosissimo para a nossa imprensa. Ainda neste ultimo fasciculo, que temos sob os olhos, encontramos artigos da melhor valia, subscriptos não só pelo seu director, bem como pelos Srs. Alexandre Corrêa, Perillo Gomes, Durval de Moraes, Dona Amelia Rodrigues, Jonathas Serrano, Hamilton Nogueira, Mario Sette, Mario Serrano, Padre Manoel Tobias e outros, além de varios artigos de redacção e copioso noticiario. No meio da incontinencia dos nossos costumes, por entre uma imprensa que agora se povôa de revistinhas immoraes. *A Ordem* é um attestado das forças da reacção, que vingarão por certo, para salvar o paiz desse remoinho de residuos decadentes, que nos deu a hora inquietada do presente.

**MERCURE DE FRANCE**, de Paris. O numero de 1º de Março, apresenta-se rico em collaborações de valor. Convem notar: "Renan", excellent estudo de Gabriel Brunet; do Dr. Pierre Maurice, um artigo scientifico documentado sobre o "Rejuvenescimento"; uma novella de Claude Gével: "L'aveugle et la paralytique"; "Poemes", de R. R. Bertrand; "O enigma de Jesus, por P. L. Couchoud; "Lekain", por Georges Lote; "Le ju-

gement des Buchettes", por Pierre Vigot; um romance da autora Rachid: "Le chateau des deux Amants", e um vasto noticiario sobre theatro, litteratura franceza e estrangeira, sciencias, geographia, arte, historia, etc.

**LE MONDE NOUVEAU**, de Paris, sob a direcção do Sr. Van der Vlugt e do Sr. Gustave Louis Tautain. Esta revista alcançou um dos primeiros logares entre as publicações congeneres do mundo intellectual. O seu numero de 15 de Março não está abaixo dos outros. Notamos um sério estudo de Henri Bachelin sobre o romancista tão discutido hoje Louis Dumur; um outro sobre o artista Cappiello, por Ugo Ojette; mais um de Hans Kohn sobre André Spire e um bello artigo de André Lebey, sobre "Isis e Pallas"; um inquerito de Constant Bourquin; uma visão do "Declínio da sociedade burgueza", que caracteriza a actual phase historica do mundo civilizado, dois contos ineditos de Louis Perpaud e a traducção franceza de um romance do celebre escriptor hollandez Louis Couperus: "O Cavallo Alado", originalmente publicado em "hors texte", formato de livro. Um noticiario sobre a quinzena internacional (pois o "Mondé Nouveau" é publicado todos os quinze dias) completa este numero interessante.



A "Seara Nova"

O grupo literario que fundou a revista "Seara Nova" — publicação com intuitos de reconstruir a moral litteraria e social — acaba de dirigir ao paiz um manifesto que denominou "Appello á nação". E' um escripto bem feito, aparte das correntes politicas, partidos ou systemas com que se encaram os problemas graves que agitam a nacionalidade. Abre com uma resenha interessante das deficiencias actuaes do Estado; tem pinceladas carregadas a avivar erros, e, apontando o passado glorioso luso, appella para o esforço reorganizador e patriótico da grey. A vida nacional — affirma — só pôde seguir bom caminho com um "governo nacional", em pleno exercicio das suas funcções, sendo-lhes concedido o adlamento das secções parlamentares. Cuidadosamente, em artigos e paragraphos, o "Appello á nação" traça o programma governativo de reorganização nacional. No capitulo de politica geral, como em todos os outros, o "Appello" apresenta idéas claras. Algumas: ministerio de salvacão publica, com facultades excepcionaes; reorganização da força publica, reduccão dos ministerios a oito e seguimento da actual politica externa. Quanto ás finanças, o "Appello" é pobre. Diz os erros passados, mas não aponta alvitres. Na politica orçamental, e pela reduccão das despesas do Estado. Desenvolve ainda a politica fiscal, agraria, bancaria, cambial, etc., etc. Todas estas idéas são excellentes e não muito difíceis de exprimir. Com

# PARC ROYAL

## PARA HOMENS

### ROUPAS BRANCAS

Sortimento composto de todos os artigos necessarios á toilette masculina, desde o mais vulgar ao mais raro, do despendioso ao mais modesto.

**PREÇOS CONSCIENCIOSOS**  
PREÇOS DO

## PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL



muito menos trabalho e erudição do que o manifesto do grupo que dirige o "Appello", todos os portugueses, estão há muito convencidos de que são estas idéas que os podem salvar.

Mas se dizer é fácil, realizar é difícil. Se tributar, se apresenta facilmente ao espirito das populações das cidades; nas do campo já a questão muda de figura. Todos os programas governamentais são velhos apelos á nação. Não queremos dizer com isto que este seja uma cópia fiel dos outros. O que apenas queremos significar é que muitos homens que, fóra do poder, blasonavam de "salvadores", apenas no governo, sentem os effeitos dos mil erros commetidos; quasi um seculo de desregramentos. Para se conseguir pelo methodo de bom caminho, são precisas lutas titánicas em que muitas vezes ficam esmigalhados os que as promovem com boas intenções. O "Appello á nação", que é assignado por Basílio Telles (fallecido ha dias), Leonardo Coimbra, Raul Proença, Camara Reis, Jayme Cortesão, Pina de Moraes, Augusto Casimiro, prova, no entanto, que os escriptores portuguezes se preocupam com o problema de governar bem.

### Conferencia sobre Camillo

Na Associação dos Arqueologos realizou em 16 de Março passado uma interessante conferencia sobre "Camillo através dos registos parochiaes", o Sr. Paulo Ferreira, funcionario do Registro Civil, que foi apresentado pelo Major Sr. Ferreira de Lima, que presidiu. O conferente, depois de affirmar que Portugal foi o primeiro paiz da Europa que instituiu o registo parochial catholico (isso devido ao arcebispo D. Affonso, que o estabeleceu em 1536) refere-se longamente ao livro em que se encontrava exarado o assento de baptismo de Camillo Castello Branco e acrescenta: "Era este um dos livros do registo parochial da freguezia dos Martyres, de Lisboa, onde logo na capa, embora em caracteres quasi apagados, notei a indicação, como refulgente seta em directriz, de que adiante figurava o nome de Camillo. E como antes tivera lido, tanto em jornaes de que mal me recordava, como no interessante livro do Sr. Antonio Cabral — *Camillo de Perfil* — que a lápide do Largo do Carmo — referente á data do nascimento estava errada, embora modificada — tal opinião em um outro seu livro depois publicado — *Camillo Desconhecido* — foi com natural curiosidade que li o assento de baptismo do qual se têm extrahido e publicado certidões, mas quasi sempre erradas. Li, porém, com espanto, a data que no assento figura como sendo a do nascimento de Camillo — 16 de Maio, depois de verificar que o assento tem a data de 14 de Abril do mesmo anno, dia em que, effectivamente, fóra baptisado.

"Como era possível que Camillo tivesse sido baptisado antes de nascer? Tratava-se, não havia duvida, dum grosseiro engano. Mas as duvidas nasceram e por toda a parte se formularam hypotheses sobre a data certa do nascimento. Teria Camillo nascido em Abril e sido baptisado em Maio, como seria logico, ou nascera, porventura, em Maio, e fóra baptisado, no mez seguinte? Publicar-se é certo, o *Romance do Romancista*, do Sr. Alberto Pimentel, e alli se transcreveu a certidão de baptismo de Camillo, mas com tal precipitação ou proposito que não se fez caso do engano existente no livro de baptismo e se publicou a certidão como se Camillo tivera nascido em Março (como de facto nasceu). Isso mesmo se averiguou pelo primitivo assento inutilizado, ao qual se refere também o Sr. Alberto Pimentel.

"Li attentamente o primeiro assento de baptismo que havia sido inutilizado e do qual, portanto, se não tiravam certidões, tentando decifrar todas os seus dizeres, visto estar cheio de rasuras, e borrões de tinta igual á empregada no registo. E uma pergunta suggeriu logo ao meu espirito: Porque fóra inutilizado o primeiro assento baptismal de Camillo? Teria havido apenas a intenção de omitir o nome da mãe — Jacintha Rosa — que no ultimo não vem mencionado, (e segundo affirmou o Sr. Ludovico de Menezes) por motivos ponderosos respeitantes ás convenções sociaes ou de familia? Eis aqui a página interessante de um romance cujo thema nunca foi aproveitado pelo tragico escriptor portuguez. Com effeito, pela reconstrução do primitivo assento e do seu confronto com o segundo, parece que fóra aquelle o unico motivo da repetição. Após algum trabalho, consegui essa reconstrução e da sua leitura uma certeza resultou logo: "A data do nascimento de Camillo, pois o equivoco do segundo assento estava aclarado, sem sombra

de duvida, no primeiro; Camillo nascera em 16 de Março, e foi baptisado em 14 de Abril de 1825."

Depois de esmiuçar com erudição o conteúdo dos dois assumptos baptismaes, o conferente analisa uma affirmação do Sr. Ludovico de Menezes — a de que "residindo os paes de Camillo, em 1825, numa casa da rua da Rosa, é licito concluir que Camillo deve ter nascido na freguezia das Mercês" — e diz:

"Esta singular e inesperada revelação veio avolumar mais ainda o mysterio do baptismo de Camillo, pois vem desmentir os registos parochiaes. Não seria absolutamente incrível o facto, aliás extravagante, de o pai de Camillo ir baptisar seu filho a uma freguezia que não fôsse aquella onde nasceu. O Sr. Ludovico de Menezes decerto tentará fazer a demonstração plena desse nebuloso e hypothetico acontecimento. Mas até lá, permittam-me que eu tenha a vaidade de sustentar a minha opinião contra tudo e contra todos. E esta duvida que eu agora levanto vem tanto mais a proposito quanto é certo que, segundo informações da Arcada, se pensou já em mudar o nome de freguezia de Sacramento para freguezia de Camillo Castello Branco, havendo chegado essa pretensão ao Ministerio do Interior.

"E' mais um erro a juntar aos que existem, a não ser que se justifique a pretensão no facto de Camillo ter lá morado. Repetindo, accentuarei que Camillo, o glorioso autor desse formosissimo poema que é o *Amor de Perdido* — nasceu na freguezia dos Martyres. Assim o demonstram os documentos officiaes e se nos fôsse dado tirar do assumpto razões de ordem sentimental e psychologica, em dizia que assim deve ser. O Destino que o predestinou para a Dór e para o Martyrio, marcou-o desde o berço com o seu sello: Camillo — o grande Martyr da Vida, de cujo soffrimento só pôde libertar-se dando-se a morte, não podia pertencer a outra freguezia que não fôsse a dos Martyres — talvez para conservar e justificar através dos seculos — essa característica e expressiva denominação christã.

E já que é nosso desejo prestar ao glorioso martyr todo o culto de uma sentida admiração, venho repisar uma idéa que eu queria ver effectivada: é a da collocação de uma lápide na igreja dos Martyres, commemorando o nascimento e baptismo de Camillo, como se fez no atrio da entrada principal de Sé, com o padre Antonio Vieira. Alli diz-se que o grande orador nascera naquella freguezia sem indicar o logar do nascimento. E' o que se deve fazer a respeito de Camillo, quer se venha a descobrir de facto, quer não, o logar certo em que nasceu. Assim, prestariamos a nossa homenagem ao grande escriptor, sem receio que mais tarde nos vissemos na contingencia de transferir a lápide como ha de succeder naturalmente com a do largo do Carmo."

A assistencia, entre a qual se viam muitos camillianistas, applaudiu calorosamente o orador, que recebeu cumprimentos após terminar a sua interessante conferencia.

### A Antologia Luso-Brasileira

As quintas-feiras litterarias e elegantes do Theatro Nacional em proi da anthologia luso-brasileira na Alemanha têm marcado um acontecimento notavel em Lisboa. E' de louvar esta bella iniciativa e a maneira gentilissima como o publico tem correspondido aos nobres e patrioticos intuitos dos seus promotores.

No salão de festas do Theatro Nacional reuniu-se uma assistencia muito selecta, para ouvir a palavra elegante do Dr. Trindade Coelho, que fallou com notavel brilho sobre "O cyclo poetico de Junqueiro". Homens de letras, artistas, estudantes e muitas senhoras encheram completamente a sala, que ouviu com religiosa attenção, durante uma hora, a interessantissima conferencia do illustre jornalista e escriptor.

Fez a apresentação do conferente o Dr. Cardoso de Oliveira, illustre embaixador do Brasil, que tem prestado o seu melhor concurso á obra que se pretende levar a cabo de divulgação da "Anthologia Luso-Brasileira" na Alemanha.

O insigne diplomata, que é ao mesmo tempo um poeta distinctissimo, traçou num breve discurso, de uma grande perfeição litteraria, um elogioso perfil do Dr. Trindade Coelho, referindo-se com palavras de louvor á sua obra jornalística e litteraria. Recordou a personalidade interessantissima de Trindade Coelho, pae, cuja perda representou uma grande perda para as letras nacionaes.

Fallou da preocupação constante que o autor de "Os meus amores" mostrava pela

perfeição da forma, contando como mandou queimar a edição de uma obra sua, em que havia algumas paginas que lhe não agradavam.

Mas em Trindade Coelho essa preocupação traduzia-se numa duvida, que lhe atormentava o espirito: a duvida de que mais tarde, a sua obra não satisfizesse o espirito de seu filho. Disse depois, com notavel brilho, como o Dr. Trindade Coelho é o legitimo principe-herdeiro de uma riquissima fortuna em virtude e em talento. As suas palavras foram sublinhadas com o mais caloroso applauso da assistencia.

Subiu, depois, á tribuna o Dr. Trindade Coelho, que a sala inteira saudou com viva sympathia. O conferencista, depois de agradecer ao Dr. Souza Costa a amabilidade do convite, disse que a sua conferencia era pequena de mais para poder abranger a obra enorme de Junqueiro. Fallou das tendencias litterarias da sua geração de Coimbra, a que o Dr. Souza Costa pertenceu, affirmando com sincera modestia, que essa geração fallou na arte, nas letras e na politica.

A conferencia que vae dizer não é inteiramente inedita, affirma, porque já teve occasião de se referir, no Porto, á obra magistral do grande poeta.

Todo o sentido pantelista e lyrico da obra de Junqueiro passou na conferencia scintillante do illustre escriptor, em phrases perfectas, de uma grande belleza litteraria e do mais puro lyrismo que em prosa se pôde conseguir.

A sua analyse da obra genial do grande poeta incidiu particularmente sobre "Os Simples", a mais portugueza, a mais perfeita e a mais sentida das obras de Junqueiro. O Dr. Trindade Coelho fallou depois sobre a simplicidade na arte, que é tão difficil conseguir, recitando algumas quadras populares do mais perfeito sentido lyrico; são pequenas obras primas, de ingenuidade, algumas, e outras de uma ironia graciosa e modelar. Lembrou o lyrismo ingenuo e perfeito de João de Deus, e, fallando das satyras de Guerra Junqueiro, não esqueceu o nome glorioso de Gomes Leal.

Dirigindo-se ao embaixador do Brasil, recordou também o nome que hoje se tornou querido e popular na grande Republica irmã: o de Catullo da Paixão Cearense. Deve-se a este extraordinario poeta a definição mais perfeita de saudade que existe em lingua portugueza.

O Sr. Trindade Coelho, e esta foi um das partes mais interessantes da sua conferencia, referiu-se em seguida ao sentido mystico e religioso da obra de Junqueiro. Ha pouco tempo ainda, duma visita que fez ao poeta, e em que este lhe deu o mais caloroso e amavel incitamento á sua campanha jornalística a favor do ensino religioso nas escolas. Guerra Junqueiro declarou-lhe que uma escola sem Deus era o maior attentado que se podia commetter contra a liberdade de consciencia. O poeta sente-se cada vez mais apaixonado da idéa de Deus.

Quando tem a sensação de que está proximo d'Elle nada o preocupa, ao contrario do que succede quando se sente longe da idéa de Deus: um grão de areia é o bastante para o abalar. O conferencista leu algumas phrases lapidares de Junqueiro que a assistencia ouviu num recolhimento de Cathedral.

Terminando, referiu-se em palavras de sentido e caloroso elogio ao desapparecimento de Ruy Barbosa, esse grande espirito que se formou no culto disciplinado do direito. E como elle, orador, educou o seu espirito na obra monumental de Ruy Barbosa, não podia deixar passar a oportunidade que tinha de se referir á morte do eminente brasileiro, dada a circumstancia de estar presente o illustre representante do Brasil em Lisboa.

Agradeceu a maneira gentilissima como a assistencia ouviu a sua conferencia e terminou por entre os mais vivos applausos, sendo muito felicitado por amigos e admiradores.

## LIVRARIA VICTORIA

Compra e vende livros sobre todos os assumptos. Avalia, cataloga e encarrega-se da conservação e reforma de bibliothecas.

**R. A. MOURINHO**

ESTABELECIDO DESDE 1899

Rua General Gamara, 190

Telephone, Norte 6261

RIO DE JANEIRO

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz : AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.  
Na Allemanha --- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCESSAL NO RIO DE JANEIRO

## 11, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL. FRs. 50.000.000**

**CAPITAL REALISADO**

**Acções Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes com direito de reembolso antecipado.

**DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES**  
Abertura de crédito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc.

SÈDE SOCIAL EM PARIS:

**39, BOULEVARD HAUSSMANN 39**

Sede de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço Telegraphico-FRANCO

CAIXA FCSTAL 307

TELEPHONES

Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**



# Livraria Garnier

Rua do Ouvidor 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

## PEÇAM CATALOGOS

### COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

Machado de Assis, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10000
Os Poetas 2 volumes enc.	20000
Contos Brasileiros, Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10000
Visão de Tântalo, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10000
José de Alencar, por Mário de Alencar	10000

### BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon	As Dândocs e as Crenças, enc.	8000
"	Psychologia das Multidões, enc.	8000
"	Psychologia dos Novos Tempos, enc.	8000
"	Psychologia Política, enc.	8000
"	A Revolução Franzeza e a Psychologia das Revoluções, enc.	8000
Smiles	Ajuda-te, enc.	8000
"	O Character, enc.	8000
"	O Dever, enc.	8000
"	A Economia, enc.	8000
"	O Poder da Vontade, enc.	8000
"	Vida e Trabalho, enc.	8000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

## "SUL AMERICA"

### SEGUROS DE VIDA

Vinte e sete annos de constante progresso

Resultados obtidos durante o anno de 1922 - 1923

NOVOS SEGUROS realizados em prêmios pagos.	106.791	Contos de réis
SEGUROS EM VIGOR em 31 de Março de 1923	350.000	Contos de réis
RECEITA de anno de 1922—1923	23.790	Contos de réis
SINISTROS.	3.493	Contos de réis
A SEGURADOS sobreviventes, em liquidação de apólices vencidas e resgatadas.	3.343	Contos de réis
SOBRAS DOS SEGURADOS.	1.166	Contos de réis
EMPRESTIMOS A SEGURADOS, sob caução das suas apólices	8.936	Contos de réis
Em resumo a Companhia tem pago a segurados beneficiarios, até 31 de Março de 1923:	91.169	Contos de réis

Para mais informações consulte as agências apólices da "SUL AMERICA"

109 DO OUVIDOR - RIO DE JANEIRO

Matriz—Rua Bethencourt da Silva N. 15